



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Sociais**  
**Departamento de Brasília**

**Gabriella Dourado da Silva**

**Violência contra mulheres no ambiente acadêmico: uma análise sobre  
estudantes de cursos de exatas do campus Darcy Ribeiro da Universidade  
de Brasília**

**MONOGRAFIA**

**Brasília**

**2018**

**Gabriella Dourado da Silva**

**Violência contra mulheres no ambiente acadêmico: uma análise sobre  
estudantes de cursos de exatas do campus Darcy Ribeiro da Universidade  
de Brasília**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de sociologia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharel em sociologia.

Orietador: Luís Augusto Sarmento Cavalcanti de Gusmão

Brasília

2018

Gabriella Dourado da Silva

Violência contra mulher no ambiente acadêmico: uma análise sobre estudantes dos cursos de exatas do campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília / Gabriella Dourado da Silva – Brasília, 2018

Orientador: Luís Augusto Sarmiento Cavalcanti de Gusmão

Monografia – Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Sociais

Departamento de Sociologia, 2018

**Gabriella Dourado da Silva**

**Violência contra mulheres no ambiente acadêmico: uma análise sobre  
estudantes de cursos de exatas do campus Darcy Ribeiro da Universidade  
de Brasília**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de sociologia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharel em sociologia.

Data de aprovação: 5 de julho de 2018

**Banca Examinadora**

---

Luís Augusto Sarmiento Cavalcanti de Gusmão

---

Ana Cristina Murta Collares

Brasília

2018

Aos meus pais, Rosângela e Cláudio, com amor.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha graduação em sociologia aprendi muito e sou feliz pela escolha que fiz. Quando penso no futuro, não me imagino exercendo outra profissão. Foram quatro anos e meio de muitas leituras, ensinamentos, desafios e superações. Pois é, chegar até aqui não foi fácil. Os obstáculos foram grandes e por diversos momentos pensei em desistir. Perdi as contas das noites que passei em claro em minha cama pensando que não seria capaz de chegar até o fim. Segui caminhos tortuosos, que muitas vezes se mostraram dolorosos e obscuros. Mas a cada queda, tive alguém muito importante para me levantar e para me mostrar que tudo valeria à pena. E hoje, eu posso afirmar com convicção que valeu à pena. Esse trabalho, por mais singelo que seja, expressa todo o caminho que percorri, todo aprendizado que adquiri e toda luta que enfrentei. Não poderia, então, deixar de agradecer a cada um que me ajudou nesse período e que me mostrou que o final dessa história não precisava ser marcado pela dor, mas sim por muitos sorrisos.

O meu maior agradecimento é para os meus pais, que desde sempre se dedicaram profundamente à minha criação. Nunca mediram esforços para me ver feliz e para me dar a melhor educação possível. Sei que não foram poucas as vezes que abdicaram dos seus próprios sonhos para abraçar os meus, e hoje espero ter dado a eles pelo menos um pouco de orgulho. Também quero agradecer ao meu irmão, que sempre acreditou no meu potencial e me incentivou a seguir em frente. Amo vocês.

Todos os meus amigos foram importantes, pois sem eles eu não estaria aqui. Me deram força, coragem, vontade de vencer e diversos momentos de alegria. Mas não posso deixar de falar separadamente de duas amigas de infância, as quais nutro uma amizade de mais de 15 anos. A primeira delas é a Andressa Boaventura, que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis. Não foram poucos os dias de conselhos e choros. Mas também não foram poucos aqueles repletos de felicidade. Ela esteve presente nas minhas maiores conquistas e sempre vibrou junto a mim. A Paula Greco também foi crucial nesse processo. Nunca permitiu que eu me sentisse só e nunca deixou de me mostrar que sou capaz de atingir os meus sonhos.

Ao longo da minha graduação, recebi um grande presente: a Comunidade da Luta. Ali, não aprendi somente o Muay Thai, mas também que o significado de família não se restringe apenas a laços consanguíneos. Além de ter encontrado uma válvula de escape para a minha ansiedade, encontrei amigos que quero levar por toda a minha vida e que, nos meus altos e baixos, nunca desistiram de mim. São incontáveis os momentos de gargalhadas que

compartilhei com cada um. As broncas também foram muitas, mas cada uma delas me ensinou a ser uma pessoa melhor e a nunca desistir dos meus sonhos. Lá aprendi que jamais posso abaixar a guarda para os meus problemas e que sempre preciso estar em posição de luta para enfrentar os desafios que a vida me impor.

Na faculdade também conheci pessoas maravilhosas e que enfrentaram diversos obstáculos comigo. Mas quero agradecer grandemente ao Antônio Barboni, um amigo que sempre acreditou em mim e me ajudou em vários momentos, inclusive naqueles que tive a sensação de que tudo estava perdido. Meu mais profundo muito obrigada. Os professores que tive o prazer de conhecer também foram cruciais, pois além de me ensinarem grande parte do que sei hoje, me fizeram ter certeza do caminho que quero seguir. Agradeço em especial, ao professor Luís Gusmão, que aceitou, sem objeções e sempre com muita atenção, me orientar neste Trabalho de Conclusão de Curso. Nossas reuniões foram sempre muito produtivas.

Quero agradecer também a oportunidade que a professora Lourdes Bandeira me deu ao permitir que eu fizesse parte do grupo FEMIVIDA. Foi a partir dele que consegui me reencontrar na Universidade e me apaixonei pelas discussões de gênero. Sou mais do que agradecida à Fernanda Mendes, que além de ter sido crucial na minha entrada no grupo, é fundamental para ele. A sua garra, determinação e organização sempre me estimularam a seguir e a dar o melhor de mim na pesquisa que participei até então. Fora todas as conversas e conselhos que trocamos uma com a outra. Por fim, quero agradecer a professora Ana Martins, nossa co-orientadora, que sempre nos ensinou, estimulou e apoiou muito. O grupo FEMIVIDA não seria o mesmo sem você.

Sonhe com aquilo que você quer ser  
porque você possui apenas uma vida  
e nela só se tem uma chance  
de fazer aquilo que quer.

Clarice Lispector



**Resumo:** Sabe-se que a instituição escolar é fundamental para a reprodução de padrões sociais. Desde pequenas, normalmente, as meninas são ensinadas a serem cuidados e a gostarem de ler e escrever, enquanto os meninos são estimulados a gostarem de cálculos matemáticos. Esse cenário possui reflexos no ensino superior, que, conforme as estatísticas nacionais mostram, é marcado pela existência de guetos ocupacionais de acordo com o gênero dos sujeitos. Enquanto as mulheres se encontram majoritariamente nas áreas que envolvem educação e saúde, os homens se dedicam aos números. Entretanto, em razão da presença de diferentes masculinidades e feminilidades, várias mulheres optam por seguir carreira na área de exatas e sofrem preconceitos, já que são consideradas desviantes do padrão. Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar os tipos de violência sofridos pelas estudantes inseridas nos cursos de exatas do *campus* Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília, e para isso, foram analisados questionários e entrevistas direcionados a elas.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1-</b> Alunos Regulares Ativos Registrados nos Cursos de Graduação, por Semestre e Sexo, UnB, 2016.....	40
<b>Gráfico 2 -</b> Idade.....	44
<b>Gráfico 3 -</b> Raça/Cor.....	45
<b>Gráfico 4 -</b> Estado Civil.....	45
<b>Gráfico 5 -</b> Orientação sexual.....	46
<b>Gráfico 6 -</b> Identidade de Gênero.....	46
<b>Gráfico 7-</b> Local de Residência.....	47
<b>Gráfico 8 -</b> Renda Familiar.....	48
<b>Gráfico 9-</b> Ano de Ingresso.....	48
<b>Gráfico 10 -</b> Tempo diário de permanência das estudantes no campus.....	49
<b>Gráfico 11-</b> Meio de Transporte.....	49
<b>Gráfico 12 -</b> Percentual de estudantes distribuídas nas áreas do conhecimento.....	50
<b>Gráfico 13-</b> Percentual geral de estudantes que já sofreram algum tipo de violência no Campus.....	51
<b>Gráfico 14 -</b> Percentual de estudantes que já sofreram algum tipo de violência no Campus de acordo com a área do conhecimento.....	51
<b>Gráfico 15 -</b> Agressor/a (Percentual Geral).....	52
<b>Gráfico 16 -</b> Percentual de estudantes de exatas que afirmaram que o/a agressor/a foi homem.....	52
<b>Gráfico 17-</b> Percentual de estudantes da área de exatas que já sofreram desqualificação intelectual.....	53
<b>Gráfico 18 -</b> Percentual de estudantes que já sofreram desqualificação intelectual de acordo com a área do conhecimento.....	54
<b>Gráfico 19 -</b> Atitude do/a agressor/a (Percentual Geral).....	55
<b>Gráfico 20 -</b> Percentual de estudantes de exatas que afirmaram que o agressor agiu naturalmente após a violência.....	55
<b>Gráfico 21 -</b> Relação agressor(a)/Comunidade (Percentual Geral).....	56
<b>Gráfico 22 -</b> Relação agressor(a)/Comunidade de acordo com as estudantes de exatas.....	56

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
METODOLOGIA.....	13
Capítulo 1: Uma revisão de literatura sobre gênero e educação.....	16
1.1 Feminismo e o surgimento da categoria gênero .....	16
1.2 Gênero e Poder .....	20
1.3 Contribuição dos Homens e a Construção de Masculinidades.....	25
1.4 Gênero nas Escolas .....	29
1.5 Gênero no Ensino Superior .....	34
1.5.1 O Caso do Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília .....	39
Capítulo 2: O cenário de violência contra mulheres nos cursos de exatas do <i>Campus Darcy Ribeiro</i> da UnB.....	44
2.1 Perfil Socioeconômico Geral das estudantes respondentes.....	44
2.2 Perfil Acadêmico Geral das Estudantes.....	48
2.3 Violência no <i>Campus Darcy Ribeiro</i> .....	51
2.3.1 Algumas considerações sobre os dados quantitativos .....	57
Capítulo 3: O que as estudantes têm a dizer? .....	59
Considerações Finais .....	78
Referências Bibliográficas.....	81
ANEXOS .....	85
Anexo 1- Áreas do conhecimento do CNPQ.....	85
Anexo 2 – Áreas do Conhecimento.....	86
APÊNDICES .....	87
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO.....	87
APÊNDICE 2: CARTA DE AUTORIZAÇÃO .....	97
APÊNDICE 3: TÓPICO GUIA DAS ENTREVISTAS .....	98
APÊNDICE 4: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	99

## INTRODUÇÃO

Dados nacionais apontam que as mulheres são a maioria dos ingressantes, matriculados e concluintes nos cursos de graduação no Brasil, entretanto possuem a tendência de se concentrarem nas áreas de “Educação”, “Saúde e Bem-Estar Social” e “Serviços”. Enquanto isso, os homens estão concentrados nas áreas de “Engenharia, Produção e Construção” e “Ciências, Matemática e Computação” (INEP, 2013). Esse cenário evidencia a existência de guetos ocupacionais no ensino superior brasileiro, formados a partir da atribuição de papéis sociais aos diferentes sexos.

O movimento feminista foi muito importante no final da década de 60 e ao longo da de 70, pois fomentou o debate sobre gênero no interior das universidades ao redor do mundo. Antes disso, era muito comum que as desigualdades sociais entre homens e mulheres fossem explicadas, principalmente, pelas características biológicas de ambos os sexos. Acreditava-se, em geral, que por serem de sexos distintos, homens e mulheres naturalmente teriam funções e comportamentos diferentes. Entretanto, as feministas começaram a defender o argumento de que, na verdade, esse tipo de desigualdade social possuía uma grande contribuição de construções sociais e não apenas de questões biológicas.

Pelo menos em alguns setores das sociedades costuma-se esperar do sexo feminino comportamentos como delicadeza, organização, fragilidade, emoção, entre outros aspectos. Em contrapartida, os homens devem ser durões, desorganizados, fortes e racionais. Percebe-se, então, a criação de dois polos opostos, como se não fosse possível existir variações de feminilidade e masculinidade. Esses padrões são disseminados por uma grande parcela da sociedade e reproduzidos por muitas instituições sociais. A escola, por exemplo, é crucial nesse processo. Uma de suas contribuições é a de que, desde pequenas, as meninas são ensinadas a gostarem de ler e escrever, enquanto os meninos se dedicam aos números, por terem “naturalmente” mais facilidade. Esses padrões educacionais na infância e adolescência possuem repercussões no ensino superior. Não é à toa que os dados apontam a existência de guetos ocupacionais separados de acordo com o gênero.

Entretanto, diversos indivíduos não se identificam com esses padrões socialmente determinados e por isso se fala bastante na existência de diferentes masculinidades e feminilidades. Uma mulher não é obrigatoriamente meiga, delicada e apaixonada pela leitura, assim como um homem não é necessariamente forte, bruto e envolvido com os números. Há, portanto, uma flexibilidade quanto a isso, tendo em vista que as estruturas sociais são passíveis de transformação. Seguindo essa lógica, não são todas as mulheres que optam por seguir

carreiras que envolvem educação, saúde e cuidados no geral. Várias delas se identificam com a área de exatas, por exemplo, e por isso não correspondem às expectativas de grande parte da sociedade, o que pode gerar resistências.

No *campus* Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília, a lógica permanece a mesma do cenário nacional, pois as mulheres representam a maioria do número de matrículas (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA UnB, 2017). Além disso, os homens são dominantes na Faculdade de Tecnologia, no Instituto de Ciências Exatas e no Instituto de Física, enquanto mulheres ocupam principalmente a Faculdade de Saúde, o Instituto de Letras e a Faculdade de Educação. A partir do cenário da UnB e do levantamento feito pela pesquisa “Percepções da violência contra as mulheres no *campus* Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília”<sup>1</sup>, do grupo FEMIVIDA, uma questão veio a minha cabeça: qual o preço que as mulheres de cursos de exatas pagam por terem feito a escolha de se inserirem em um meio tão masculinizado?

Diante desse contexto, a intenção desse trabalho é analisar os tipos de violência sofridos pelas mulheres que fazem parte de cursos da área de exatas do *campus* Darcy Ribeiro da UnB, tendo em vista que elas não seguem o padrão defendido pela maioria e, conseqüentemente, são alvos de preconceitos. Culturalmente, os corpos das mulheres recebem diversas formas de violência e o fato delas estarem inseridas em um ambiente que não é acostumado com suas presenças pode se tornar um agravante. É importante lembrar que não são apenas os homens da área de exatas que praticam a violência, o machismo é cultural e está arraigado em nossa sociedade. Mas, acredito que pelo fato dos debates sobre gênero serem escassos nesses ambientes – existem muitos homens e as matérias ministradas nos cursos não abrem muito espaço para discussão de questões sociais - as mulheres ficam mais propícias a serem alvo de violência.

---

<sup>1</sup> Pesquisa com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, através de recursos provenientes da bolsa de pesquisa da Profa. Lourdes Maria Bandeira, do departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Ademais, contou com o apoio institucional da direção do CEAM/UnB, que tem como diretora a Profa. Dra. Maria Lúcia Pinto Leal / SEI: 23106.044149/2018-55.

## METODOLOGIA

A referida pesquisa - base dos dados quantitativos e qualitativos utilizados neste trabalho - foi realizada no Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília como forma de Projeto de Iniciação Científica (PIBIC – Edital 2017/2018) das bolsistas estudantes do curso de graduação em Sociologia Fernanda Mendes Dias e Ismene de Castro Sousa Rodrigues. No decorrer da investigação, passei a fazer parte da assistência de pesquisa, juntamente com a Anyelle Amarante dos Santos, também graduanda do curso de Sociologia da UnB. Além disso, as demais integrantes<sup>2</sup> do grupo FEMIVIDA foram muito importantes e atuaram como pesquisadoras. O grupo de pesquisa é orientado pela Profa. Dra. Lourdes Maria Bandeira e co-orientado pela Profa. Dra. Ana Paula Antunes Martins, ambas pesquisadoras do NEPEM (Núcleo de Estudo e de Pesquisa sobre as Mulheres), ligado ao CEAM (Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares).

Para realizar a coleta dos dados quantitativos, foram aplicados 827 questionários a estudantes do gênero feminino de diferentes *courses* do campus Darcy Ribeiro entre outubro de 2017 e janeiro de 2018. O instrumento de pesquisa<sup>3</sup> continha três partes: 1) Perfil Socioeconômico da respondente; 2) Violência ocorrida no Campus; 3) Medidas e Providências. O questionário permitia a marcação de mais de uma opção de resposta, além de possuir um conjunto de questões abertas que buscavam entender de maneira mais ampla o fenômeno da violência contra as discentes.

Em razão dos gastos e do número limitado de pesquisadoras, optou-se por trabalhar com uma amostra estratificada equivalente a cinco por cento do total de estudantes matriculadas em cada curso de graduação do *campus* Darcy Ribeiro. Esse percentual foi calculado a partir de uma relação disponibilizada pela Secretaria de Administração Acadêmica da Universidade de Brasília, que apontava o número de estudantes regularmente matriculados no segundo semestre de 2017 na UnB, segundo o curso, turno e sexo. Para facilitar a análise da pesquisa, os 56 cursos do *campus* foram categorizados<sup>4</sup> de acordo com as áreas de conhecimento definidas pelo CNPq.

---

<sup>2</sup> Além das estudantes já mencionadas, da Profa. Dra. Lourdes Maria Bandeira (Professora Titular do Departamento de Sociologia da UnB) e da pesquisadora Ana Paula Antunes Martins (Professora voluntária do CEAM e Doutora em Sociologia pela UnB), fazem parte do grupo: Andreia Maria Cotrin Vieira (Graduanda em Ciência Política), Emanuela Maria Queiroga Ribeiro (Graduanda em Comunicação Social), Ingrid Gomes Martins (Graduanda em Direito), Larissa Gabrielle Vieira de Sousa (Graduanda em Sociologia), Luiza Bão Sobreira (Graduanda em Antropologia), Sofia Guimarães Carvalho Campos (Graduanda em Sociologia), Thayná Faria Rodrigues (Graduanda em Sociologia), Yara de Oliveira Martins (Graduanda em Comunicação Social).

<sup>3</sup> Ver apêndice.

<sup>4</sup> Ver anexo 1.

Desse total, não foram contemplados<sup>5</sup> cinco cursos, sendo que nos restantes: 1) há, no mínimo, uma respondente de cada curso; 2) houve um total entre três por cento e seis por cento do total de estudantes, que somadas, alcançaram 5% da amostra geral.

Os questionários foram distribuídos em sala de aula após a permissão dos/as professores/as responsáveis, sendo que as estudantes ficaram livres para responde-lo ou não. Além disso, para garantir a confidencialidade da pesquisa, os questionários não eram identificados e após o fim do preenchimento eram depositados em uma urna que se encontrava nas salas. Com o fim da coleta dos dados, foi gerada uma base de dados no programa Excel e posteriormente elaborados gráficos no mesmo programa, para facilitar a análise.

A pesquisa é vasta e faz um levantamento de vários tipos de violências sofridas pelas mulheres no *campus* Darcy Ribeiro, além de reflexões sobre o que deve ser feito para modificar o cenário de violência na universidade, sobre o apoio institucional e sobre como as mulheres se sentem no ambiente acadêmico. Diante disso, não utilizei todos os dados da pesquisa, apenas uma parte – foi pedida a autorização necessária<sup>6</sup>. Como a minha intenção era entender o cenário de violência vivenciado pelas estudantes dos cursos de exatas, utilizei somente os dados referentes a elas. Ao todo, foram 74 respondentes. O baixo número de participação tem duas explicações: 1) as mulheres são minoria nos cursos de exatas e por isso representavam um número menor nas salas de aula; 2) elas se mostraram menos dispostas a participarem do preenchimento dos questionários.

Apesar da pesquisa já ter feito uma categorização de todos os cursos da UnB, para atender o objetivo desse trabalho precisei fazer uma nova baseada no modelo presente no Censo da Educação Superior de 2015 e no modelo do CNPq<sup>7</sup>. Nessa análise, entendo como estudantes de exatas aquelas pertencentes à área de “Engenharias”, “Ciências Exatas” e “Ciências da Terra e Química”. Nas duas primeiras, a quantidade de homens é muito maior, enquanto na terceira é equilibrada com o número de mulheres. Inicialmente, apenas as duas primeiras seriam analisadas, justamente pelo fato das mulheres serem minoria. Porém, ao me deparar com os dados da pesquisa, as estudantes da terceira área, apesar de não serem minoria em seus cursos, possuíam as mesmas queixas que as primeiras, o que aguçou a minha curiosidade.

Para atender a parte qualitativa da pesquisa foram realizadas 16 entrevistas, baseadas em um tópico guia<sup>8</sup>, com estudantes dos seguintes cursos: Pedagogia, Nutrição, Letras,

---

<sup>5</sup> Não foram contemplados Teoria Crítica e História da Arte, Desenho Industrial, Química Tecnológica, Educação Artística e Engenharia da Computação, pois as estudantes não foram encontradas nos dias da coleta.

<sup>6</sup> Ver apêndice.

<sup>7</sup> Ver anexo 2.

<sup>8</sup> Ver apêndice.

Jornalismo, Sociologia, Ciências Sociais, Relações Internacionais, Química, Biologia, Medicina Veterinária, Geologia, Engenharia Química, Física, Engenharia Mecatrônica, Engenharia Mecânica e Engenharia de Redes. Porém, para este trabalho foram analisadas apenas dez, que são: Química, Geologia, Engenharia Química, Engenharia Mecânica, Engenharia Mecatrônica, Engenharia de Redes, Física, Nutrição, Pedagogia e Sociologia. A intenção da pesquisa foi abranger todas as áreas do conhecimento para ter uma análise mais consistente.

Inicialmente, o grupo FEMIVIDA elaborou uma chamada no Facebook para recrutar estudantes do *campus* Darcy Ribeiro para a realização de entrevistas, porém não atingimos o sucesso esperado, já que obtivemos contato com poucas. Dessa forma, começamos a passar nos Centros Acadêmicos dos cursos e também conseguimos números dos celulares de estudantes que teriam um possível interesse em fazer a entrevista. Essa forma foi mais eficiente e assim adquirimos um alcance maior de entrevistadas. Todas as entrevistas foram gravadas e realizadas na sala do NEPEM em razão da privacidade e das melhores condições para as gravações.

Por fim, todas as estudantes assinaram um termo de livre consentimento e autorização<sup>9</sup> para o uso de suas vozes para fins acadêmicos, além de terem o anonimato assegurado pelas pesquisadoras. Vale ressaltar que as entrevistas foram voluntárias e a elas contribuíram apenas as estudantes que tiveram vontade de falar sobre o tema. Diante disso, percebeu-se que a maioria das entrevistadas abrangidas pela pesquisa já tinham um engajamento com as discussões sobre gênero.

---

<sup>9</sup> Ver apêndice.



## Capítulo 1: Uma revisão de literatura sobre gênero e educação

### 1.1 Feminismo e o surgimento da categoria gênero

Para que se possa entender melhor do que trata a categoria gênero, é importante resgatar brevemente a história do movimento feminista, já que ambas estão intimamente interligadas. Ela se inicia no fim do século XIX, no período pós-revolução industrial, quando ativistas iniciaram no Reino Unido um movimento, conhecido como *sufragismo*, com o objetivo de ampliar o direito do voto às mulheres. Essa ação ganhou uma amplitude inesperada e logo se disseminou por vários países ocidentais, mesmo que com forças e resultados desiguais. Posteriormente, o sufragismo passou a ser identificado como a “primeira onda”<sup>10</sup> do feminismo. Com a conquista das metas — o direito ao voto feminino — o movimento que tanto chamou a atenção do mundo ocidental, foi atingido por uma certa acomodação (LOURO, 1997).

No caso brasileiro, as mulheres iniciaram a militância feminista como sufragistas nas primeiras décadas do século XX na luta pelo direito ao voto. Nesse contexto, a liderança de maior destaque foi Bertha Lutz<sup>11</sup>. A bióloga, ao voltar da Europa influenciada pelos movimentos sufragistas na Inglaterra e nos Estados Unidos, publicou vários artigos na seção “Rio Feminina” do Rio Jornal, além do aclamado artigo “Somos Filhos de Tais Mulheres” publicado na *Revista da Semana* de 14 de dezembro de 1918, com o pseudônimo de Iracema. Nele, Lutz defendeu ardentemente o direito das mulheres de votar, influenciando na mobilização do movimento sufragista no Brasil. Em 24 de fevereiro de 1932, o então Presidente Getúlio Vargas, através do decreto nº 21.076, instituiu o Código Eleitoral Brasileiro, no qual o artigo 2 determinava que era eleitor/a o/a cidadão/ã maior de 21 anos, sem distinção de sexo (BANDEIRA; MELO, 2010). Após a conquista do direito de votar, algumas brasileiras, como

---

<sup>10</sup> Período de atividade feminista durante o século XIX e início do século XX que se disseminou por diversos países do mundo, tendo como auge a luta pelo direito ao voto feminino.

<sup>11</sup> Bertha Maria Julia Lutz ( São Paulo, 2 de agosto de 1894 – Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1976) foi uma ativista do movimento feminista, bióloga e política brasileira. Ela se dedicou à aprovação da legislação que deu às mulheres o direito de votar e de serem votadas.

Alice Tibiriçá<sup>12</sup> por exemplo, lutaram — de maneira mais tímida, porém não menos importante — pelo acesso à escola e ao mercado de trabalho durante o período de 1940 até 1970.

Foi no final da década de 60 que o feminismo voltou a agir de forma mais intensa e a chamar a atenção mundial, entrando na denominada “segunda onda”<sup>13</sup>. No Brasil, ele passou a ter destaque na década de 70. Agora, o feminismo não tratava apenas de preocupações sociais e políticas, mas também de construções teóricas, o que gerou uma movimentação muito grande dentro dos ambientes acadêmicos com a criação de núcleos de estudos e de pesquisas dentro das universidades (KÜCHEMANN; BANDEIRA; ALMEIDA, 2015). A respeito desse novo momento da militância feminista, a socióloga Guacira Lopes Louro afirma:

“É, portanto, nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas. Algumas obras hoje clássicas — como, por exemplo, *Le deuxième sexe*, de Simone de Beauvoir (1949), *The feminine mystique*, de Betty Friedan (1963), *Sexual politics*, de Kate Millett (1969) — marcaram esse novo momento. Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e “contaminando” o seu fazer intelectual — como estudiosas, docentes, pesquisadoras — com a paixão política. Surgem os estudos da mulher” (1997, P.16).

O feminismo fazia e ainda faz uma clara denúncia do sexismo existente dentro da sociedade, que criou um cenário de inferiorização do feminino e de subordinação das mulheres. Diante disso, as primeiras estudiosas feministas tinham como objetivo tornar visível aquilo que até então havia sido ocultado, tendo em vista que a segregação social e política levou as mulheres a uma condição de invisibilidade em diversos setores, inclusive na ciência. Muito dessa condição surgiu em função do discurso de que o mundo doméstico era o verdadeiro universo feminino. Mas vale ressaltar que desde muito antes da década de 60 as mulheres das classes trabalhadoras urbanas e camponesas já desenvolviam atividades fora de casa e ocupavam fábricas, oficinas e lavouras. Paulatinamente, essas e outras mulheres também começaram a ocupar escritórios, lojas, escolas e hospitais. Porém, suas atividades eram sempre controladas e dirigidas por homens e nunca eram vistas como principais, ou seja, as mulheres costumavam ocupar cargos de assessoria ou auxílio, na maioria das vezes relacionados ao

---

<sup>12</sup> Alice de Toledo Ribas Tibiriçá (Ouro Preto, 9 de janeiro de 1886 – Rio de Janeiro, 8 de junho de 1950) foi uma ativista política e militante feminista brasileira. Foi presidente da Federação de Mulheres do Brasil, além de criadora do Dia das Mães no Brasil e das comemorações do Dia Internacional da Mulher.

<sup>13</sup> Período de atividade feminista da década de 1960 até a década de 1980. Agora as mulheres não estavam preocupadas apenas com os direitos políticos – como na primeira onda –, mas também com o fim da discriminação e a promoção da equidade de gênero por completo.

cuidado e à educação. Dessa forma, as novas feministas passaram a observar esses cenários juntamente com a ocultação do cotidiano trabalho doméstico, além de denunciarem a ausência de mulheres nas ciências, letras e artes (LOURO, 1997).

Até então, as desigualdades sociais existentes entre homens e mulheres eram explicadas, sobretudo, pelas características biológicas de ambos os sexos. O argumento de que homens e mulheres são biologicamente diferentes e de que por isso devem realizar funções distintas e determinadas dentro da sociedade era comum e até mesmo irrecorrível, fosse no âmbito do senso comum ou amparado pela linguagem científica. Consequentemente, surgiu a necessidade de explicar que a desigualdade social em questão não era proveniente das características sexuais dos indivíduos, mas sim daquilo que se diz e se pensa sobre elas. Isto é, o principal não é observar o sexo dos sujeitos, mas o que foi construído socialmente sobre eles. É diante desse cenário que surge a categoria gênero (*gender*), inicialmente utilizada como o oposto de sexo (*sex*), para combater a força desta última categoria, enfatizando a sua dimensão social (LOURO, 1997).

Uma segunda definição de gênero mais recente não o opõe a sexo, na verdade alimenta a percepção “do que seja sexo dentro de um conceito socialmente elaborado de gênero” (CARVALHO, 2012, p.403), já que as diferenças entre os corpos são percebidas de acordo com as construções sociais existentes. É pensando nisso que a socióloga Raewyn Connell (2016) desenvolve o conceito de “*corporificação social*”. De acordo com a autora, o gênero é corporificado, entretanto os corpos humanos não são capazes de existir fora de um sistema social. Falar de corporificação social é entender como os corpos participam das questões sociais, e a forma como as questões sociais influenciam os corpos. Ou seja, é importante reconhecer a agência dos mesmos e não apenas a sua materialidade. Questões como fertilidade, envelhecimento, debilitações, sexualidade, entre outros, são importantes internamente aos processos sociais e não devem ser vistas como condições externas. Toda essa visão tem como objetivo tirar o enfoque biológico do debate e levá-lo para o campo do social, pois é nele que as relações desiguais são majoritariamente construídas.

A partir do momento em que se fala do caráter social do feminino e do masculino é necessário levar em consideração as diferentes sociedades e os diferentes contextos históricos de que tratam, pois isso afasta conclusões essencialistas sobre os gêneros. Estes, na verdade, são um processo, uma construção social, e não algo rígido, determinado, que exista a priori. Esse conceito escancara a necessidade de se pensar de modo plural, evidenciando que as representações sobre mulheres e homens são diversas. Mais que isso, é curioso perceber que as concepções de gênero não se modificam apenas entre as sociedades ou contextos históricos,

mas também no interior de uma mesma sociedade, uma vez que estas são constituídas por diferentes grupos sociais (LOURO, 1997). Por mais que o gênero seja um fator estruturante da realidade social, é necessário perceber, como afirma Connell (2016), a “*ontoforatividade*” do processo social. Esse conceito envolve a capacidade de criar diferentes realidades sociais ao longo do tempo, pois as estruturas sociais, apesar de serem duradouras, estão em constante processo de desenvolvimento e transformação.

Toda essa discussão de gênero vinha sendo realizada em países como a França, Inglaterra e Estados Unidos desde o fim da década de 60. Porém, no Brasil, ela surge na década de 80, já que inicialmente o feminismo brasileiro deu ênfase aos “estudos sobre a mulher”, não levando em consideração essa categoria. Desde então, gênero passou a ser o centro dos debates feministas dentro das universidades brasileiras e a cada dia que passa adquire maiores avanços nas discussões.

Diante do que foi exposto até então, uma definição de gênero muito utilizada é: “padrões de masculinidade e feminilidade construídos social e culturalmente a partir das diferenças biológicas entre homens e mulheres” (CARVALHO; ANDRADE; MENEZES, 2009, p.17). Quando falamos de padrões, logo pensamos em regras que uma sociedade estabelece para os seus componentes, as quais determinam o modo de andar, vestir, falar, pensar, entre outros aspectos. Dessa forma, seria a partir desses padrões que homens e mulheres assimilariam o que é adequado ou não fazer e assim tentariam corresponder às expectativas sociais. Só é preciso tomar cuidado com esse conceito, pois por mais que ele fale de padrões, não significa que todos os indivíduos se encaixem nos mesmos. Por isso, ao falar de gênero, é importante falar de identidade. Os sujeitos se identificam socialmente como masculinos e femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Porém, estas também estão em contínuo processo de construção e transformação (LOURO, 1997).

A concepção de gênero normalmente está inserida em uma lógica dicotômica, a qual sugere um polo que se contrapõe a outro. Nesse caso, uma ideia singular de masculinidade e feminilidade, que naturalmente se anulam. Porém, essa lógica ignora todos os sujeitos que não se encaixam em uma dessas duas formas. Louro afirma:

“Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito "gênero". Na verdade, penso que o conceito só poderá manter sua utilidade teórica na medida em que incorporar esses questionamentos. Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como "verdadeiras/verdadeiros" mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária” (1997, p.34)

É necessário, então, desconstruir a polarização dos gêneros e problematizar as identidades presentes no interior de cada um deles. A partir disso será possível perceber que existem diferentes formas de feminilidade e masculinidade. No padrão hegemônico, características como fragilidade, medo, sensibilidade, organização, delicadeza são relacionadas à feminilidade, enquanto características como força, coragem, insensibilidade, desorganização, rudeza são ligados à masculinidade. Claramente se percebe a existência de polos opostos, que se excluem. Mas um questionamento é importante: será que todas as mulheres possuem essas características citadas acima? Será que não pode haver uma mulher corajosa, forte e desorganizada? E será que não existe nenhum homem que seja delicado e organizado, por exemplo? Ao recorrermos ao nosso cotidiano, é fácil encontrarmos casos que fogem a essa regra, o que nos mostra que não existe uma essência feminina e nem uma natureza masculina. Na verdade, todas essas características são culturais, aprendidas na sociedade e que podem se modificar durante o tempo histórico. E é justamente seguindo esse caminho que as pessoas vão construindo as suas identidades (CARVALHO; ANDRADE; MENEZES, 2009).

## **1.2 Gênero e Poder**

Os estudos feministas sempre tiveram uma preocupação muito grande com as relações de poder. Como já dito, inicialmente eles se preocuparam em mostrar as formas de invisibilidade, submissão e opressão das mulheres. Com isso, a palavra “patriarcado” passou a ser muito utilizada para designar “uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens” (DELPHY, 2009, 173). Para Connell (2016), a maioria das ordens de gênero é patriarcal, ou seja, cria privilégios para os homens e subordinação para as mulheres, e conforme foram atingindo uma escala global, “um patriarcado modernizado foi se tornando internacionalmente hegemônico” (p.60).

Connell (2016) dá uma ênfase grande nas consequências que o sistema colonial tem na discussão moderna de gênero. E por isso faz uma ressalva: os pensadores e pensadoras das metrópoles costumam elaborar teorias e aplica-las em uma escala mundial, o que se torna problemático, tendo em vista que cada sociedade possui o seu contexto, principalmente aquelas que tiveram um período colonial totalmente diferente dos países do Norte. Normalmente, pesquisadoras feministas da periferia se locomovem até a metrópole para obter conhecimento e qualificação e assim importam arcabouços teóricos inteiros, os tratando como autoridades. É

diante desse contexto que Connell afirma que as análises de gênero precisam ser melhoradas, pois suas dinâmicas possuem especificidades de acordo com os diferentes contextos coloniais e pós-coloniais. É importante ressaltar que as relações generificadas estão presentes em todo o mundo, mas os países que foram colonizados possuem as suas especificidades, como vamos discutir agora.

A violência generificada foi crucial na configuração das sociedades coloniais e pós-coloniais. A colonização foi um ato generificado, tendo em vista que a força de trabalho imperial era formada em sua maioria por homens retirados de ocupações masculinizadas, como o serviço militar ou o comércio. Além disso, o estupro das mulheres em sociedades colonizadas era considerado algo natural da conquista. A generificação também esteve presente nas economias coloniais, já que os homens foram incorporados nelas como escravos, semiescravos ou migrantes em fazendas e minas. Enquanto isso, as mulheres eram direcionadas aos trabalhos domésticos, da agricultura e fabris e logo depois foram incorporadas como donas de casa e consumidoras (CONNELL, 2016).

O sistema patriarcal tende, então, a reduzir as mulheres à sua capacidade de procriar e por isso elas costumam ser valorizadas como mães ou mães em potencial, especialmente de filhos homens. Essa visão acaba restringindo a sexualidade e a mobilidade delas. Entretanto, a redução das mulheres quanto a sua capacidade de procriação pode gerar consequências alarmantes. A Unicef mostrou que em áreas do Sul Global, onde a pobreza e a cultura incentivam o casamento precoce, pelo menos dois milhões de meninas tiveram de aprender a viver com alguma deficiência resultado de fístulas obstétricas. Além disso, as mulheres que carregam outras deficiências podem ser vistas pela sociedade como possuidoras de uma fertilidade fora do normal e perigosa e por isso muitas vezes são submetidas a esterilizações ou abortos forçados (CONNELL, 2016).

Percebe-se então, a partir da lógica colonial, que as mulheres foram associadas a tarefas de cuidados da casa e educação dos filhos, enquanto os homens ocupavam posições de maior destaque e poder, provocando a invisibilidade das mesmas diante da sociedade. Atualmente, o patriarcado ainda se faz presente, mas com outras configurações. Connell afirma:

“Um exame da colonialidade do gênero precisa, de maneira similar, atender às continuidades históricas no poder global entre a era colonial e o presente. No entanto, não podemos fazê-lo assumindo que as relações de poder sejam simplesmente as mesmas. É necessário considerar a colonialidade do gênero como ela ocorre na era das empresas transnacionais, da internet e da política global neoliberal” (2016, p.41).

A partir da década de 70, as mulheres trabalhadoras passaram a se inserir massivamente no mercado de trabalho, o que aumentou a autonomia econômica delas ou as distanciaram pelo menos um pouco das normas do provedor e da dona de casa, aumentando a pressão para mudanças nas masculinidades. Além disso, o investimento público na educação com o objetivo de criar uma força de trabalho mais competitiva nos mercados mundiais, abriu as portas da educação superior e do mercado de trabalho profissional para mulheres de classe média, mesmo que em menor quantidade quando comparado aos homens de classe média. Além disso, apesar das mulheres agora terem a oportunidade de se qualificarem, os retornos salariais dos homens são maiores (CONNELL, 2016).

O mundo empresarial transnacional ainda é fortemente masculinizado, já que a riqueza e o poder se acumulam, sobretudo, nas mãos dos homens. Entre as 500 maiores empresas transnacionais de 2007, em 2% delas mulheres ocupavam cargos como executivas chefes (CEO's). Isto é, em 98% delas os homens assumiam tal posição, evidenciando a tamanha desigualdade existente entre os gêneros no mercado de trabalho (CONNELL, 2016). Para exemplificar um pouco melhor esse cenário, Connell fala a respeito do projeto Gender Equity in Public Institutions (Equidade de Gênero em Instituições Públicas), que foi um programa de pesquisas conduzido por uma equipe da Universidade de Sydney e do setor público de Nova Gales do Sul. Uma parte desse projeto analisou os regimes de gênero existentes em cinco agências públicas da região.

Quando questionados/as sobre a segregação de gênero existente no ambiente de trabalho, os/as participantes se mostraram cientes de que vivemos em uma época de mudanças. Os/as funcionários/as antigos/as disseram que quando jovens as expectativas profissionais das mulheres eram muito pequenas e limitadas, todos os chefes eram homens, o nível educacional era diferente, além das mulheres terem de usar saia e utilizar flertes para alcançar seus objetivos. Agora as mulheres mais jovens têm melhores oportunidades de trabalho, são mais livres para se expressar, ocupam cargos de chefia, os homens ajudam mais com as tarefas domésticas, além de existir menos assédio e sexismo às claras. Para muitos dos participantes da pesquisa, a sociedade australiana passou a ser mais integrada e igualitária.

Apesar desse contexto de mudanças, Connell afirma que ainda assim foi encontrada uma agência que emprega majoritariamente homens. Além disso, em outra agência, foi encontrado um grupo de pessoas que trabalhava com digitação de rotina, inserção de dados e recuperação de dados de uma base, e eram todas mulheres. Estes foram os ambientes de trabalho mais intensamente segregados por gênero em todo o estudo. Em outros ambientes as mulheres falaram que o sexismo continua existindo dentro e fora do setor público e fizeram relatos sobre

homens arrogantes e opressivos ocupando cargos nas agências. As participantes também afirmaram que, apesar de no setor público a situação ter melhorado bastante, as divisões do trabalho na família mudaram muito pouco, já que as mulheres ainda realizam a maior parte do cuidado com as crianças e as tarefas domésticas.

Connell ainda afirma que a pesquisa realizada em Sidney detectou três tipos de questões de gênero: 1) os homens tinham dificuldade em aceitar as mudanças de gênero no trabalho, principalmente quando se deparavam com mulheres ocupando cargos que não fossem de apoio ou assistência; 2) apesar de na teoria as mulheres poderem ocupar cargos de gerência, na prática a autoridade delas é bastante contestada, ignorada e questionada. Como exemplo, Connell mostra que em um ambiente, um funcionário homem se recusava a aceitar as ordens de uma supervisora mulher e sempre tirava suas dúvidas com um supervisor homem; 3) por fim, uma quantidade considerável de pessoas reclamaram de sofrer discriminação de gênero. Essa reclamação foi feita tanto por homens quanto por mulheres, mas o teor da mesma era diferente. Enquanto as mulheres reclamavam de assédio e sexismo (piadas misóginas, toques, olhares, etc.), os homens se queixavam que as suas gerentes eram feministas que precisavam provar algo contra eles e que eram “vítimas da sororidade”.

Todos esses exemplos chamam a atenção para as relações de poder que perpassam pela questão do gênero. A sociedade atribuiu papéis distintos aos homens e às mulheres de acordo com suas condições biológicas e a eles determinou pesos diferentes, sendo que os papéis masculinos são supervalorizados em detrimento dos femininos. Ou seja, as obrigações relacionadas aos homens sempre foram vistas como mais importantes, não é à toa que eles têm o hábito de ocuparem as profissões de maior destaque e de aparentemente mais responsabilidade. No período colonial, por exemplo, eram eles que comandavam o comércio, os cargos públicos, tomavam conta dos serviços militares e assumiam a condição de provedor de suas casas. Enquanto isso, as mulheres cuidavam dos serviços domésticos e da educação dos filhos, sob as ordens de seus maridos, sendo obrigadas a se mostrarem submissas.

Com o desenrolar do tempo, principalmente com base na expansão do movimento feminista a partir da década de 70, as mulheres passaram a ocupar o mercado de trabalho profissional e o contexto social teve uma grande mudança. Agora elas são mais autônomas economicamente, possuem menos filhos e tem um maior acesso à educação. Esse cenário mostra que as relações de poder de fato se enfraqueceram, porém não deixaram de existir. Na verdade, elas tomaram uma nova roupagem e as mulheres enfrentam novos desafios. Entre eles, a dificuldade de ocupar cargos de liderança dentro de empresas, as diferenças salariais em função do seu gênero, o controle masculino sobre seus corpos, que muitas vezes se manifestam



através de piadas de cunho maldoso nesses ambientes. E quando conseguem atingir os cargos de liderança, precisam lidar com as dificuldades em estabelecer a sua autoridade, já que muitos homens a contestam aberta ou veladamente.

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres no contexto atual não se restringem apenas ao ambiente profissional, mas ao ambiente doméstico também. Muitas delas precisam encarar o desafio da dupla jornada de trabalho, pois apesar de agora poderem participar com mais facilidade do mercado laboral, as tarefas domésticas e a criação dos filhos ainda são atribuídas a elas. Isso gera uma grande sobrecarga física das mesmas, comprometendo o seu bem-estar. Além disso, muitas ainda se encontram em relacionamentos abusivos, que furtam suas identidades, já que grande parte da cultura masculina acredita ter o domínio sobre o comportamento de suas companheiras. É a partir desse pensamento que se desdobram diversos cenários de violência doméstica, por exemplo.

Ao falar de submissão e opressão das mulheres dentro de uma sociedade patriarcal, é necessário ter cuidado para não promover uma vitimização feminina ou para não culpar a mulher por sua condição social de subordinação. A concepção que atravessou um número considerável de estudos feministas foi a de que existe um homem dominante *versus* uma mulher dominada, como se essa fosse a única fórmula possível de existir. Entretanto, algumas estudiosas e estudiosos vêm problematizando essa visão ao falar de formas e locais de resistência feminina e muitas vezes se aproximam de Michel Foucault, filósofo Francês, em suas explicações (LOURO, 1997).

O filósofo vai contra às concepções convencionais e propõe que o poder é exercido em muitas direções, como se fosse uma rede que se estende por toda a sociedade. Para ele, o poder é visto mais como uma estratégia e não como um privilégio que alguém possui rigidamente. Assim, não seria apropriado dizer que um polo sempre possui o poder e o outro não, já que o exercício dele é estimulado entre sujeitos que são capazes de resistir. Essa visão pode ser útil para o movimento feminista, pois implica que homens e mulheres fazem parte de relações que estão em constante negociação, recuos, revoltas, alianças, entre outros, e que não necessariamente possuem um vencedor e um perdedor já predeterminados. Mas isso, claro, não pode abafar o fato de que as mulheres sofrem de maneira mais frequente manobras de poder que as colocam no lugar de subordinadas (LOURO, 1997).

### 1.3 Contribuição dos Homens e a Construção de Masculinidades

Quando o assunto gênero é colocado em questão, a tendência é pensar nas mulheres, afinal são elas as mais atingidas pelas desigualdades e a elas cabe o maior direito de reivindicação para que haja mudanças no cenário social. Entretanto, falar de gênero é também falar de homens e da construção de masculinidades, pois eles são os agentes dessas relações desiguais. Marília Pinto de Carvalho afirma:

“[...] gênero não é sinônimo de mulheres [...], mas inclui homens, mulheres e também símbolos ligados pelo senso comum à feminilidade e à masculinidade. Estes símbolos muitas vezes não têm nada a ver com os corpos sexuados, nem com a reprodução. São, por exemplo: cores (rosa e azul), astros celestes (sol e lua), espaços sociais (público e privado), características humanas (ser racional ou intuitivo), ou ocupações (motorista de caminhão e emprego doméstico), apenas para citar alguns” (2012, p. 402)

Sendo assim, os homens também podem estar envolvidos no caminho da igualdade de gênero. A socialização deles e a cultura machista a qual estão inseridos desde pequenos são as responsáveis pelas suas condutas controladoras e de subestimação da capacidade das mulheres. Em relação ao tópico “contribuição dos homens e a construção de masculinidades”, Connell tem grandes contribuições a oferecer. Segundo ela, o caminho para uma sociedade mais igualitária no que tange a questão de gênero envolve uma profunda mudança institucional (grande parte das instituições reafirmam os padrões hegemônicos de masculinidade e feminilidade), uma mudança na vida cotidiana dos indivíduos, além de diferentes condutas pessoais. Ou seja, esse caminho da igualdade depende do apoio irrestrito da sociedade. Afinal, nós mulheres, assim como qualquer outro sujeito, vivemos dentro de relações sociais, que necessariamente envolvem um conjunto e não se dão de forma isolada.

Nos documentos referentes a políticas públicas de gênero, as mulheres são o centro do discurso e por isso os homens raramente são discutidos em termos concretos. Porém, eles estão presentes como pano de fundo em todas essas documentações, tendo em vista que em cada discussão a respeito das desvantagens das mulheres e dos obstáculos enfrentados por elas, existe uma comparação implícita com eles, que são vistos como um grupo privilegiado. Nos debates sobre violência contra mulheres, os homens constantemente são colocados, de forma explícita ou não, como os agressores. Nas discussões de gênero relacionadas ao HIV, por exemplo, eles também são vistos como o problema, como os causadores da infecção. (CONNELL, 2016).

Quando os homens são vistos apenas como um segundo plano nos discursos de políticas sobre mulheres, se torna muito difícil levantar reflexões sobre os problemas relacionados a eles. Connell afirma que a maneira como as políticas de igualdade de gênero se organiza acabou criando uma oportunidade para políticas antifeministas. Oponentes do feminismo identificaram nas questões sobre homens e meninos um terreno muito fértil, pois muitas discussões desse movimento se esqueceram do caráter relacional de gênero e reduzem mulheres e homens como diferentes segmentos do mercado. De maneira irônica, esse cenário pode gerar ainda mais segregação de gênero, e não menos, que é o verdadeiro objetivo das práticas feministas. Porém, a autora também afirma que levar os problemas relacionados aos homens para dentro das políticas direcionadas a mulheres pode prejudicar a autoridade conquistadas por elas nesse meio da política. Dessa forma, é necessário, então, encontrar um equilíbrio para que se possa ter resultados efetivos.

A importância dos homens na promoção da igualdade de gênero surgiu como pauta em discussões internacionais na década de 1990. A mudança se tornou clara na “Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher”, que ocorreu em Pequim em 1995. O parágrafo 25 da Declaração de Pequim pediu para que os governos participantes encorajassem os homens a se envolverem de maneira mais comprometida em todos os atos favoráveis à igualdade (CONNELL, 2016). Mas será que o cenário atual incentiva os homens a saírem da sua posição de conforto? Connell afirma:

“Apesar dos avanços, a posição dos homens não mudou muito. Os homens continuam sendo a grande maioria dos executivos, profissionais de alto escalão e ocupantes de altos cargos políticos. Em todo o mundo, os homens ocupam nove em cada dez cargos de gabinete em governos nacionais, quase a mesma proporção de cadeiras no congresso e a maioria dos empregos de alto escalão em agências internacionais. Os homens, coletivamente, recebem aproximadamente o correspondente a duas vezes o salário das mulheres e também se beneficiam do trabalho não remunerado das mulheres, sem falar do apoio emocional” (2016, p.97).

A fala da autora deixa claro que os homens têm muito a perder ao lutar pela igualdade de gênero, pois são eles os maiores beneficiados da desigualdade, o que mostra que a situação é bastante delicada. É possível encontrar um padrão de vantagens para os homens, mas vinculado a este há um padrão de desvantagens ou de toxicidade, tendo em vista que os papéis de gênero determinados pela sociedade também são nocivos a eles. Por exemplo: em relação à divisão do trabalho, os homens recebem os melhores retornos salariais e ocupam a maior parte dos cargos gerenciais. Porém, eles também são a mão de obra predominante na maioria das profissões de alto risco, sofrem a maior parte dos acidentes industriais, pagam a maior parte dos

impostos e sofrem muita pressão social para que sempre estejam empregados, afinal o papel de provedor é direcionado a eles. No que se concerne ao poder, os homens controlam as instituições de coerção e os meios de violência, mas também são os principais alvos da violência militar e dos ataques criminosos. Além disso, a quantidade de homens presos e executados é muito maior do que a quantidade de mulheres (CONNELL, 2016).

Mesmo que os homens ganhem benefícios provenientes das relações desiguais de gênero, eles também são muito prejudicados, e é em razão disso que a luta pela igualdade entre os gêneros não é em vão e nem exclusiva das mulheres, apesar de ser importante que elas sejam protagonistas da causa. Alguns homens são conscientes desse cenário e aceitam as mudanças como princípios, mas na prática ainda existem muitos comportamentos que alimentam essa desigualdade. Sociedades que expõem uma forte segregação de gênero podem apresentar uma resistência maior por parte dos homens para reconhecer alternativas ou entender as experiências das mulheres (CONNELL, 2016).

Os motivos que levam à resistência dos homens quanto a esse assunto incluem o dividendo patriarcal e as ameaças à identidade que as mudanças propõem. As definições sociais de masculinidade determinam que os homens devem ser provedores e fortes, logo muitos deles se ofendem com o progresso profissional das mulheres porque faz com que se sintam menos dignos de respeito. É como se as coisas estivessem fugindo do controle que muitos estão acostumados a exercer. Essa resistência também pode expressar a defesa ideológica da supremacia masculina. Raewyn Connell (2016) afirma que pesquisas sobre violência doméstica sugerem que a maior parte dos agressores possuem posturas muito conservadoras em relação ao papel da mulher na família. Essa supremacia masculina muitas vezes é explicada pela religião, biologia, tradições culturais e missão organizacional. Conforme a autora, é um erro acreditar que essas ideias são tradicionais e por isso totalmente ultrapassadas. Na verdade, elas podem ter sido modernizadas e renovadas.

Connell nos mostra que há motivos para ter otimismo em relação à contribuição dos homens na luta pela igualdade de gênero. De acordo com a socióloga, as discussões públicas sobre os homens diversas vezes são inconclusivas, mas já progrediram bastante para enfraquecer a crença de que eles não são capazes de mudar e de que estupro, machismo, brutalidade e egoísmo são características que fazem parte da essência masculina. Na verdade, Connell diz que existem muitos exemplos documentados sobre a diversidade de masculinidades e da capacidade que os homens possuem para apoiar a igualdade. Mesmo que haja um modelo hegemônico muito difundido pelos estratos sociais, vários se desviam dele e expressam um descontentamento significativo com os papéis sociais, basta observar melhor o nosso cotidiano

para se ter essas respostas. Conforme o tempo passa e a discussão sobre gênero se amplia, alguns homens se sentem cada vez mais à vontade para debater sobre aquilo que consideram tóxico dentro dos papéis sociais que a eles são atribuídos.

Diante desse contexto, pedir para que os homens reflitam sobre os seus privilégios e masculinidades com o objetivo de transformá-los pode parecer utópico e até mesmo ingênuo. Mas na verdade, isso é extremamente necessário. Como já discutido acima, mulheres e homens se relacionam socialmente, não vivem isolados uns dos outros. Além disso, são os homens que ocupam, em sua maioria, os setores de maior poder dentro da sociedade, os quais as mulheres, infelizmente, sentem muito dificuldade de chegar. A conscientização dos mesmos é muito importante para que o caminho se torne mais fácil e justo. Porém, isso não significa que todos os homens passarão a pensar da mesma forma e que nunca mais existirão obstáculos na luta feminina. A cultura do machismo e da segregação está enraizada — no entanto não é imutável — na socialização dos sujeitos, o que dificulta o processo de tomada de consciência. Connell afirma:

“Dado o espectro das políticas masculinas, não temos como esperar que haja consenso quanto à igualdade de gênero. O possível é que o apoio à igualdade de gênero se torne hegemônico entre os homens. Nesse caso, grupos que apoiam a igualdade seriam os proponentes de uma agenda de debate público sobre as vidas dos homens e os modelos de masculinidade” (2016, p.111).

A construção de masculinidades é muito importante para entender esse cenário de desigualdade entre os gêneros. Essa construção se dá ao longo do tempo, a partir de encontros dos jovens com o sistema de relações de gênero. Porém, essa masculinidade não é única. Como já dito anteriormente, as ordens de gênero se diferenciam de uma para outra e se transformam ao longo do tempo. Consequentemente, haverá uma grande diversidade nas experiências de masculinidades vivenciadas pelos jovens (CONNELL, 2016).

A adolescência é um clássico exemplo de corporificação social. As mudanças físicas que acontecem durante a puberdade costumam ser o foco nos manuais sobre adolescência. Realmente, esse período da vida dos sujeitos é muito conhecido popularmente por ter como característica a ebulição dos hormônios que fazem os meninos saírem de controle. As mudanças físicas são muito importantes, mas elas não determinam o processo de experiência da adolescência. Aqui é importante entender como as práticas sociais se relacionam com as mudanças físicas dos indivíduos, ou seja, quais são os significados sociais dados aos eventos biológicos da adolescência (CONNELL, 2016).

Um fator importante para a construção da masculinidade é o aprendizado da heterossexualidade, pois ele envolve ensinamentos de como lidar com eventuais parceiras, o que pensar sobre si mesmo, além do aprendizado de técnicas sexuais. Entretanto, há outros espaços de construção de masculinidades e um deles é o esporte. Os esportes de equipe, por exemplo, são muito segregados por gênero e dominados pelos homens. Esse tipo de esporte exige dos homens uma certa demonstração de resistência ao negar a dor e ao continuarem jogando mesmo machucados, além de criar dentro deles um verdadeiro espírito competitivo, os incitando a sempre se reafirmarem como melhores. Isto é, o que se espera deles são características como rudeza, força, insensibilidade, etc. O mundo adulto também costuma ter muita influência nos homens jovens e por isso é muito comum eles reproduzirem ações como fumar, dirigir imprudentemente, praticar a violência física e o sexo desprotegido (CONNELL, 2016).

Muito dessa masculinidade é aprendida dentro de instituições e uma das mais importantes é a escola. É comum que indivíduos passem uma boa parte de suas vidas no interior delas, que são vistas por muitos pais como as responsáveis por garantir a educação de seus/as filhos/as. Lá, as crianças e jovens não aprendem apenas os conteúdos presentes nos livros, mas também formas de se comportar, de se vestir, andar, falar. O que se torna problemático é que parte considerável dessas instituições é guiada pela forma hegemônica de masculinidade e de feminilidade, tentando enquadrar os diferentes comportamentos em um único padrão a ser seguido. Padrão que terá consequências sérias a longo prazo, seja na violência doméstica, na segregação de gênero no mercado de trabalho, na dificuldade de se aceitar diferentes formas de sexualidade, entre outros fatores.

#### **1.4 Gênero nas Escolas**

Muitas escolas entendem bem de diferenças e desigualdades, pois as produz. Desde seus primórdios a instituição escolar separa os sujeitos em adultos e crianças, católicos e protestantes, ricos e pobres e imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 1997). Quando se fala em segregação dentro das escolas é muito comum se pensar na concepção de capital sugerida por Pierre Bourdieu. O autor percebeu que teoricamente a escola é um ambiente em que o conhecimento é repassado de maneira democrática para todos os alunos/as. Entretanto, na prática, aqueles/as estudantes que pertencem às classes sociais mais privilegiadas

possuem uma maior quantidade de capital cultural e com isso conseguem obter vantagens dentro do sistema escolar. Dessa forma, a cultura se torna um instrumento de dominação, já que as escolas passam a priorizar determinados códigos culturais que não são assimilados pelos mais desfavorecidos, que são pertencentes às classes populares. Isto é, a escola não cobra apenas o conhecimento que foi transmitido, mas também outras habilidades, que podem ser fáceis para uns e estranhas para outros, enfatizando as diferenças.

Essa análise de Bourdieu é muito conhecida e utilizada nos estudos de estratificação social e de fato diz muita coisa. Mas a questão da segregação nas escolas vai ainda mais além da categoria econômica, ela envolve gênero, raça, etnia, orientação sexual, entre outros aspectos. A naturalidade com que as escolas promovem as diferenças muitas vezes dificulta a capacidade de notar que no interior delas, onde há a convivência de meninos e meninas, eles e elas circulam e se agrupam de formas distintas. Ao observar, parece que eles “precisam” de mais espaço do que elas, preferem as atividades ao ar livre, além de seguirem uma tendência de invadir os espaços das meninas e de interromper as suas brincadeiras, já evidenciando uma relação de poder (LOURO, 1997).

Durante a vida escolar padrões de conduta são produzidos e incorporados pelos meninos e meninas como se fosse natural. Os primeiros manuais já ensinavam aos mestres os cuidados que eles deveriam ter com os corpos de seus alunos e alunas. Determinavam o modo de sentar e andar, a maneira de colocar cadernos e canetas sobre a mesa, a forma certa de se vestir, etc., criando assim um corpo totalmente escolarizado e distinguindo os meninos das meninas. As escolas femininas, por exemplo, investiam várias horas no treinamento de habilidades manuais de suas alunas com agulhas e pinturas, criando jovens prendadas e dedicadas. Claramente, as recomendações desses antigos manuais foram transformadas. Porém, atualmente existem outras regras, teorias e conselhos em relação às práticas educativas e assim a escola continua promovendo a segregação entre os sujeitos (LOURO, 1997).

Essa distinção e fabricação dos sujeitos dentro das escolas se dá de uma forma muito discreta e até quase imperceptível. Os/as educadores/as desse tipo de instituição agem de uma forma que muitas vezes nos faz acreditar que é natural meninas ou meninos se comportarem de determinada maneira. Mas é justamente das condutas tomadas como naturais que devemos desconfiar, pois é nelas que mora o problema. Se deixar levar por esse tipo de pensamento, coloca de lado a importância das construções sociais na vida dos sujeitos. Guacira Lopes Louro afirma:

“Afinal, é "natural" que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que "naturalmente" a escolha dos

brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem" para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão "características" de cada gênero? Sendo assim, teríamos que avaliar esses alunos e alunas através de critérios diferentes? Como professoras de séries iniciais, precisamos aceitar que os meninos são "naturalmente" mais agitados e curiosos do que as meninas? E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos "preocupar", pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando "desvios" de comportamento?" (1997, p.63)

Dentre todos os campos em que podem ser estabelecidas relações de desigualdade, a linguagem é um muito eficiente e suas armadilhas perpassam todas as práticas escolares. Em seu livro *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, Louro (1997, p. 68) dá como exemplo a pesquisa de Valerie Walkerdine (1995, p.214). Analisando a relação das meninas com a matemática, Walkerdine relatou em seu estudo que quando os resultados dos alunos e alunas não correspondiam à expectativa (isto é, a expectativa padrão de que as meninas fracassem e os meninos tenham sucesso), as explicações dos/as professores/as eram bastante curiosas. Em relação a uma menina que conseguiu atingir o ensino superior de sua turma, eles/as falavam que ela era muito esforçada e dedicada, enquanto em relação a um menino que tinha dificuldade de escrever o seu nome acreditavam que isso ocorria não em função da ausência de inteligência, mas sim por causa do seu jeito hiperativo de ser. Além disso, os/as professores/as não utilizavam o adjetivo "brilhante" para as meninas. Eles/as acreditavam que as estudantes iam bem por seguirem as regras e se comportarem adequadamente.

Os livros didáticos e paradidáticos também são objetos comuns de investigação de pesquisadores/as para entender como são feitas as representações de gêneros, grupos étnicos, das classes sociais, entre outros. Muitas análises mostram a existência de dois mundos distintos: um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino. Ou então, eles indicam atividades que são relacionadas aos homens e outras às mulheres. A configuração das famílias também é abordada nesses livros e normalmente elas são constituídas de um pai, uma mãe e dois filhos, um menino e uma menina. As pesquisas ainda mostram que nesses livros é comum falar de profissões ou tarefas "características" de brancos/as, negros/as ou índios/as, as quais se enquadram no padrão hegemônico das etnias (LOURO, 1997).

Se em algumas áreas escolares os padrões de gênero são estabelecidos de uma forma sutil, nas aulas de Educação Física esse processo é feito de maneira mais explícita. Como essa disciplina é muito vinculada à biologia, concepções dessa natureza são muito utilizadas para explicar a separação das turmas femininas e masculinas. A noção de que as mulheres são fisicamente menos capazes do que os homens é ainda muito aceita e são visões como essa que



impedem que as meninas participem de jogos ou atividades físicas consideradas masculinas ou então as obriga a criarem regras para que os jogos possam se adequar à “debilidade” feminina. Além disso, a Educação Física parece ter uma preocupação a mais com a relação de sexualidade das crianças, já que essa é uma área que trabalha de maneira explícita com o domínio do corpo (LOURO, 1997).

Muitos/as estudiosos/as do gênero, principalmente aqueles/as que se debruçam sobre o tema das masculinidades, que é o caso da já citada autora Raewyn Connell, por exemplo, dão um destaque no papel dos esportes e da ginástica no processo de formação dos indivíduos. A prática de esportes é vista como algo “natural” pelos homens e o seu oposto é encarado como algo que está errado, uma vez que o esporte “faz parte dos corpos masculinos”. Na nossa sociedade, por exemplo, gostar de futebol é praticamente uma obrigação para qualquer garoto “normal”. Já as meninas são levadas a evitar esportes que tem um grande contato físico ou exige uma certa agressividade, pois atividades assim vão contra ao ideal de feminilidade, que é relacionado à delicadeza e à fragilidade. Além disso, adicionam a esse tipo de argumento, que esses jogos podem machucar os seios ou os órgãos reprodutores das meninas. Diante desses exemplos, não é difícil perceber que o que as escolas propõem é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais (LOURO, 1997).

O gênero é uma categoria estrutural, que perpassa todos os meios sociais, todas as instituições. Então, é interessante perguntar: qual é o gênero da escola, tendo em vista que ela é intimamente relacionada com a produção de padrões de comportamento? Alguns/as acreditam que o gênero da escola é feminino, pois são as mulheres que mais atuam nesses espaços. E por quê? As instituições escolares exercem tarefas que envolvem o cuidado, a vigilância e a educação, que são consideradas tradicionalmente femininas. Além disso, muitos discursos pedagógicos tentam demonstrar que as práticas escolares se aproximam das relações familiares, ou seja, precisam ser pautadas no afeto, carinho e atenção. No ambiente doméstico, essas são funções atribuídas às mães, logo nada mais “justo” que as mulheres ocupem majoritariamente os espaços educacionais (LOURO, 1997).

Outras pessoas acreditam que o ambiente escolar é masculino, pois nele se lida com o conhecimento e esse é historicamente produzido pelos homens. Ou seja, um argumento possível é o de que por mais que as agentes do ensino sejam as mulheres, elas ocupam um universo que é notadamente masculino, pois são os homens que produzem a maioria do conhecimento que as mesmas passam para os seus alunos. Ambas as argumentações possuem um sentido e são merecedoras de reflexão, mas o que é inquestionável é que a escola é atravessada pelos gêneros (LOURO, 1997).

No Brasil, a instituição escolar foi primeiramente masculina e religiosa. Os jesuítas, além de se preocuparem com a catequização dos índios, também se empenharam na formação dos meninos e jovens brancos dos setores dominantes da sociedade. As primeiras escolas brasileiras, então, comandadas por esses religiosos, eram claramente um espaço masculino que tinha como objetivo formar católicos exemplares. Esse modelo de ensino permaneceu no país por um longo período até ser afastado, conseqüentemente gerando rupturas. Aos poucos esses ambientes escolares passaram a ser mais diversificados e a instituição mostra ter outra configuração: não é à toa que ocorreu a feminização do magistério.

No caso brasileiro foi a partir da segunda metade do século XIX que começaram a permitir a presença de mulheres nas salas de aula e o seu predomínio como docentes. É válido lembrar que a resistência das mulheres no mercado de trabalho foi se tornando menor nas áreas que envolvem educação. A cultura patriarcal determina que o casamento e a maternidade são tarefas femininas fundamentais, e por isso qualquer atividade profissional seria considerada como um desvio da norma, a não ser que suas ocupações se enquadrem nos padrões femininos ditados pela sociedade. No caso do magistério, a profissão exige zelo, carinho, cuidado, compreensão e várias outras características exigidas de uma esposa e de uma mãe (LOURO, 1997).

Todos esses exemplos dados pela autora Louro tornam mais claro o cenário de segregação de gênero vivido pelas crianças e jovens dentro das instituições escolares e mostram que gênero é uma construção social. Não é natural do sujeito agir sempre de maneira rude ou delicada, na verdade esses são padrões que a todo instante estão sendo impostos sobre os indivíduos e o que se espera é que eles assim o sigam. Ou seja, gênero, dentro dessas instituições, é considerado como algo dado, definido, já predeterminado, não é à toa que as mesmas apresentam uma grande resistência para falar sobre o tema. Nos últimos tempos começou-se a falar no Brasil, de maneira mais explícita, sobre a discussão de gênero nas escolas. Essa proposta movimentou diversos setores da sociedade, entre eles os mais conservadores, que acreditam que esse tipo de discussão pode subverter valores tradicionais considerados essenciais e por isso não a apoiam. Mas falar de gênero se torna importante, pois são esses padrões de feminino e masculino, definidos desde a infância, que criam um cenário de violência e discriminação contra mulheres.

Uma questão muito interessante que se desenvolve nas escolas e que será discutida melhor com a pesquisa que mais para frente será aqui apresentada, é o fato de que há uma divisão do conhecimento de acordo com aquilo que é considerado feminino ou masculino. Isto é, normalmente se têm a ideia de que os meninos possuem mais facilidade com as áreas que

envolvem exatas, enquanto as meninas se desenvolvem melhor nas áreas de humanas. Esse pensamento nasce justamente a partir da naturalização dos padrões de masculinidade e feminilidade. Acredita-se que naturalmente os meninos são mais racionais e por isso se dão melhor com os números. Em contrapartida, as meninas são vistas naturalmente como mais emotivas e sensíveis, e por isso apresentam um desempenho melhor nas atividades de leitura e escrita.

Percebe-se que existe uma subestimação da capacidade das mulheres baseada no seu sexo e no que se espera socialmente dele. Mas, na verdade, o que acontece é que os padrões de gênero dificultam que as escolas estimulem as habilidades das meninas com os números e dos meninos com a leitura e a escrita. Isso tem consequências no futuro, quando chega o momento de escolher as profissões. Em razão da visão polarizada de gênero, acaba-se criando *locus* ocupacionais femininos e masculinos, sendo que o segundo é socialmente mais valorizado que o primeiro, além de ser encarregado de receber os maiores retornos salariais e prestígios sociais.

### **1.5 Gênero no Ensino Superior**

Para falar sobre a questão da segregação de gênero no ensino superior, é interessante, primeiramente, entender o conceito “teto de vidro” que vem sendo muito utilizado nos estudos que retratam as diferenças de vantagens entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Esse fenômeno é caracterizado pela menor velocidade com que as mulheres ascendem em suas carreiras, tendo como consequência a sua sub-representação nos cargos de liderança das organizações e nas altas esferas do poder, do prestígio e dos maiores retornos salariais (VAZ, 2013).

O teto de vidro é um fenômeno de segregação vertical, porém uma de suas causas é justamente a segregação horizontal. Por meio desta, as mulheres são levadas a seguirem caminhos que são distintos daqueles escolhidos pelos homens. O arranjo familiar e escolar influencia as meninas a se considerarem mais aptas para o exercício de certas atividades relacionadas com os padrões de feminilidade, como já visto ao longo desse estudo. Dessa forma, a segregação horizontal faz com que as escolhas de carreiras sejam muito marcadas por gênero, criando guetos ocupacionais. Como as profissões femininas costumam ser menos valorizadas no mercado de trabalho é comum observar o predomínio de mulheres nas atividades menos prestigiadas e mais mal remuneradas, fortalecendo a segregação vertical (OLINTO, 2011).

De acordo com o Censo da Educação Superior de 2015 realizado pelo INEP, as mulheres são a maioria entre os ingressantes (55,2%), os matriculados (57,2%) e os concluintes (61,4%) nos cursos de graduação. Ou seja, de maneira geral, o graduando no Brasil é do gênero feminino. Entretanto, percebe-se a tendência das mulheres de se aglomerarem nos cursos que envolvem educação, saúde e cuidados em geral. Entre os 20 maiores cursos de graduação em número de matrículas no ano de 2015, as mulheres eram a maioria na Pedagogia (92,8%), Enfermagem (84,7%), Psicologia (81,1%), Recursos Humanos (80,2%), Serviço Social (90,7%), Fisioterapia (80,4%), Farmácia (73,2%) e Nutrição (87,9%). Enquanto isso, os homens ocupavam predominantemente cursos como Engenharia Mecânica (90,1%) e Engenharia Elétrica (87%), mostrando a tendência dos mesmos de se dedicarem à área de exatas (INEP, 2015).

É notável que esse é um padrão que vem se repetindo, já que o Censo da Educação Superior do ano de 2013 também trouxe dados muito semelhantes. Como as mulheres são a maioria das matriculadas nas universidades, na categoria privada a área mais significativa em número de matrículas de graduação é “Ciências Sociais, Negócios e Direito” (2.532.782) e, na categoria pública, a área mais expressiva é “Educação” (596.719). Dessa forma, observa-se que o percentual do sexo feminino nas instituições privadas é bem alto nas áreas de “Educação” (79,1%), “Saúde e Bem-Estar Social” (77,8%) e “Serviços” (61%), enquanto essas mesmas áreas nas instituições públicas, respectivamente, correspondem a 64,4%; 72% e 59,7%. Em contrapartida, os homens são maioria nas áreas de “Engenharia, Produção e Construção” e “Ciências, Matemática e Computação”. Nas instituições privadas essas áreas correspondem a 69,4% e 71,5%, enquanto nas instituições públicas correspondem a 66,4% e 65,2% (INEP, 2013).

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) tem como objetivo fomentar a pesquisa científica e tecnológica, além de formar pesquisadores brasileiros, e para isso faz concessões de bolsas em diversas universidades do país. Porém, um fato curioso é de como essas bolsas são distribuídas de acordo com o sexo. Dados de 2014 fornecidos pelo conselho mostram que as mulheres recebiam 51% das bolsas. Porém, elas estavam concentradas nas áreas de Linguística, Letras e Artes (65%), Ciências Sociais Aplicadas (57%), Ciências Humanas (60%), Ciências da Saúde (68%) e Ciências Biológicas (61%). Enquanto isso, os 49% de homens que recebiam bolsas estavam concentrados nas áreas de “Engenharias e Ciências da Computação” (60%) e “Ciências Exatas e da Terra” (65%). A única área em que a distribuição entre os sexos foi idêntica foi “Ciências Agrárias” (CNPq, 2014).

Todos esses dados mostram que as mulheres são maioria nos cursos de graduação, porém também são maioria nos cursos que possuem um menor prestígio social, além de terem os menores retornos salariais – como enfermagem, pedagogia e letras. Esses fatores mostram como alguns setores da educação superior no Brasil são sexistas. Porém, esse cenário é um reflexo daquilo que já vindo sendo passado nas escolas de ensino infantil, fundamental e médio, a partir do momento em que as meninas são ensinadas a desenvolverem suas habilidades com leitura e escrita e os meninos com os números. Pinto, Carvalho e Rabay (2017) no artigo “As relações de gênero nas escolhas de cursos superiores”, analisaram alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública do estado da Paraíba a partir da aplicação de questionários e entrevistas. O resultado encontrado por elas não fugiu do padrão estabelecido. Os meninos, majoritariamente, tinham o objetivo de optar por cursos da área de Ciências Exatas, da Natureza e tecnológicas (46%) em contraste com 23% das meninas. Elas, por sua vez, preferiam os de “Ciências Humanas e Sociais” e “Ciências da Saúde”, que juntos representaram 73,6%. Algo curioso captado pelas autoras foi que uma aluna, ao optar por psicologia, afirmou que tinha a consciência de que o seu salário seria pouco, mas que ela tinha muito interesse em agir com as pessoas e ajudar o próximo.

Cardoso e Santos (2014), fizeram uma etnografia em uma escola municipal da cidade Moita Bonita - SE em uma turma do 5º ano do ensino fundamental, com os alunos, alunas e a professora responsável, sob o objetivo de entender como se dão as aprendizagens a respeito dos conteúdos matemáticos e se o ser homem e o ser mulher interferem nesse processo. No currículo de matemática investigado, elas observaram que os meninos são produzidos para que possam ter mais facilidade do que as meninas no aprendizado. Eles são mais estimulados a participarem da aula de Matemática e dizem gostar da disciplina mais do que das outras. Não é à toa que demonstraram mais espontaneidade e interação uns com os outros durante as aulas. Para a professora, as meninas gostavam mais das disciplinas de artes e religião. Diante dessa observação, já é possível perceber que a experiência feminina, na maioria dos casos, não faz parte do currículo de matemática.

Quando as autoras entrevistaram os meninos para averiguar o discurso da professora, eles disseram que tinham dificuldade em disciplinas como História, Geografia e Redação. Porém, todos que foram entrevistados afirmaram gostar muito de matemática e que não sentiam dificuldades com os cálculos. Conforme as autoras, em uma das aulas a professora pediu para que as crianças utilizassem a tabuada e um dos meninos afirmou que não precisava dela. Além disso, uma menina foi chamada ao quadro para resolver um problema e errou a resposta, o que fez com que os meninos comesçassem a ridicularizá-la e a afirmarem que eram mais inteligentes.

Para Cardoso e Santos, as meninas, por sua vez, parecem aceitar passivamente a condição de “menos inteligentes”. Quando as alunas foram questionadas, disseram gostar mais das disciplinas de Português, História e Geografia. Apenas uma afirmou gostar de Matemática por ser mais fácil de entender (CARDOSO; SANTOS, 2014). Aqui já é possível observar que gênero não é algo fixo e determinado, existindo diferentes formas de feminilidade. Entretanto, os padrões existentes silenciam essa variedade.

Essa igualdade de gênero pode ser naturalizada porque os sujeitos não observam que isso é construído por eles próprios. A professora, ao dar aulas de Matemática sempre incitava mais os meninos do que as meninas e direcionava as aulas para eles, até elaborando problemas envolvendo os seus nomes. A ideia de que os meninos são melhores com os números está tão naturalizada que a professora não investia nas meninas. Em uma das aulas, ela chamou 5 alunos/as ao quadro e apenas um era menina, a qual não quis responder. A professora, por sua vez, não a incentivou. De um modo geral, quando as meninas não queriam responder aos problemas matemáticos ela não insistia e sempre solicitava algum menino para responder. Ao incentivar mais os meninos do que as meninas, ela produz uma diferença (CARDOSO; SANTOS, 2014), não por uma questão individual, mas sim porque essa tendência está enraizada na instituição escolar.

Outra coisa que foi analisada com cuidado pelas autoras foi o livro didático de matemática utilizado dentro de sala de aula. Este explorava muito o conhecimento discente, entretanto tinha um foco excessivo em personagens e nomes masculinos, além de utilizarem atividades como futebol, corrida de Fórmula 1, etc., para explicar os conteúdos. Isso deixa claro o interesse que se tem em atrair a atenção dos meninos para essa área do conhecimento. Em um dos capítulos do livro, sobre “adição e subtração com números naturais”, o autor colocou apenas figuras de meninos e quando apareciam figuras de adultos, predominava-se o sexo masculino. Em um certo momento no livro apareceu um problema matemático com a figura de uma menina. Este era relacionado com a compra de bonecas com uma certa quantidade de dinheiro. Vale ressaltar que esses objetos são caracterizados como típicos de meninas. Em outros problemas que surgiram ao longo do livro, as meninas faziam pão de queijo, torta e pizza. Ou seja, quando o desafio estava relacionado com a produção de comidas ou doces, o autor citava as meninas. Percebe-se que nos currículos escolares elas estão relacionadas com uma essência feminina calma, atenciosa e ligada ao mundo doméstico. (CARDOSO; SANTOS, 2014).

Diante desse contexto, a norma estabelecida pela sociedade é que as mulheres se envolvam com as profissões que estejam ligada às áreas de humanas, educação e saúde. Quando elas resolvem seguir profissões consideradas masculinas, conseqüentemente sofrerão

resistências. Por exemplo: no artigo “Engenheiras Brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional”, Maria Rosa Lombardi (2006) fala dos desafios enfrentados pelas mulheres que resolvem se inserir no campo da engenharia. A maioria dos/as entrevistados/as de sua pesquisa afirmou que no trabalho ser homem engenheiro e mulher engenheira não é a mesma coisa. Existem algumas áreas que são mais resistentes à presença das engenheiras, entre elas a engenharia civil, já que é uma profissão que mexe com obras e construções. Um dos entrevistados era um engenheiro de 56 anos, o qual afirmou que esse ambiente não combinava com as mulheres, pois era abrutalhado e envolvia o trabalho pesado e sujo. Outra entrevistada, uma mulher de 50 anos, afirmou que mesmo fora do canteiro de obras, a mão de obra feminina não é bem vista.

Além disso, uma das engenheiras entrevistadas disse que no campo da engenharia civil é comum que as mulheres tenham de desenvolver um certo estilo de comportamento que se aproxime dos profissionais do sexo masculino. Isto é, muitas delas precisam se “endurecer” para que sejam melhores aceitas nesses ambientes. A entrevistada deu o exemplo de uma amiga que encorpou esse modelo, passando a falar palavrões para tentar se legitimar no meio e assim sofrer menos discriminação. Outra entrevistada disse que as obras, com o tempo, passaram a aceitar mais mulheres, porém elas realizavam preferencialmente a atividade de gerenciamento do canteiro, cuidando das compras de materiais e seleção do pessoal. Raramente eram responsáveis pela obra (LOMBARDI, 2006). Percebe-se que mesmo que as mulheres tenham sido, com o passar do tempo, melhores recebidas nesses ambientes que envolvem obras, elas ainda são encarregadas de atividades que exigem cuidados e organização, características consideradas femininas. O trabalho bruto e pesado fica com os homens, já que na teoria eles são fortes e resistentes, ao contrário das mulheres.

Seguindo esta mesma lógica, um engenheiro de produção afirmou que foi aberta uma área de trabalho, chamada de consultoria em informática, para engenheiros de ambos os sexos, em razão do desenvolvimento da indústria do *software* empresarial. Entretanto, para ele, as engenheiras poderiam se dar melhor nessa área, pois envolve alguns “dons” femininos como saber se relacionar com os outros, saber ouvir, ter paciência, ensinar, etc. Esse mesmo engenheiro afirmou que algumas áreas da engenharia são mais fáceis para os homens do que para as mulheres. Por exemplo: é preferível que os homens fiquem trabalhando dentro de uma fábrica, pois o trabalho é mais duro e muitas vezes envolve força. Enquanto isso, seria mais apropriado para as mulheres se dedicarem à área de consultoria e laboratórios. De acordo com a autora, de fato parece existir menos obstáculos ao ingresso das mesmas nos laboratórios. Mas ainda assim, há uma segregação de gênero. Em laboratórios onde são desenvolvidas atividades

de produção, o predomínio é masculino. Em laboratórios onde a atividade analítica é principal, a predominância é feminina (LOMBARDI, 2006).

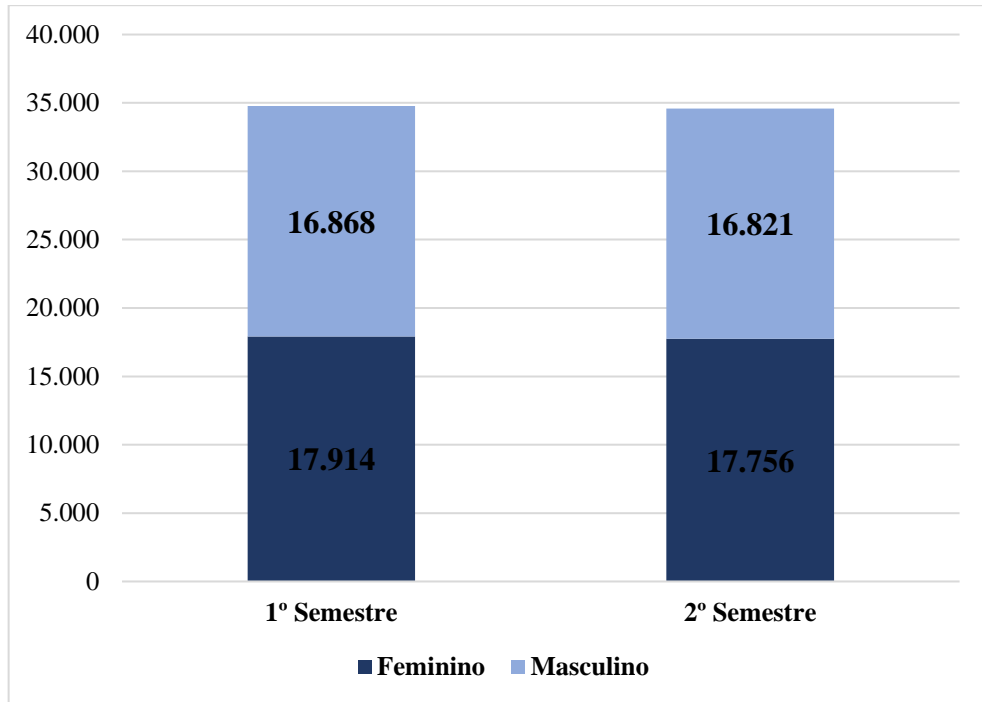
Diante do contexto aqui exposto, fica claro que a segregação de gênero reproduzida no mercado laboral está intimamente ligada às escolhas dos/as estudantes durante o ensino superior, médio, fundamental e infantil. Existem áreas do conhecimento que são marcadamente femininas, enquanto outras são masculinas, tanto que diversas estatísticas oficiais comprovam esse cenário. Mas essa diferenciação vem sendo construída desde o primeiro processo de socialização das crianças, quando são advertidas dos comportamentos considerados femininos e masculinos. Até então, pensamos no cenário da segregação de gênero em um âmbito mais geral. A partir de agora, quero trazê-lo para uma realidade mais particular e muito próxima a mim, já que a experimentei durante quatro anos e meio: a realidade vivenciada pelos/as alunos/as do *Campus Darcy Ribeiro* da Universidade de Brasília (UnB).

### **1.5.1 O Caso do Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília**

Ao analisar os dados mais recentes referentes ao número de alunos/as da Universidade de Brasília, é possível perceber que a universidade em questão segue o padrão nacional mostrado por diferentes estatísticas oficiais, já que as mulheres representam a maioria na quantidade de matrículas. No ano de 2016, havia 17.756 (51,4%) alunas matriculadas nos cursos oferecidos pela instituição, em oposição a 16.821 (48,6%) homens, o que reforça a ideia de que as mulheres, apesar da diferença não ser muito grande, são as que mais se formam no ensino superior brasileiro.



**Gráfico 1- Alunos Regulares Ativos Registrados nos Cursos de Graduação, por Semestre e Sexo, UnB, 2016**



Fonte: Anuário Estatístico da UnB de 2017

A segregação de gênero nos cursos também seguiu o padrão nacional, pois os homens mostraram ser a maioria nas engenharias e nas ciências exatas (Faculdade de Tecnologia, Instituto de Ciências Exatas e Instituto de Física). Enquanto isso, as meninas se concentram, principalmente, nas áreas de saúde, linguística/letras e educação (Faculdade de Saúde, Instituto de Letras e Faculdade de Educação), conforme mostra a tabela 1. As demais unidades acadêmicas apresentam diferenças entre os números de mulheres e homens, porém, as faculdades/institutos referidos acima expressaram uma distinção muito grande, mostrando que seus cursos são marcadamente masculinos ou femininos e reforçando os estereótipos de gênero que são criados dentro da sociedade brasileira. Porém, é importante ressaltar, conforme mostram os dados da UnB, a presença considerável de mulheres em cursos altamente prestigiados em diversos setores da sociedade, como Medicina e Direito. Aqui, o problema não é mais a sua baixa representatividade, mas sim as dificuldades que elas enfrentam para ocupar cargos de liderança.

**Tabela 1 - Alunos Regulares Ativos Registrados nos Cursos de Graduação, por Unidade Acadêmica e Sexo, *Campus Darcy Ribeiro, UnB, 2016***

Unidade Acadêmica	1º semestre			2º semestre		
	F	M	Total	F	M	Total
Centro de Excelência em Turismo – CET	177	105	282	181	116	297
Faculdade de Comunicação – FAC	626	394	1020	636	414	1050
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FACE	1.311	1.744	3.055	1.245	1.713	2.958
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU	567	260	827	618	259	877
Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária – FAV	694	609	1.303	698	583	1.281
Faculdade de Ciência da Informação – FCI	588	295	883	568	299	867
Faculdade de Direito - FD	544	739	1.283	554	720	1.274
Faculdade de Educação – FE	979	158	1.137	926	143	1.069
Faculdade de Educação Física – FEF	291	550	841	296	547	843
Faculdade de Medicina – FM	229	271	500	243	294	537
Faculdade de Ciências da Saúde – FS	1.294	459	1.753	1.286	450	1.736
Faculdade de Tecnologia – FT	974	2.341	3.315	984	2.386	3.370
Instituto de Ciências Biológicas – IB	604	439	1.043	603	448	1.051
Instituto de Ciências Sociais – ICS	419	304	723	409	309	718
Instituto de Artes – IdA	892	810	1.702	860	827	1.687
Instituto de Ciências Exatas – IE	318	1.259	1.577	304	1.254	1.558
Instituto de Física – IF	74	274	348	79	253	332
Instituto de Geociências – IG	345	399	744	346	391	737
Instituto de Ciências Humanas – IH	1.106	1.015	2.121	1.121	1.021	2.142
Instituto de Letras – IL	1.793	794	2.587	1.678	775	2.453
Instituto de Psicologia – IP	461	174	635	444	166	610
Instituto de Ciência Política – IPOL	236	229	465	230	216	446
Instituto de Química – IQ	413	469	882	433	497	930
Instituto de Relações Internacionais – IREL	234	199	433	242	191	433
<b>Total</b>	<b>15.169</b>	<b>14.270</b>	<b>29.459</b>	<b>14.984</b>	<b>14.272</b>	<b>29.256</b>

Fonte: Anuário Estatístico da UnB de 2017/ Censo da Educação Superior

Todos esses dados revelam o que muitos/as estudiosos/as sobre o tema “segregação de gênero” já afirmam. Porém, ao participar da pesquisa “Percepções da violência contra as mulheres no *Campus Darcy Ribeiro* da Universidade de Brasília”, realizada pelo grupo FEMIVIDA, ao qual faço parte, tive contato com diversos dados que mostram os diferentes tipos de violências sofridos pelas estudantes da UnB no cotidiano do *Campus*. Então, uma

questão veio à minha cabeça: quais são as violências enfrentadas pelas mulheres da UnB que frequentam cursos considerados masculinizados? Sabe-se que a segregação existe e que aquelas que optam por ocupar esses espaços são consideradas um desvio do padrão. Mas qual o preço que elas pagam por isso? É comum sofrerem violência física, psicológica, sexual ou moral? Não considero menos importante as violências sofridas pelas estudantes de outros cursos, mas sigo a hipótese de que as alunas dos cursos que envolvem exatas estão mais propícias a sofrerem certas violências, justamente por estarem em um ambiente predominado por homens, que são considerados os principais agressores.

Minha intenção também não é afirmar que apenas os homens que fazem parte dos cursos que envolvem exatas praticam a violência. Sabe-se que a violência contra a mulher é algo cultural, por isso, geral, podendo ser praticada por qualquer homem. Estes, desde pequenos são inseridos em uma sociedade com práticas machistas e opressoras, em razão de todos os motivos que já foram expostos neste estudo. Vimos que na maioria dos casos, os homens são ensinados pelas instituições a serem fortes, rudes, insensíveis e controladores, o que gera relações de poder muito bem definidas. Entretanto, suponho que os cursos mais relacionados com as áreas de humanas e saúde são formados por pessoas melhores instruídas quanto ao assunto gênero, além de terem uma maior presença feminina, tornando os casos de violência menos frequentes. Isso não significa que os homens que fazem parte dessas áreas não tenham atitudes machistas e violentas, mas por estarem dentro de um ambiente mais politizado quanto ao tema, controlam mais as suas ações. Já nos cursos que envolvem exatas, os debates sobre gênero são escassos. Ao meu ver, por duas grandes razões: 1) eles são formados principalmente por homens; 2) o próprio objeto de estudo desses cursos não permite muita discussão. Dessa forma, práticas de violência podem ser mais frequentes.

Para entender melhor o segundo motivo que venho propondo, quero trazer aqui o exemplo de dois cursos: Sociologia e Estatística. No curso de Sociologia, baseando-se na minha própria experiência enquanto estudante de graduação dessa área do conhecimento, temas como gênero, raça, etnia, sexualidade, são os próprios objetos de estudo. É comum ter disciplinas como “Sociologia das Relações Raciais”, “Sociologia das Relações de Gênero”, “Sociologia da Violência e da Conflitualidade”, entre outros. Isto significa que os debates sobre essas questões fazem parte do cotidiano do curso, que tem como consequência a construção de indivíduos mais conscientes. Já no curso de Estatística o cenário é totalmente diferente. Ao entrar no Matrícula

Web<sup>14</sup> para ver a oferta 1º/2018 do curso, não me deparei com nenhuma matéria que incite algum debate sobre questões sociais atuais. Na verdade, todas elas envolviam números e mais números, que é o objeto de estudo da estatística. Entre as disciplinas estavam: “Estatística exploratória”, “Estatística Computacional”, “Probabilidade e Estatística”, etc. Presumo, então, que o próprio currículo do curso não facilite esse tipo de discussão dentro de sala de aula. Consequentemente, a reprodução do machismo e da discriminação pode ser mais recorrente.

Por fim, esse estudo que venho desenvolvendo não tem como objetivo apenas a análise da estratificação social pautada no gênero, mas também a análise das práticas de violência dentro do ambiente universitário. Essa relação se dará de maneira mais clara no segundo capítulo, em que apresento parte dos dados quantitativos e qualitativos que a pesquisa do grupo FEMIVIDA conseguiu reunir. Digo parte dos dados, pois tal pesquisa não tinha como objetivo analisar apenas as violências existentes nos cursos das áreas relacionadas com exatas. Ela buscou fazer um levantamento de todos os tipos de violência sofrida por meninas de diferentes cursos do *Campus Darcy Ribeiro*.

---

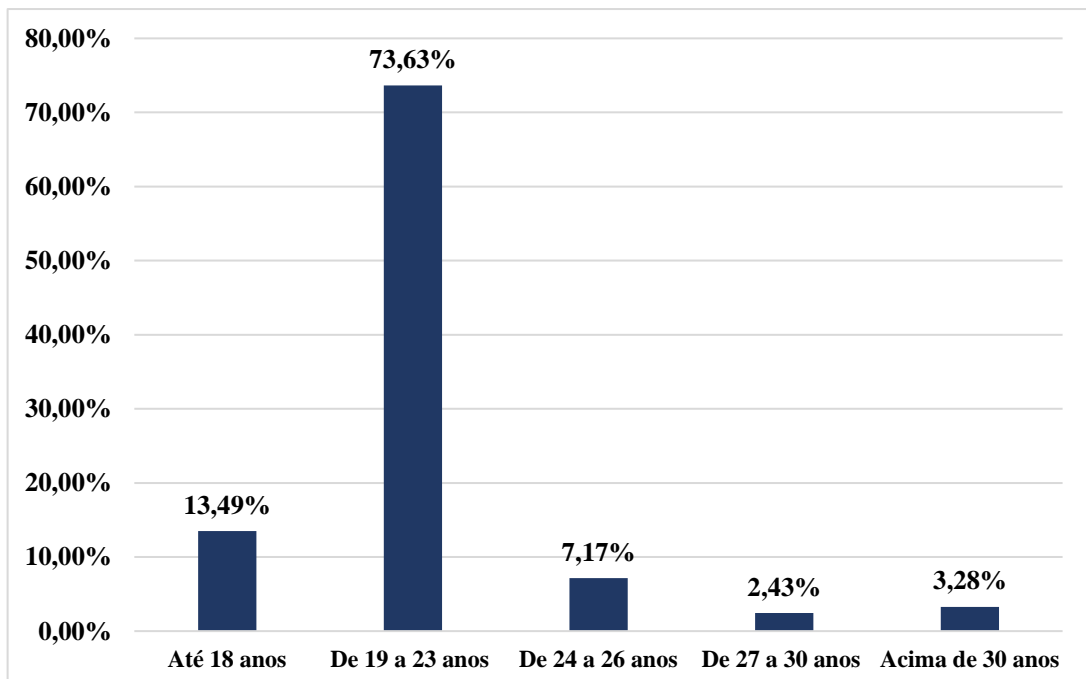
<sup>14</sup> Site direcionado aos/as estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade de Brasília para que possam fazer suas matrículas nas disciplinas oferecidas no semestre.

## Capítulo 2: O cenário de violência contra mulheres nos cursos de exatas do *Campus Darcy Ribeiro da UnB*

Este capítulo tem como finalidade, primeiramente, mostrar o quadro geral do perfil socioeconômico das estudantes respondentes dos questionários que foram aplicados no *campus* Darcy Ribeiro da UnB, para depois analisar o cenário de violência em que as mulheres dos cursos de exatas estão inseridas. É importante lembrar que todas as informações abaixo são provenientes da base de dados da pesquisa “Percepções da violência contra as mulheres no *Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília*”, promovida pelo grupo FEMIVIDA, sob orientação da Profa. Dra. Lourdes Maria Bandeira e co-orientação da Profa. Dra. Ana Paula Antunes Martins.

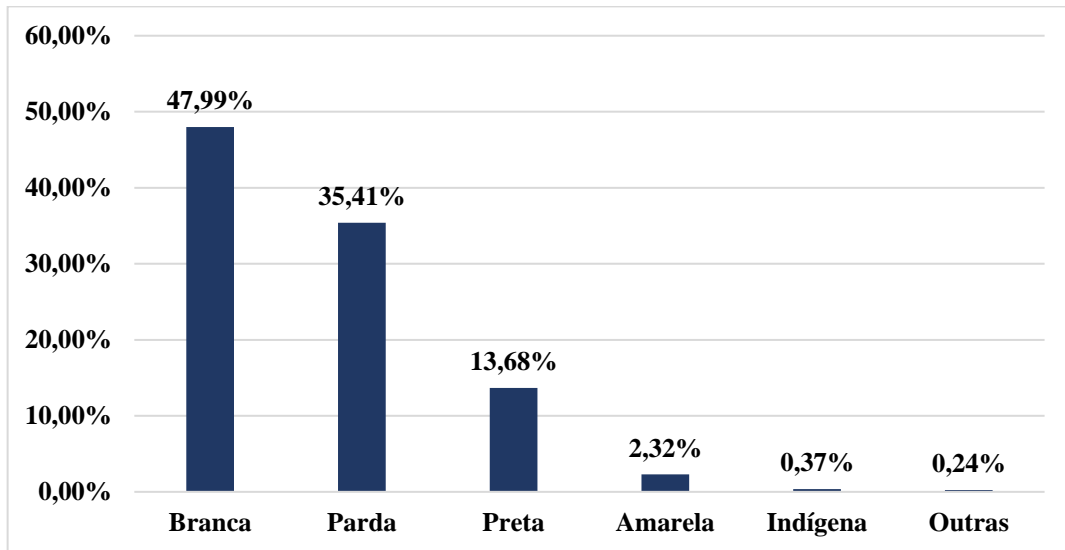
### 2.1 Perfil Socioeconômico Geral das estudantes respondentes

Gráfico 2 - Idade



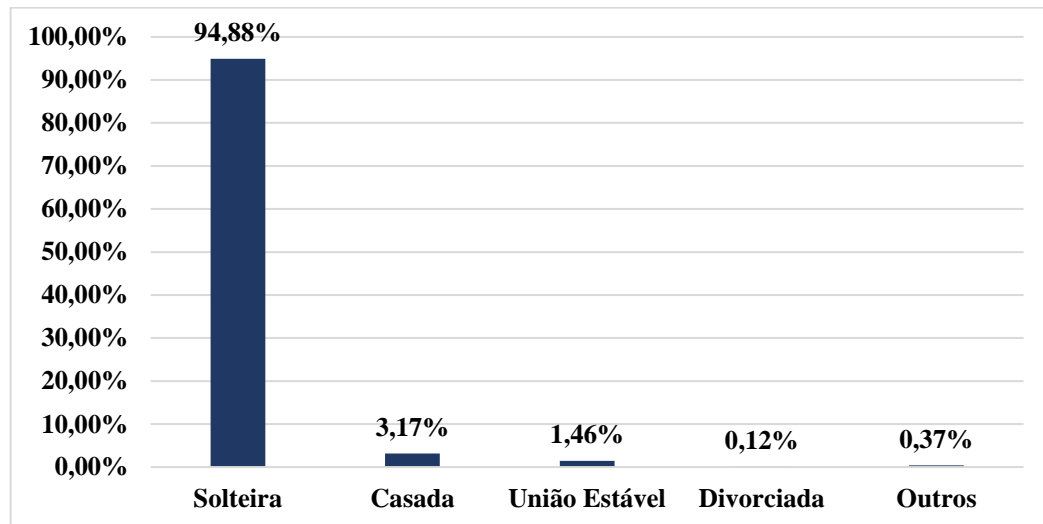
Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

Os dados apontam, como já esperado, uma grande quantidade de estudantes jovens, tendo em vista que 73,63% delas possuem de 19 a 23 anos.

**Gráfico 3 - Raça/Cor**

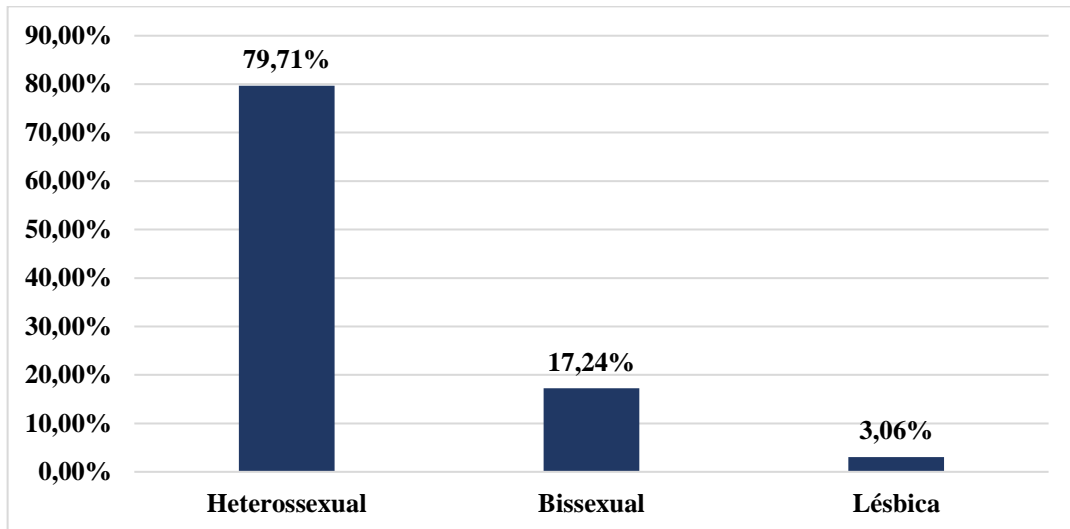
Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

Houve um equilíbrio na participação de estudantes brancas e negras (pardas e pretas), que corresponderam a 47,99% e 49,09%, respectivamente. O percentual de estudantes amarelas, indígenas e de outras raças foi muito baixo.

**Gráfico 4 - Estado Civil**

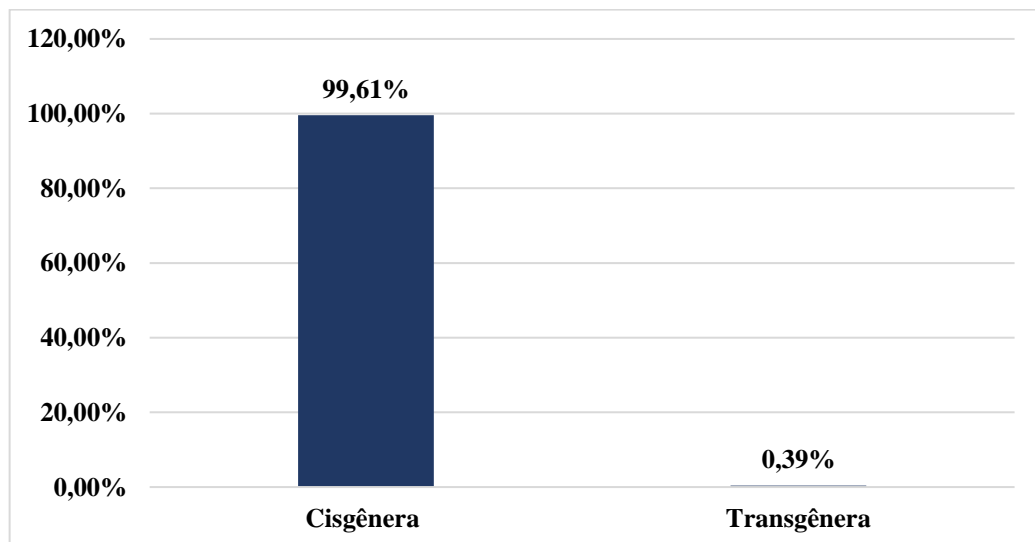
Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

A maioria das respondentes são solteiras, correspondendo a 94,88% dos dados. Entretanto, mesmo que com baixo percentual, também participaram estudantes casadas, em união estável, divorciadas e que marcaram a categoria “outros”.

**Gráfico 5 - Orientação sexual**

Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

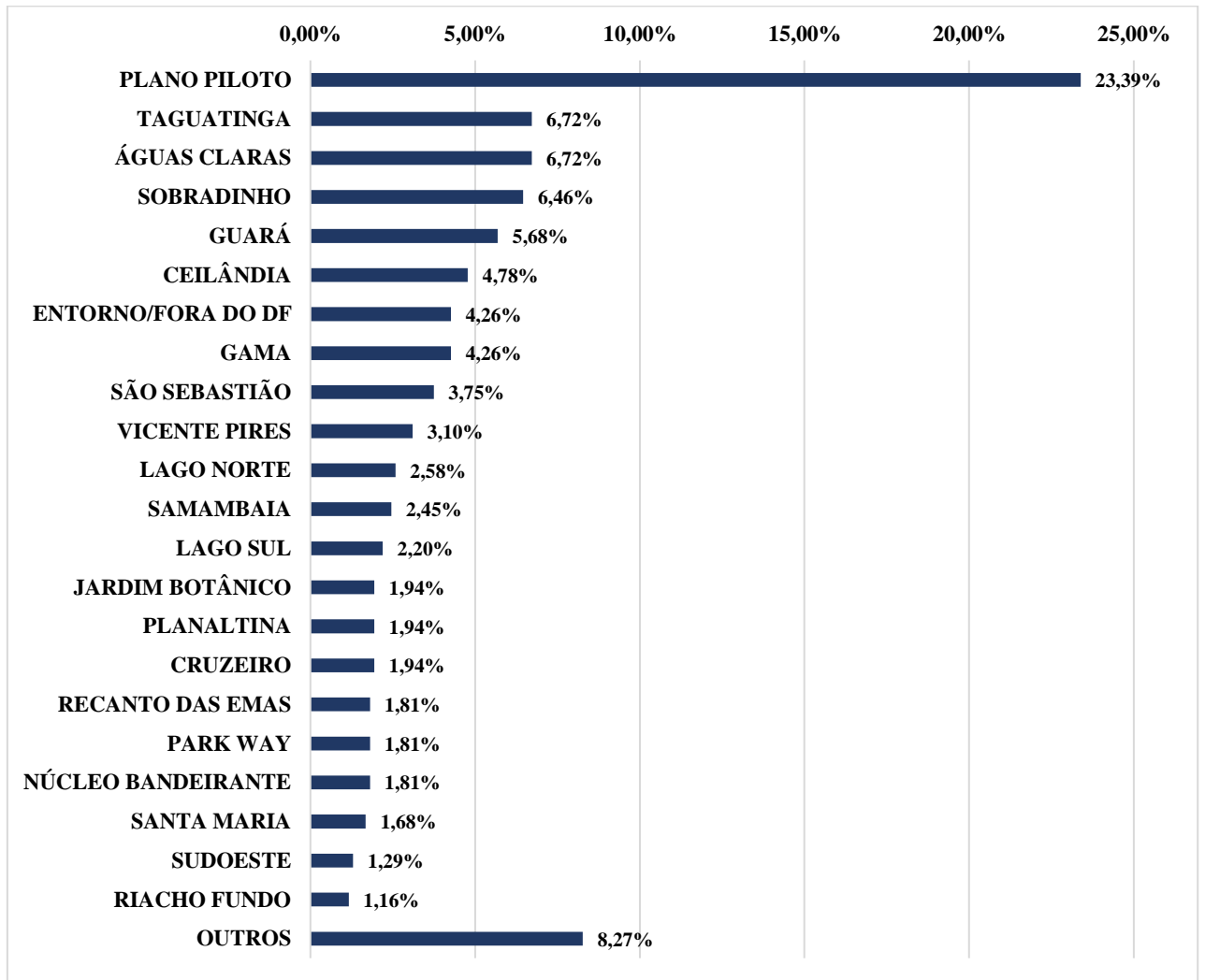
Apesar da grande quantidade de estudantes heterossexuais (79,71%), é importante ressaltar a presença significativa de bissexuais e lésbicas (20,3%).

**Gráfico 6 - Identidade de Gênero**

Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

Os dados mostram que a maioria quase absoluta das estudantes se identificam como cisgêneras (99,61%). Apenas três mulheres se identificaram como transgêneras, o que alerta a falta de representatividade dessa categoria na Universidade.

Gráfico 7- Local de Residência



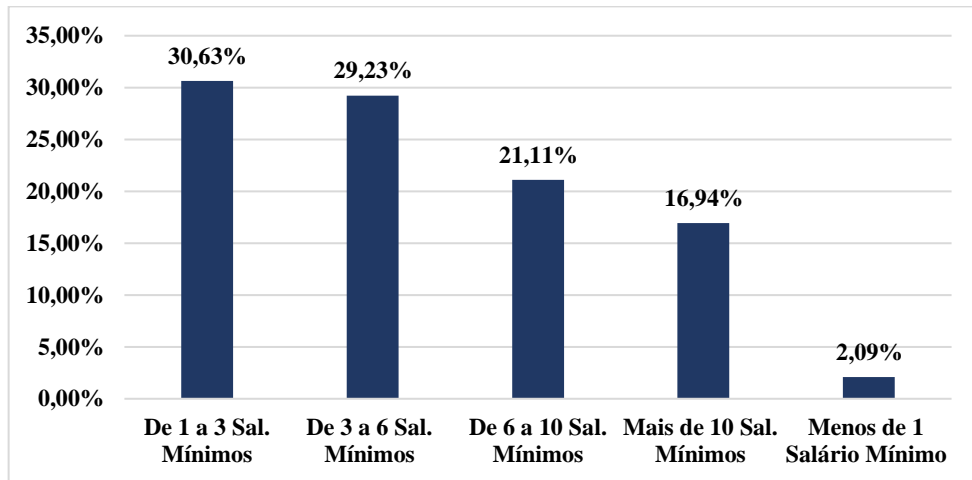
Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

Apesar de uma grande quantidade de estudantes residirem no Plano Piloto, 76,61% delas vivem em outras regiões administrativas, que se situam de 9 a 53 quilômetros de distância do *campus*.

No processo de tabulação apareceram várias regiões administrativas como local de residência e algumas com um percentual abaixo de 1%. Dessa forma, foram reunidas na categoria “outros” e são: Riacho Fundo II, Paranoá, Brazlândia, Guará II, Itapoã, Candangolândia, Sobradinho II, Estrutural e Varjão.



Gráfico 8 - Renda Familiar

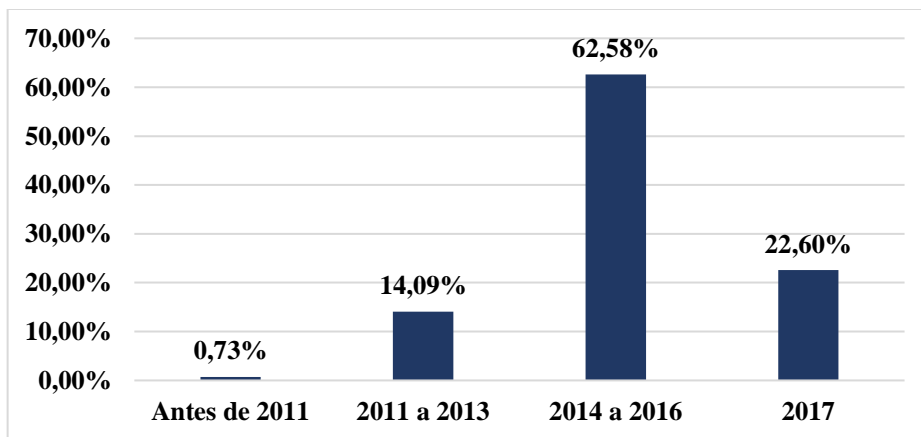


Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

Tendo como referência o salário mínimo de 2017, que correspondia a R\$ 937,00 (novecentos e trinta e sete reais), os dados mostram que 58,86% das respondentes possuem renda familiar de um (R\$ 937,00) a seis (R\$ 5.622,00) salários mínimos

## 2.2 Perfil Acadêmico Geral das Estudantes

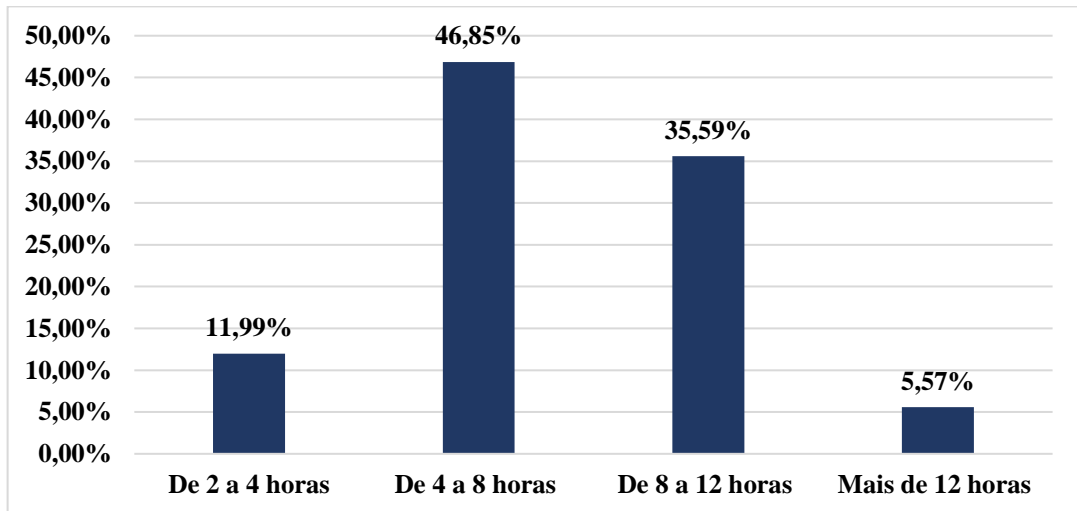
Gráfico 9- Ano de Ingresso



Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

O gráfico abaixo aponta que 62,58% das estudantes ingressaram na UnB de 2014 a 2016, o que atende a um dos critérios da pesquisa, tendo em vista que a intenção era abranger, principalmente, estudantes com pelo menos um ano de vivência no *campus*.

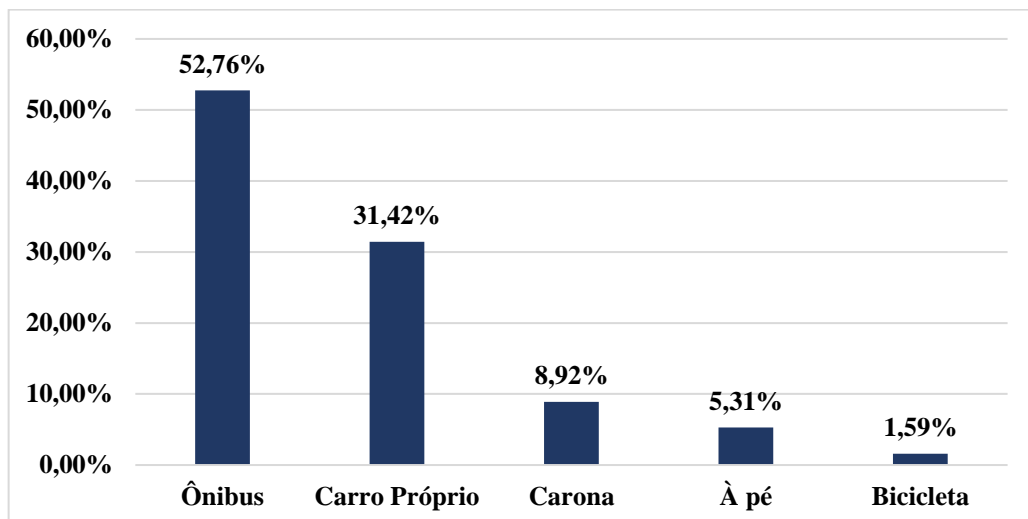
**Gráfico 10 - Tempo diário de permanência das estudantes no campus**



Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

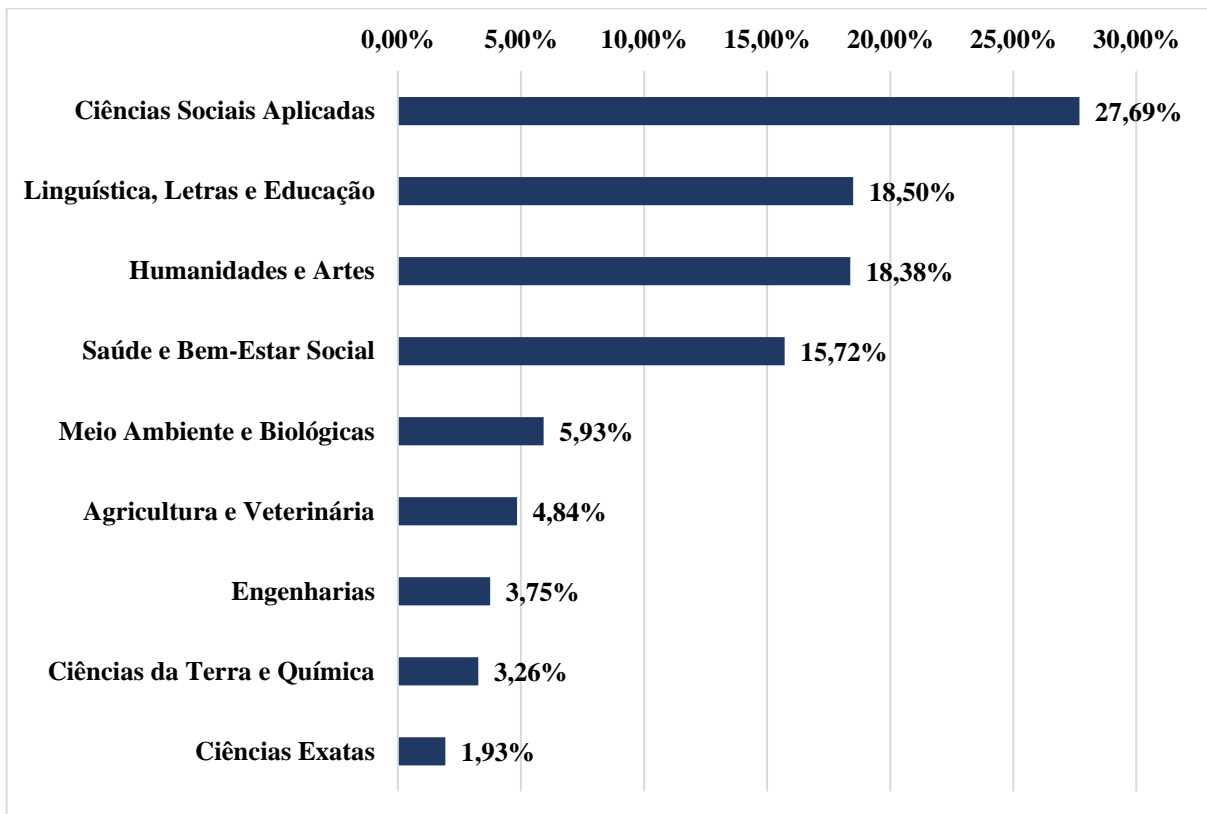
Percebe-se, pelos dados, que a maioria das estudantes (46,85%) passam de 4 a 8 horas no campus, seguidas daquelas que passam até metade do seu dia (35,59%), o que evidencia que as atividades acadêmicas ocupam grande espaço na vida das mesmas.

**Gráfico 11- Meio de Transporte**



Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

Mais da metade das respondentes (52,76%) utilizam ônibus para se locomoverem até a Universidade. A quantidade de estudantes que também utilizam carro é considerável, representando 31,42% dos dados.

**Gráfico 12 - Percentual de estudantes distribuídas nas áreas do conhecimento**

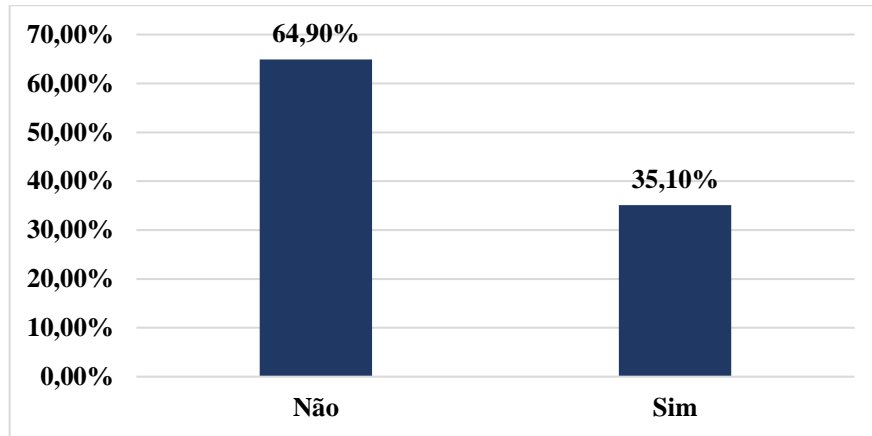
Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

Como o gráfico mostra, as estudantes da área de “Ciências Sociais Aplicadas” foram as que mais responderam os questionários, muito provavelmente por já terem familiaridade com o tema. Questões de gênero, por exemplo, fazem parte de muitos estudos dos cursos que compõem essa área. Entretanto, as meninas das áreas de exatas — objeto desse estudo — foram as que tiveram a menor participação.

Ao todo foram aplicados 827 questionários em diferentes cursos, sendo que deste total, 74 estudantes eram das áreas de “Ciências da Terra e Química”, “Ciências Exatas” e “Engenharias”. A baixa participação se explica por dois motivos: 1) Essas áreas possuem uma quantidade menor de mulheres; 2) Elas se mostraram menos dispostas a responderem o questionário. Apesar de existirem alunas engajadas quanto a isso, discussões sobre gênero não costumam fazer parte do cotidiano dos cursos de exatas, o que pode explicar a resistência feminina em responder aos questionários. Ainda assim, as respostas dadas pela maioria delas quanto ao tipo de violência sofrida chamou bastante atenção, como veremos no tópico que se segue.

### 2.3 Violência no *Campus* Darcy Ribeiro

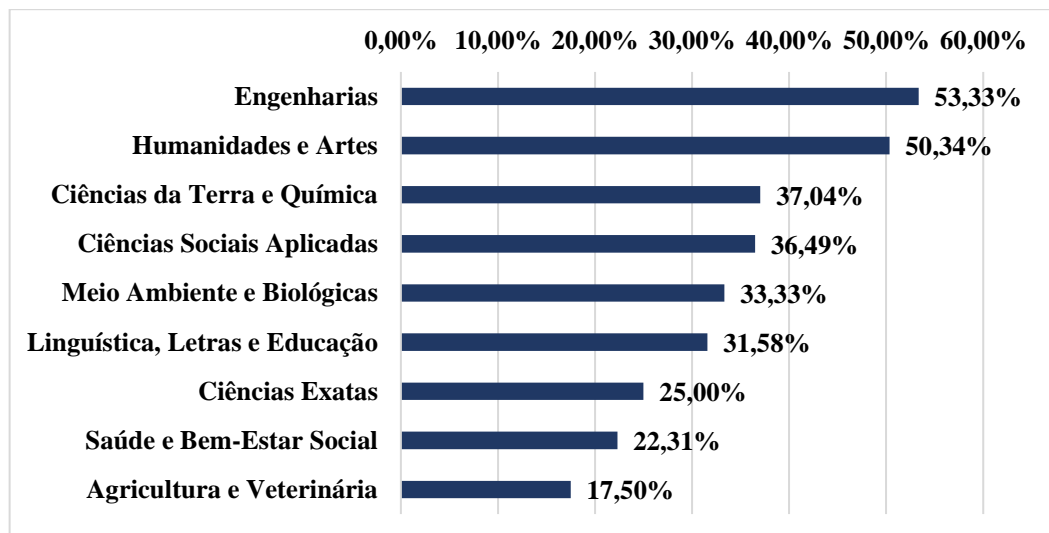
**Gráfico 13- Percentual geral de estudantes que já sofreram algum tipo de violência no Campus**



Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

Quando analisado o contexto geral da pesquisa, a maioria das estudantes (64,90%) afirmou não ter sofrido violência. Entretanto, o percentual daquelas que disseram que sofreram não pode ser desconsiderado, além de ser significativo (35,10%).

**Gráfico 14 - Percentual de estudantes que já sofreram algum tipo de violência no Campus de acordo com a área do conhecimento**

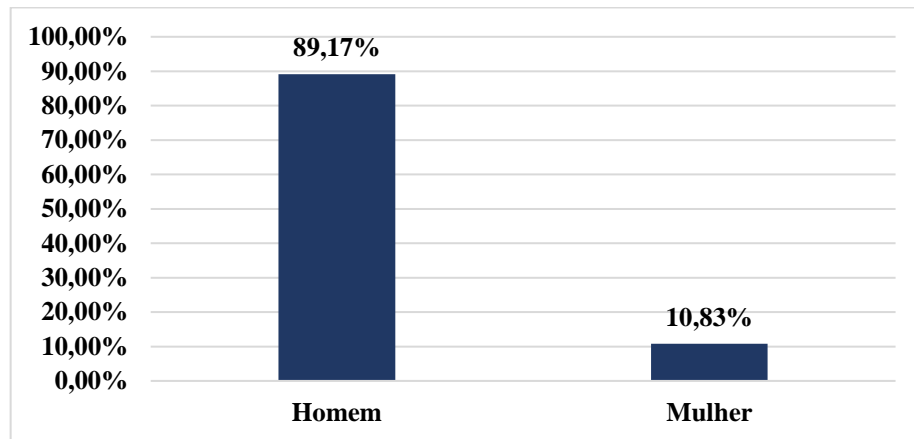


Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018

Quando questionadas se já sofreram violência dentro do *Campus*, 53,33% das estudantes da área “Engenharias” disseram que sim, seguidas das estudantes de “Humanidades e Artes”,

com 50,34%. Percebe-se que uma quantidade considerável de mulheres da área “Ciências da Terra e Química” e “Ciências Exatas” também se manifestaram positivamente à pergunta (37,04% e 25%, respectivamente). A partir de uma comparação relativa, é possível concluir que as estudantes de Engenharia foram as que mais se queixaram da violência dentro do *Campus*.

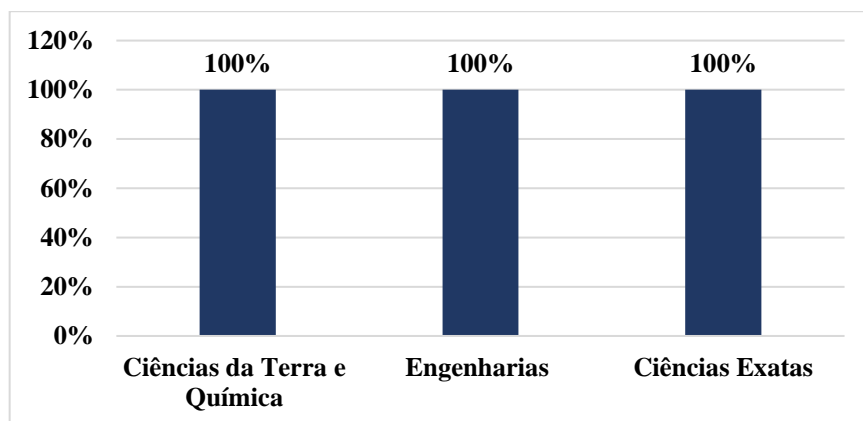
**Gráfico 15 - Agressor/a (Percentual Geral)**



Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

No contexto geral, 89,17% das estudantes afirmaram que seus agressores foram homens, em contraposição a 10,83% de agressoras mulheres.

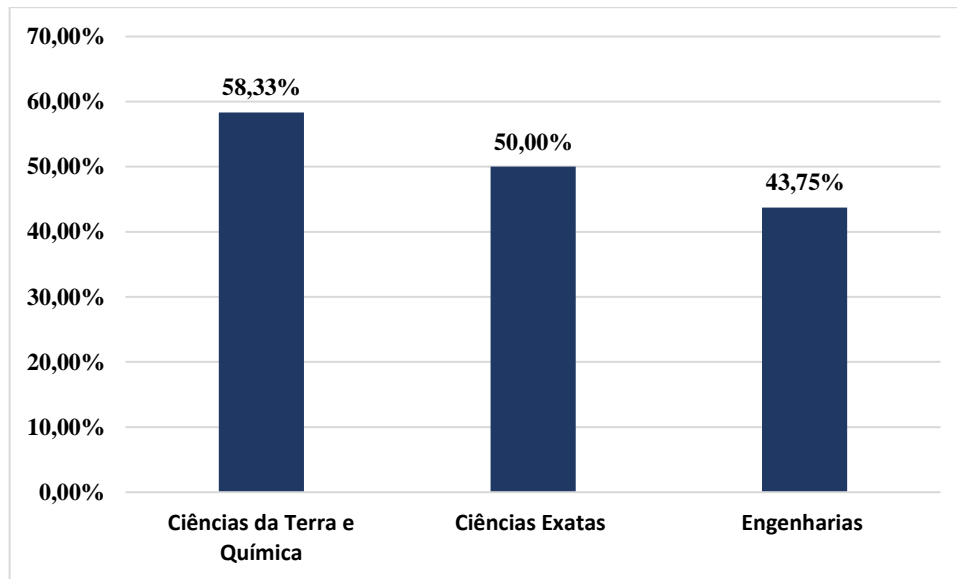
**Gráfico 16 - Percentual de estudantes de exatas que afirmaram que o/a agressor/a foi homem**



Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

Das estudantes de exatas que afirmaram ter sofrido violência, todas declararam que seus agressores foram homens.

**Gráfico 17- Percentual de estudantes da área de exatas que já sofreram desqualificação intelectual**



Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

Ao analisar o total de estudantes de exatas que afirmaram ter sofrido violência, o tipo mais recorrente foi a “Desqualificação Intelectual”, que é considerada uma violência psicológica. As estudantes de “Ciências da Terra e Química” foram as que mais se queixaram (58,33%), seguidas da área de “Ciências Exatas” (50,00%) e “Engenharias” (43,75%). Em menor quantidade, mas não menos importante, as respondentes também se queixaram de assédios, ofensas e até perseguições. Além disso, uma das mulheres de “Engenharias” afirmou ter sofrido uma tentativa de estupro dentro do *campus*. Entretanto, no geral, a queixa mais frequente foi a de desqualificação intelectual, e por isso foi representada no gráfico.

No questionário havia um campo que pedia para as estudantes descreverem a situação de violência que passaram, e apesar de nem todas se sentirem à vontade para relatar, algumas disseram:

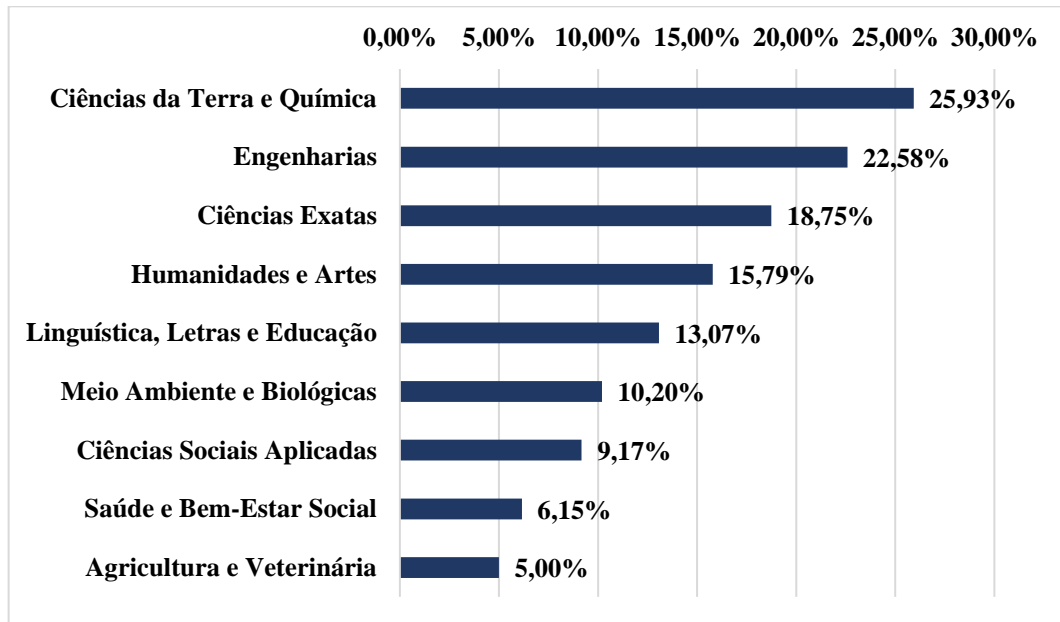
“Curso majoritariamente masculino. Assédio é comum, desqualificação intelectual, difamação”.

“Já me senti desqualificada intelectualmente ao fazer trabalho com um grupo só de homens.”

“Professor disse em sala de aula que lugar de mulher era na cozinha (éramos em torno de 6 meninas numa turma de 40 alunos). O mesmo professor julgou um trabalho mecânico meu e do meu amigo dizendo que eu não tinha feito nada por ser menina e estava me aproveitando do meu amigo para conseguir nota (a situação era o contrário do que ele acusou).”

“Desqualificação intelectual por parte de professores, colegas, e funcionários, diversas vezes, dentro e fora da sala de aula. Também ocorreram intimidações, por parte de professores e alunos, além de várias situações de invisibilidade e assédio sexual (por outros alunos).”

**Gráfico 18 - Percentual de estudantes que já sofreram desqualificação intelectual de acordo com a área do conhecimento**



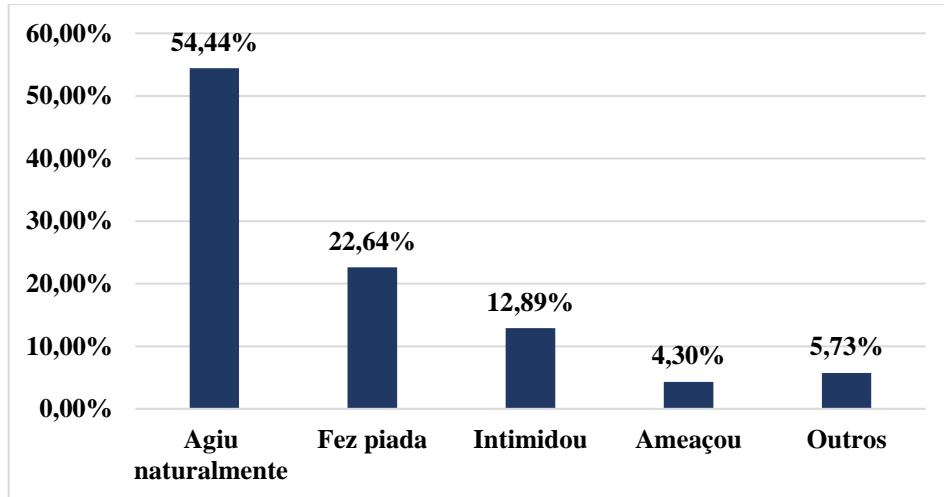
Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

Quando o contexto geral da pesquisa é levado em consideração, percebe-se que, em relação às outras áreas, as estudantes de “Ciências da Terra e Química”, “Engenharias” e “Ciências Exatas” foram as que mais se queixaram de sofrer desqualificação intelectual. Esses dados confirmam a hipótese da pesquisa de que por estarem em áreas que exigem atributos considerados masculinos, as mulheres que resolvem se inserir nelas acabam sendo subestimadas pelos parceiros de curso.

Vale relembrar uma observação muito importante: inicialmente, a intenção era analisar o contexto das estudantes de “Engenharias” e “Ciências Exatas”, pois os dados da UnB mostram que a quantidade de homens é assustadoramente maior do que a de mulheres. Na área “Ciências da Terra e Química” essa proporção é bem equilibrada, porém mesmo assim elas foram as estudantes que mais reclamaram de desqualificação intelectual e por isso passaram a ser objeto de análise. Os cursos que fazem parte dessa área (Química, Geologia e Engenharia Química), por mais que tenham grande presença feminina, pedem características relacionadas ao

masculino, tendo em vista que são formados por matérias que exigem muitos cálculos, experiências em laboratórios e até certo esforço físico, como é o caso da Geologia.

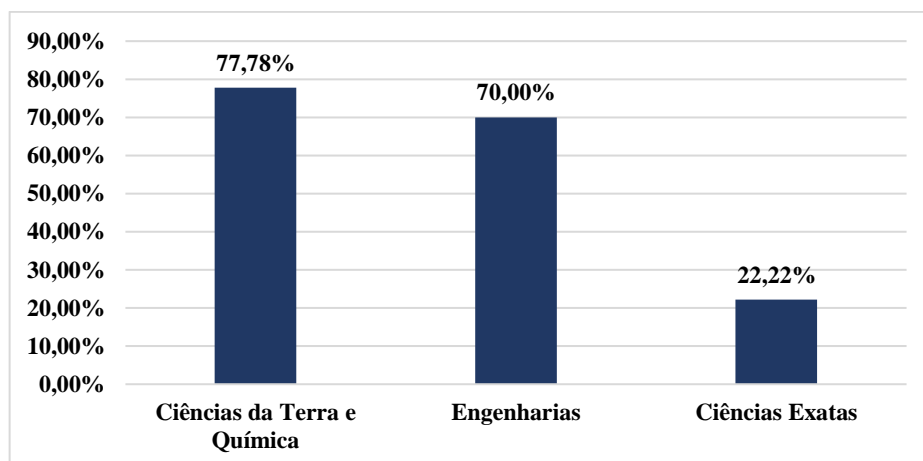
**Gráfico 19 - Atitude do/a agressor/a (Percentual Geral)**



Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

No contexto geral da pesquisa, mais da metade (54,44%) das respondentes afirmou que o agressor agiu naturalmente após o ato violento.

**Gráfico 20 - Percentual de estudantes de exatas que afirmaram que o agressor agiu naturalmente após a violência**



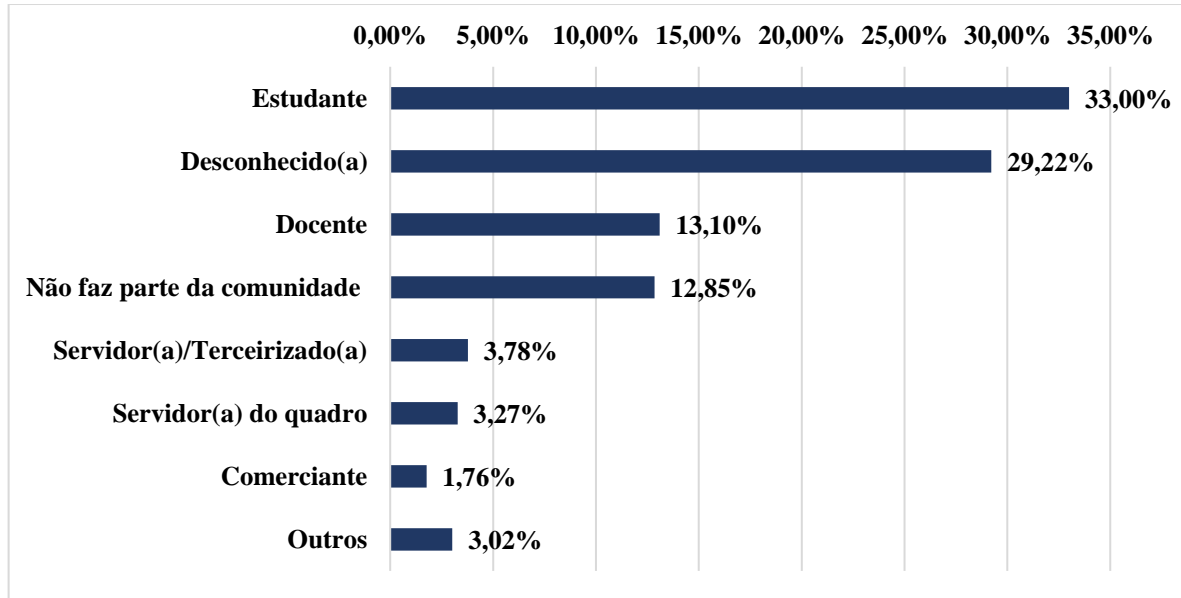
Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

As mulheres de exatas da área “Ciências da Terra e Química” (77,78%) e “Engenharias” (70%) afirmaram, majoritariamente, que os seus agressores agiram naturalmente após o ato. As



estudantes de Ciências Exatas também reclamaram desse tipo de atitude (22,22%), porém a maioria delas (55,56%) declarou que eles fizeram piadas.

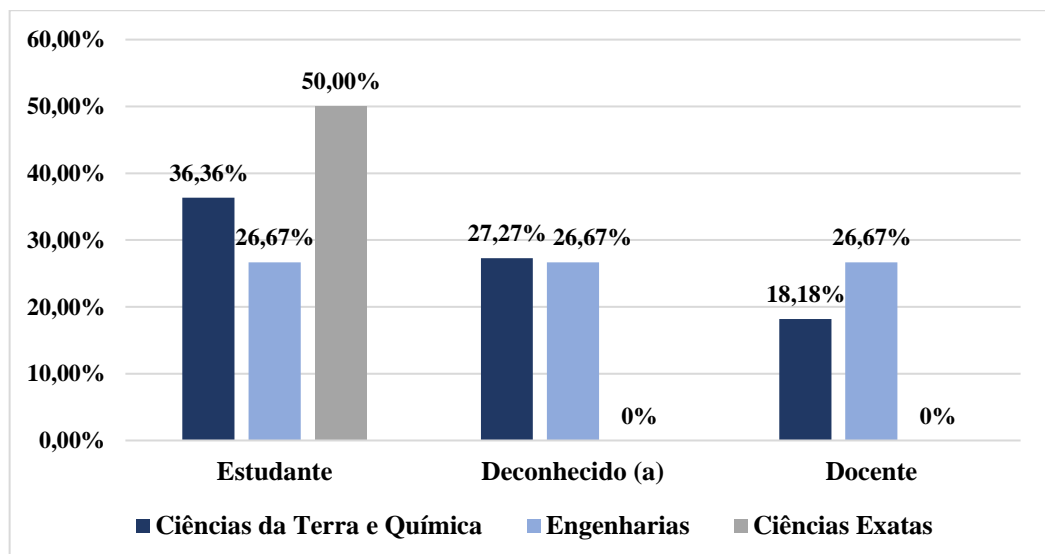
**Gráfico 21 - Relação agressor(a)/Comunidade (Percentual Geral)**



Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

De todas as respondentes da pesquisa, a maior parte delas afirmou que os estudantes (33%) são os maiores agressores dentro do *campus*, seguidos de pessoas desconhecidas (29,22%).

**Gráfico 22 - Relação agressor(a)/Comunidade de acordo com as estudantes de exatas**



Fonte: Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). Brasília, Set. 2017 a Jan. 2018.

Referente às estudantes de exatas, as respostas mais frequentes quanto à relação do agressor/a com a comunidade acadêmica foram “Estudante”, “Desconhecido/a” e “Docente”. As mulheres de “Ciências da Terra e Química” e “Engenharias” deram respostas mais diversificadas, enquanto as de “Ciências Exatas” se concentraram em “Estudantes” (50%) e “Não faz parte da Comunidade Acadêmica” (50%). No gráfico estão representadas apenas as categorias mais recorrentes.<sup>15</sup>

### **2.3.1 Algumas considerações sobre os dados quantitativos**

Diante dos dados quantitativos que aqui foram apresentados, foi possível concluir que as mulheres inseridas em cursos de exatas já passaram, principalmente, por situações de desqualificação intelectual e invisibilidade. Isso se dá em razão desses cursos serem masculinizados, ou seja, frequentados majoritariamente por homens, além de exigirem características consideradas masculinas. Dessa forma, as estudantes possuem suas capacidades subestimadas pelos seus parceiros de curso, pois eles acreditam que as exatas “não são coisas de mulher”. O fato dos padrões masculinos serem supervalorizados em relação aos femininos, tem como consequência a sensação de superioridade dos homens.

Nesse estudo, a desqualificação intelectual é entendida como uma violência, pois gera danos psicológicos a quem a sofre, o que será exemplificado pelas entrevistas no próximo tópico. Vale ressaltar que violência contra mulher não se resume em estupro ou agressão física, mas também representa uma desqualificação intelectual, um xingamento, um assédio verbal, entre outras formas. Todos esses tipos de conduta geram marcas negativas naqueles/as que a recebem. É claro que os homens também são passíveis a sofrerem uma desqualificação intelectual ou um assédio verbal, por exemplo, porém a razão que motiva tais atos muito provavelmente não é pela condição de ser homem. No caso das mulheres, as violências ocorrem justamente por elas serem mulheres, ou seja, por serem vistas como inferiores e alvo de controle.

---

<sup>15</sup> As opções de agressores oferecidas para as estudantes no questionário eram: Estudante, Desconhecido/a, Docente, Não faz Parte da Comunidade Acadêmica, Servidor/a Terceirizado/a, Servidor/a do Quadro, Comerciante e Outros.

Outra observação muito importante é que além dos agressores das estudantes de exatas serem homens, após o ato violento a maioria deles agiu naturalmente ou realizou piadas. Esse cenário mostra como as violências mais “sutis”, isto é, aquelas que não envolvem necessariamente a agressão física (o caso da violência psicológica, por exemplo) são naturalizadas dentro da sociedade e muitas vezes nem sequer são vistas como violências pelos homens e até mesmo pelas mulheres. É importante lembrar que elas também estão inseridas em um quadro cultural machista e por isso são influenciadas por ele. A concepção do que é violência varia muito de acordo com o contexto em que cada sujeito vive. Normalmente, aquelas pessoas que estão inseridas de forma mais ativa em discussões sobre as desigualdades sociais e os fenômenos que dela fazem parte são mais sensíveis no momento de perceber que certas atitudes podem se configurar enquanto violências veladas.

As estudantes de exatas também afirmaram que os seus agressores não são apenas pessoas desconhecidas, mas também os próprios estudantes e docentes. Essa informação mostra que o problema da violência contra a mulher é de fato cultural e por isso pode ser realizada por qualquer um dos homens e em qualquer espaço, inclusive aqueles que aparentemente são considerados seguros, que é o caso do meio universitário. Por fim, todas essas situações levam a pensar que a segregação de gênero dentro do ensino superior vai além de um futuro contexto de vantagens e desvantagens salariais e ocupação ou não de cargos de liderança, pois na verdade ela envolve sérios contextos de violência.

### Capítulo 3: O que as estudantes têm a dizer?

Ao todo, o grupo FEMIVIDA ouviu 16 estudantes de diferentes cursos do *campus* Darcy Ribeiro. Desse total, foram analisadas, para este trabalho, dez entrevistas com mulheres dos seguintes cursos: Química, Geologia, Engenharia Química, Engenharia Mecânica, Engenharia Mecatrônica, Engenharia de Redes, Física, Nutrição, Pedagogia e Sociologia. O foco aqui, é tentar entender como é ser mulher em cursos inseridos na área de exatas e quais são os desafios e práticas de violência enfrentados no cotidiano da UnB. As entrevistas de Nutrição, Pedagogia e Sociologia foram utilizadas, pois os dois primeiros cursos são majoritariamente femininos e o terceiro apresenta uma maior experiência de conscientização em relação as questões sociais. Dessa forma, foi possível estabelecer uma breve comparação destes com os cursos de exatas, com o objetivo de entender os diferentes contextos vivenciados pelas mulheres dos dez cursos analisados.

Em relação às estudantes dos cursos de exatas – com a exceção de Química, Geologia e Engenharia Química – uma reclamação muito presente nas falas foi a grande presença masculina dentro dos espaços que frequentam e os preconceitos que passaram por escolher o curso. As estudantes afirmaram que nas turmas o número de mulheres é sempre muito pequeno, assim como no interior do quadro de professores. A estudante de Engenharia de Redes afirmou que o seu semestre foi um pouco fora da curva, tendo em vista que entraram sete meninas em um curso com 40 vagas. Normalmente entram duas ou três por semestre. Entretanto, por mais que a sua turma tenha tido um número um pouco maior de mulheres, das sete ingressantes só restaram três. Além disso, ela afirmou que ao longo dos seus quatro anos de UnB, teve aula apenas com duas professoras. Diante disso, para ela, existe no curso de exatas um peso muito grande por ser mulher:

“Porque é um curso que é muito masculinizado. Eu digo isso porque quando eu disse que iria fazer engenharia, teve gente na minha própria família que me olhou meio torto. "Nossa, engenharia! Tem certeza?". É, na época eu tava escolhendo fazer Engenharia Mecânica, eu também pensei em fazer Engenharia Civil. E teve uma tia que falou assim: "você tem certeza que você quer fazer engenharia civil? Você não quer fazer arquitetura não?" E eu falei assim, não! Eu não quero fazer arquitetura, eu quero fazer uma coisa na área de engenharia. Eu quero estudar física e matemática no meu dia a dia. E eu acho que as vezes você tem essa noção assim, de que o curso é masculinizado quando você vê que dentro da própria FT há mais professores que são homens. Tem muito pouca mulher na FT, no geral. Entre os estudantes, entre os professores, entre diretores, os funcionários. Você olha pro lado, eu acho que assim, pra cada uma mulher, na FT, tem cinco homens. Então... é complicado! Você vai numa turma... você entra numa turma de sessenta pessoas e tem no máximo dez mulheres, os outros cinquenta são homens, e é provável que o professor seja homem. Entendeu?”

(...) já aconteceu várias vezes de me perguntarem, "ah, que curso você faz?" eu falar, "faço engenharia de redes", a pessoa me olhar tipo "nossa, sério?", como se eu fosse um ET, como se fosse uma coisa de outro mundo. Incrível! (voz de espanto). É uma coisa tipo assim, gente, mas é normal! E até no mercado de trabalho mesmo na empresa em que eu trabalho eu vejo que na minha área, que é a área de redes, tem cinquenta pessoas trabalhando, tem sete mulheres. Então até no mercado de trabalho você vê que é algo insistente.. E isso é claro, vai acontecer na minha geração também porque os engenheiros são homens, não tem tanta mulher, entendeu? Então você tem tudo na situação que você tem que saber lidar, porque se não você desiste. Tem que saber lidar" (Engenharia de Redes, 21 anos).

A estudante de Engenharia Mecatrônica também mostrou insatisfação com o fato da sua turma ser formada por apenas três meninas e das aulas serem ministradas majoritariamente por homens. Para ela, foi um choque muito grande entrar em um curso com uma segregação de gênero tão acentuada, pois sua criação e de seus irmãos – dois homens e uma mulher – foi sempre muito igualitária e por isso nunca tinha enfrentado nenhuma barreira de gênero. Quando ingressou na UnB, percebeu que a realidade era diferente daquilo que vinha idealizando até então, o que gerou um grande incômodo. Ela afirmou: *“pra mim era um lugar normal de eu estar, um ambiente normal, e a realidade não é essa, parece que eu estava ocupando um lugar que não era pra eu estar lá, entendeu?”*. Foi justamente por se deparar com esse cenário masculinizado que a estudante passou a se envolver mais com a causa feminista e a participar de grupos que apoiam e incentivam a presença de mulheres nos cursos de exatas.

A estudante de Engenharia Mecânica também teve uma grande surpresa ao ingressar na UnB, pois apesar de já ter sofrido, ao longo de sua vida, preconceito racial por ser negra, nunca tinha sofrido preconceito em razão do seu gênero. Assim que ingressou no *campus* Darcy Ribeiro ela fazia Engenharia Química, que apresenta um cenário muito diferente, pois possui uma grande quantidade de mulheres. Na formatura do segundo semestre de 2017, por exemplo, tinham apenas dois meninos. Porém, quando conseguiu transferência para Engenharia Mecatrônica, a situação se mostrou totalmente diferente, tendo em vista que na sua turma tinham apenas 3 meninas. Apesar disso, a estudante afirmou que no curso de Engenharia Mecânica sofre menos preconceito do que sofria no curso de Engenharia Química, apesar da maioria ser feminina, pois para ela os professores não estão preparados para as questões de gênero. Quando questionada sobre como é a relação com eles, ela afirmou:

*“Sim, igual eu falo, rola as piadinhas né. Claro né. Na engenharia mecânica rola até menos, na engenharia química é pior né. Eu falo, é muito pior, muito, nossa (ênfase). Lá tem professores muito mais machistas. Eu tive um professor que só deixou menina de recuperação sabe? (...) tipo, será que só as meninas da turma não sabiam programação? Sabe? Será que só elas? Entendeu? A gente fica vendo isso...né. Então assim, foi um choque muito grande nessa parte”* (Engenharia Mecânica).

Uma outra entrevistada, da Engenharia Química, confirmou a presença de machismo no interior do seu curso por parte dos professores. Ela também se queixou do fato de ter tido aula apenas com 4 professoras ao longo de sua graduação, mesmo que a presença feminina seja comum entre os/as alunos/as. Quando questionada se, por ter muitos professores homens, já foi desqualificada intelectualmente, ela afirmou:

“Ah, eu acho que é tipo assim... Comigo já rolou um caso de tipo você ser mega invisível naquele ambiente porque você é mulher e tipo “ah seu grupo era todo de meninos, então eu explico basicamente pra eles e não para você”. Você quer tirar uma dúvida e não consegue. Já rolou, sabe? E a gente, tipo assim, principalmente as meninas que eram minhas veteranas, elas comentavam muito de tipo ser destrata, do professor duvidar que foi ela que fez aquelas coisas e ela meio tipo ter que mostrar para o professor que foi ela, para aí sim ela conseguir a nota que aquilo valia. De professor, até as vezes assim, que é meio inconveniente, passar da barreira aluno e tudo mais” (Engenharia Química, 21 anos).

A mesma estudante se queixou de outra situação. No ano de 2016 alguns/as estudantes da UnB se mobilizaram e ocuparam prédios do Darcy Ribeiro, impedindo professores de darem aulas como uma forma de reivindicar por melhores condições na educação superior brasileira. Um dos prédios do *campus*, o Bloco de Salas Norte, foi ocupado somente por mulheres e era justamente nesse local que o professor da entrevistada daria aula. Porém, como ele não queria abrir mão de passar o conteúdo previsto para a turma, conseguiu uma sala em outro prédio:

“Aí a gente tava tendo aula lá, aí ele é mega contra ocupações, já tava falando um monte de merda e aí, por exemplo, ele comentou do fato das mulheres estarem ocupando lá e aí tipo ele fez piadinhas do tipo... Tipo naquela vibe que a gente fala muito de lugar de mulher é onde ela quiser. Aí ele veio falando disso que tipo “oh, elas deveriam tá lavando louça” coisas assim sabe? Aí uma menina que realmente não leva desaforo pra casa bateu boca com o professor e saiu. E depois desse dia ela não foi mais na aula dele. E aí nesse dia eu fiquei bem “nossa, já sei que com esse professor aqui podem acontecer coisas assim, sabe?” (Engenharia Química, 21 anos).

A entrevistada afirmou que esse mesmo professor, do Instituto de Química, já tem uma fama entre as alunas de fazer piadas machistas e por isso elas tentam evita-lo. Ela também contou de outro caso que sofreu:

“E aí também já teve coisa em laboratório, é muito sutil isso né, de você ser posta como invisível dentro do espaço, mas de tipo assim ser literalmente três pessoas conversando e o professor escolhe justamente ficar atrás de você pra você não ouvir ou não ver. Enfim, porque ele tava tentando explicar um equipamento. Eu não sei se todo mundo percebeu qual foi e tudo mais, mas no momento eu tentei entrar assim, eu “ah, beleza, esse espaço não me pertence então deixa eu sair”, sacou? Tipo que eu consigo lembrar de coisas assim com essa temática foi mais isso. Mas eu tipo, eu vejo como sendo muito sutil sabe?” (Engenharia Química, 21 anos).

Quando questionada se considerou essa situação do laboratório uma forma de violência, a entrevistada afirmou que primeiramente não, pois o evento ocorreu no início do seu curso e naquela época ela ainda não tinha muita consciência sobre esse assunto:

“Então, isso aconteceu, eu tipo “vida que segue, os meninos me explicam depois”, sabe? E aí depois de muito tempo, de até se envolver mais com essa questão de tipo mulher ocupando os espaços e tals, foi que eu “caralho, isso daqui foi uma coisa bad e talvez isso tenha acontecido porque eu sou mulher” sabe? Então na hora com certeza não, mas hoje em dia, por exemplo, quando o professor fala alguma coisa eu já identifico “mano, isso aqui é uma violência” sabe? Então eu acho que vai muito disso, dessa consciência que a gente vai criando” (Engenharia Química, 21 anos).

Além disso, a estudante de Engenharia Química afirmou que durante o seu ensino médio teve contato com as pautas do movimento feminista a partir de um grêmio que alunos da sua escola criaram, porém a sua consciência sobre o tema violência contra mulher se ampliou após o seu ingresso na universidade. As mesmas pessoas que formaram o grêmio no seu ensino médio passaram na UnB em Ciências Sociais, e por isso conversavam muito sobre pautas que não existem no curso dela, como gênero, por exemplo. Isso aguçou a sua curiosidade e a incentivou a buscar mais informações sobre o tema.

A fala dessa entrevistada chama a atenção para duas questões: 1) a concepção do que é violência varia de acordo com o contexto em que a pessoa está inserida. Logo no início do seu curso, a estudante de Engenharia Química passou por uma situação de desqualificação intelectual, mas não a entendeu como uma violência, pois ainda não estava envolvida nos debates sobre gênero. Porém, ao estreitar os laços com estudantes de ciências sociais, abraçou a pauta feminista e passou a identificar violências em lugares que antes não conseguia identificar; 2) a diferença do objeto de estudo dos/as estudantes de Engenharia Química e de Ciências Sociais. A entrevistada deixou claro na sua fala que as questões sociais não são discutidas no seu curso, e por isso foi buscar informações fora dele. No caso, com estudantes de Ciências Sociais, que conforme ela, “respiram” esses temas durante a sua graduação.

Outra entrevista interessante e que chamou bastante atenção, foi a da estudante de Física, que também é um curso muito masculinizado. Ela nos contou que desde o seu ensino médio gostava muito de exatas e que queria seguir essa área no ensino superior. Inicialmente, planejava fazer Engenharia Petroquímica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), porém sua mãe, com quem tem um relacionamento conturbado, não permitiu. Decidiu, então, que faria o vestibular da UnB para ingressar em Física, porém como se pressionou muito, não conseguiu fazer nem o Programa de Avaliação Seriada (PAS), nem o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Consequentemente, sua mãe a obrigou a fazer algum curso no Centro

Universitário de Brasília (UniCeub) e assim optou por Arquitetura. Entretanto, a sua grande vontade ainda era fazer Física na UnB e por isso, após um semestre no UniCeub, tentou novamente o vestibular da instituição federal e passou. Entretanto, no dia da sua matrícula já enfrentou um grande preconceito:

“E é um dia que você fala assim “meu Deus, eu vou conhecer o lugar, um lugar que eu sempre quis estar em um curso que eu escolhi amar”. Então eu vim, e eu vim do jeito que eu vinha assim, tipo cabelo na chapinha (risos). E assim, eu sempre tive um negócio, não sei se dá pra perceber (risos), eu sempre tive a unha muito grande, mas é porque ela cresce muito. E assim, eu adorava fazer a unha, fazer o cabelo, pintar o cabelo, eu era dessas (risos). Hoje em dia a gente só toma banho (risos). A unha a gente deixa crescer porque não dá, ela cresce muito rápido. E eu vim toda na expectativa, eu me arrumei pra vim, eu passei um tempo assim, “nossa eu vou conhecer a UnB”. E aí eu cheguei na UnB pra me matricular, o moço nem olhou na minha cara, perguntou “qual é o seu curso?”, aí eu falei “física”, aí ele “qual o seu nome?”, eu falei, aí ele procurou, na hora que ele foi me entregar ele olhou na minha cara e falou “meninas como você não fazem física”. Naquela hora ali, nossa me desestruturou, eu fiquei assim “caraca, será que realmente uma pessoa da UnB ta falando que pessoas como eu não fazem física”, e eu fiquei assim “será que eu realmente tenho que ir para esse curso? Porque lá na Arquitetura é tão fácil, só tive SS no meu primeiro semestre”, então assim, eu vim de um semestre... eu sou muito exigente comigo mesmo. Eu vim de um semestre que de 7 matérias eu tirei 7 SS. Então o meu padrão foi sempre muito alto. E então eu falei “vou entrar para o curso para me lascar e o moço já ta falando aqui que eu não sirvo pra isso, pra que que eu vou tentar?”. Mas eu falei “bom, é o que eu quero, vamo lá”, segui em frente” (Física, 20 anos).

Logo no início a estudante percebeu que ser mulher em um ambiente de exatas não seria fácil. Antes mesmo de ter o seu primeiro dia de aula, foi desacreditada de seu potencial em razão da sua aparência. Além dessa barreira, ela encontrou outra: o abuso de autoridade dos professores. De acordo com a estudante, é muito difícil viver dentro do Instituto de Física, pois a sensação que possui é a de que os professores tentam rebaixar os seus alunos e mostrar que eles não possuem um valor acadêmico: *“É uma rixa, um ego inflado, é você querer se mostrar o tempo inteiro, você querer com que seu aluno se sinta um lixo. Então assim, na Física realmente a gente tem... a gente não é visto como humano, a gente é visto como lixos, não pensantes.”* Logo no seu primeiro dia de aula, ela se deparou com um professor, que nas palavras dele, fazia um experimento social com os alunos. Para isso, em uma matéria do primeiro semestre, deu todos os conteúdos de pós-graduação, sendo que eles ainda não possuíam os conhecimentos básicos da física.

Ainda no primeiro semestre, ela conheceu outro professor que desvalorizava os alunos, pois tinha o costume de afirmar que quem não tem doutorado não é nada dentro do Instituto de Física. Além dessa situação, que mostra de maneira muito clara relações de poder em razão de



uma hierarquia, o mesmo professor, ao passar um trabalho de nível elevado, desqualificou intelectualmente a entrevistada em questão:

“(...) e aí a pessoa muito boa passou um trabalho em LATEX. É uma linguagem de escrita de texto científico. E assim, tem professores que não sabem essa linguagem. Então assim, ele passou pra gente fazer e eu falei “ok”. Só que ele não ensinou, não deu instruções, não falou onde aprender, e assim, na primeira semana de curso. A gente já tinha levado uma paulada com o outro professor, aí vem o professor de experimental e pá na nossa cara. E aí beleza, mas eu sempre gostei muito de estudar, gostei de fazer tudo, aprendi. Mas eu não conseguia botar a bendita da figura que ele queria. E aí eu fui na outra aula, na segunda aula e aí eu falei “professor eu não consigo colocar a figura, o senhor poder me ajudar?”. Aí ele “tudo bem, calma, é assim mesmo, mulher tem dificuldade com computador”. Eu olhei pra cara dele “aham, ta bom” e fui embora (risos). Eu não quero ajuda. E assim, ele nem viu o problema. Ele já falou “não, é normal, você é mulher, super normal ter problema com computador. É normal, calma”. Tipo assim, tentando me acalmar por um motivo bem idiota. E aí eu olhei pra cara dele e fiquei “aham, ok”. E eu tomei um ranso daquele homem, eu tomei um ranso dele (risos)” (Física, 20 anos).

Porém, as experiências desagradáveis da estudante não acabaram por aí. No seu quinto semestre ela sofreu uma perseguição de um dos seus professores. Pelo o que nos contou, a entrevistada sempre foi uma aluna muito dedicada e comprometida com o curso e por isso, logo no início, foi informar aos seus professores que iria, no meio do semestre, perder duas semanas de aula e se seria possível não marcar provas nesses dias. Todos os professores não criaram objeções quanto a isso, menos um, o autor da perseguição. Ele não tinha o costume de marcar previamente as provas e ao conversar com ele: “(..) *ele nem olhou na minha cara, ele falou “eu não sei, eu não me importo, o problema é seu, eu não sei qual o dia da prova”, virou e foi embora”*. Desde então, a estudante afirmou que o professor não parou de jogar indiretas para ela durante as aulas de maneira debochada. Até que chegou o dia de marcar a prova.

Inicialmente, ele marcou a prova para um dia que ela estaria em Brasília, com isso, todos os seus amigos começaram a comemorar e o professor percebeu a movimentação. Na aula seguinte ela não compareceu e ele decidiu remarcar a prova para o dia em que ela estivesse viajando. Os amigos pediram, desesperadamente, para ele não fazer isso, mas ele se mostrou irredutível e os aconselhou a dizer a ela para procura-lo. Ela assim o fez, porém ao pedir para adiar a prova, ele continuou firme com sua decisão.

Como sempre foi comprometida com sua vida acadêmica, a entrevistada conseguiu adiar por algumas horas a sua viagem e foi fazer a prova no dia marcado, no entanto, quando chegou em sala, passou por uma situação extremamente desagradável. Enquanto fazia a prova, o professor ficou de pé, ao seu lado, fazendo sinal de negativo com a cabeça. Aquilo gerou uma pressão muito grande em cima dela, que começou a chorar e teve como consequência uma nota baixa. Diante da sua avaliação, ela resolveu conversar com seu professor:

“(…) aí eu fui e perguntei pra ele, eu não conseguia falar com ele, então minha voz não saía, mas eu falei pra ele “professor, eu sei que fui muito mal, tive vários problemas no dia da prova, problemas emocionais, psicológicos, o que o senhor poderia falar assim pra talvez me ajudar?”, aí ele não falou nada da prova, ele virou pra mim e falou assim “como você tá indo nas outras matérias?”. Aí eu olhei assim pra ele e pensei “eu faço 8 matérias, eu tenho 4 da física, 4 da Arquitetura. Na arquitetura eu só tenho SS, na física eu tenho três matérias que em todas as P1 eu tirei 10, e na sua eu tirei 1”. Eu não falei isso pra ele, mas eu só virei pra ele e falei “eu acho que tá indo bem nas outras”, aí ele falou “ah, então o problema é minha matéria?”, aí eu falei “não, a sua matéria eu sei”, aí ele falou “ah, então o problema é comigo?”, aí eu não ia falar “é óbvio, você é uma pessoa escrota, você é um lixo humano”, eu não falei nada, eu só fiquei quieta. Aí ele parou na minha frente, fez meio sorriso e perguntou “você tem medo de mim?”. Foi a primeira vez na minha vida que aquele homem olhou nos meus olhos. Ele olhou pra minha cara e falou “você tem medo de mim?”, eu dei um passo pra trás, e eu tremia, tremia, tremia. (...) aí eu fui pra trás, eu comecei a tremer, meu olho encheu de lágrima e falei “tenho, muito”. Aí ele começou a rir e falou “eu não sei porque você tem medo de mim”, aí eu fiquei olhando pra cara dele e tipo “você tem certeza, você tem certeza que você não sabe?”. Aí ele virou pra mim e falou assim “ah, o seu jeito de estudar deve ser ruim, você não deve saber estudar, por isso você não tá conseguindo fazer as provas”. E aí seguiu uma atrás da outra, indireta, indireta, indireta, nas aulas né, e era horrível, era horrível e aí eu passava na frente da sala dele e normalmente ele fica fora da sala dele e ele ficava olhando e eu ficava “ai, meu Deus”, horrível” (Física, 20 anos).

A perseguição e as indiretas em sala de aula ainda continuaram ao longo do semestre, até que na Semana da Física outro episódio aconteceu. Ela afirmou que é normal durante esse evento, os/as alunos/as do Programa de Educação Tutorial (PET) fazerem um discurso para os professores, e nesse ano ela era a responsável por ele. No início do discurso ela disse que estava calma, até que o viu na plateia rindo e balançando a cabeça negativamente. Segundo a entrevistada, as pessoas que estavam no palco junto a ela perceberam a situação:

“(…) Aí a gente saiu, eu fiquei me sentindo muito mal, e minha amiga me perguntou “qual o seu problema com o professor?” e eu “cê viu? Então não é coisa da minha cabeça”, porque eu tinha contado para a minha orientadora do curso e aí eu tinha contado pra ela e ela falou “não é coisa da sua cabeça?”, sendo que a turma inteira sabia. E aí assim, eu não tive o apoio institucional, não tive. E eu não conseguia contar para o meu orientador, porque eles eram melhores amigos e eu sabia que ele era dissimulado. Então assim, ele é uma pessoa com os professores e é outra em sala. E aí enfim. Aí ele pegou e ficou rindo, aí minha amiga veio falar comigo, ela falou “nossa, eu vi o que ele fez e foi ridículo e foi só com você” e eu “é, ele faz isso nas aulas todinhas”. E aí ela foi comigo contar para a coordenadora e aí a coordenadora acreditou e aí ela falou “ah, você quer fazer alguma coisa?”, aí eu “pra que, pra você falar com ele e ele me reprovar?”, porque era isso que ele ia fazer. Ia olhar pra mim e falar “é, você foi lá falar com alguém, tá tudo bem, você vai reprovar”. Aí eu falei assim “não, deixa terminar o semestre”. As indiretas começaram a melhorar e eu descobri que ele entrou no histórico e viu meu IRA” (Física, 20 anos).

Quando questionada se acreditava que a perseguição tinha acontecido em razão do seu gênero, ela respondeu: *“olha, quando eu tive problema no semestre passado, que foi uma perseguição relativamente pesada, eu senti que ele duvidava da minha capacidade por eu ser*

*mulher, porque com os homens ele é muito diferente. E ele trata as alunas de forma diferente”.* E quando perguntamos se ela considerava a situação uma forma de violência, foi categórica ao dizer que sim, inclusive afirmou: *“terminei o semestre derrotada, destruída, e eu tive que voltar a tomar tarja preta por causa dele, mas aí passou”.* Os sentimentos que ele despertou dentro dela também foram muito delicados:

“Cara, eu senti muita raiva por saber que assim era algo inerente a mim, não tinha o que eu fazer naquela situação, porque assim “o que eu fiz pra ta ali? O que eu fiz pra passar por tudo que eu passei? E por que eu?”. Então assim, o que eu mais me perguntava era “o que que eu fiz, por que, e porque eu?”. E tipo assim, numa turma “por que eu? Logo eu?”, a pessoa que senta na frente, que não fala durante a aula, não responde o professor, não faz nada. Ta ali, anota, copia, tenta entender e fim. Eu não tento fazer nada mais durante uma aula, nem com professor nenhum. Tanto que assim, meu orientador até fala, ele foi descobrir minha voz no dia que eu fui pedir o PIBIC pra ele, depois que a matéria tinha terminado. Então assim, eu não sou uma pessoa que eu falo muito. Então eu fico me perguntando por que, o que se passa naquela cabeça demoníaca pra ter olhado pra minha cara e falado “você não”, porque ele já fez com que outras pessoas reprovassem (Física, 20 anos).

Essa situação mostra o quanto a perseguição foi violenta para a estudante, já que precisou até mesmo de ajuda psicológica. Além disso, por mais que ela considere esse caso como uma forma de violência, percebe-se que ela tentou se culpabilizar pela situação ao buscar algum desvio em sua conduta que tivesse dado fomento pra esse tipo de atitude do professor, o que evidencia relações de poder muito claras. Ou seja, ela tentou encontrar defeitos em si mesma para justificar a violência. O contexto em que ela está inserida pode contribuir muito para isso, pois afirmou que os alunos no Instituto de Física são vistos como inferiores, o que os tornam inseguros. Ademais, também existe o fato dela ser mulher em meio a uma sociedade machista, que prioriza as características masculinas em razão das femininas, o que pode contribuir para essa insegurança.

A estudante de Engenharia Mecatrônica, que desde o início se mostrou muito incomodada com o contexto vivenciado pelas mulheres nos cursos de exatas, ao ser questionada se era comum a subestimação das mulheres na sua faculdade, afirmou:

“Muito, muito. O tempo inteiro. É porque eu acho que a gente o tempo inteiro tem que ta provando que você é capaz, que você pode ta naquela posição. Esse semestre eu tô tendo um problema com um professor porque no primeiro dia de aula ele passou um exercício, eu fiz, tava certo, ele rabiscou meu caderno e disse que tava errado. E chegou na frente da sala e começou a me usar como exemplo assim, me perguntava “ah, porque isso é assim” e eu falava “por causa disso, disso e disso”. “Ah, como que eu vou resolver isso daqui?” e eu falava e aí isso continuou acontecendo nas outras aulas, aí eu chorei muito um dia na aula e todo mundo da sala começou a perceber e a falar “ele ta te perseguindo e não sei o que”. E assim, todo mundo, os meus colegas de classe começavam a vim tirar dúvida comigo sobre a matéria. E aí ele fala na sala... esses dias um menino me perguntou “ah, como faz isso?” aí eu expliquei pra ele e o professor falou “tem alguma dúvida?” não sei o que. Aí meu colega falou “não, ela já

me explicou” e o professor “ah, então a gente não precisa de professor aqui, porque ela pode vim, pode tirar a dúvida de vocês?”. (Engenharia Mecatrônica, 26 anos).

O relato da estudante mostra que além dela ter sido mais um alvo de perseguição por parte de professor, ela precisa conviver com um sentimento de insegurança grande, pois muitos homens, que do cotidiano dela fazem parte, duvidam da sua capacidade de lidar com os números. Ela não foi a única que expressou insatisfação em precisar mostrar para os colegas que é capaz:

“Sim! Eu acho que quando você é mulher e faz... não sou engenheira, mas quando faz cursos de exatas, você tem que provar duas vezes que você é boa. Primeiro porque você é mulher e segundo porque você é boa. Então assim, a gente ta o tempo todo sabe...provando. A gente não pode fazer um cálculo... ah, igual mesmo, eu tenho que fazer esse trabalho, eu tipo assim, eu reviso o trabalho vinte vezes “gente será que realmente ta certo esse trabalho?”. Tem uma menina da física, uma doutoranda, ela faz até um projeto (...) e ela fala que quando ela vai fazer um cálculo, ela revisa três vezes o cálculo e o cara faz o cálculo e pronto. E ela se questiona porque tem essa necessidade de revisar o cálculo três vezes” (Engenharia Mecânica).

Percebe-se que o cenário é mais favorável aos homens, que têm uma menor necessidade de mostrar que são merecedores de estar naquele ambiente. Muitos já possuem como premissa que é “natural” a sua inserção em cursos que envolvem exatas. Mas como já debatido ao longo desse trabalho, a predisposição que eles apresentam com os números tem uma grande influência de construções sociais. Desde pequenos são ensinados a gostar de números e a serem racionais, enquanto as mulheres são estimuladas a ler e escrever. Conseqüentemente, ao entrarem em ambientes masculinos, são subestimadas de sua capacidade e precisam lidar com obstáculos a mais, que muitas vezes geram conseqüências psicológicas:

“Tem que saber lidar com as piadinhas, com os olhares, com é... como é que eu vou dizer, fugiu a palavra, saber lidar com aquela pessoa que sempre acha que você não vai dar conta, mas você dá. Saber surpreender, e não ficar tipo assim, abalada com a surpresa das pessoas. Porque isso vai rolar sempre, não tem jeito. Você vê que ali tem uma parada que, por exemplo, uma situação que é uma coisa que um aluno fez e uma aluna fez, tem professor que fala que ficou muito mais surpreso com a aluna ter feito, do que com o aluno ter feito. Você fala assim “mas por quê?”, se a gente tá na mesma faculdade fazendo o mesmo curso, entrou do mesmo jeito, entendeu? Não tem essa diferença intelectual. A diferença é que eu sou mulher e ele é homem, simplesmente” (Engenharia de Redes, 21 anos).

Percebe-se a partir dos relatos expostos até então, que as estudantes ao reclamarem de desqualificação intelectual citaram exemplos de professores, o que mostrou que a situação costuma ser recorrente. Esse cenário chama a atenção para dois fatores: 1) a desqualificação acontece, pois são alunas inseridas em um meio que exige dotes masculinos, e, portanto,

possuem a sua capacidade questionada. Isto é, há aqui uma influência da cultura machista a qual estamos inseridos; 2) os professores desqualificam seus/as alunos/as intelectualmente por acharem que possuem um certo poder sobre eles, já que ocupam uma posição mais elevada na hierarquia acadêmica. Normalmente são pessoas com doutorado, pós-doutorado, experiências de pesquisa em outros países, etc. Dessa forma, eles se sentem munidos para desvalorizarem seus/as alunos/as. Isso pode acontecer de uma maneira geral, porém é importante ressaltar que o gênero do/a estudante se torna um agravante para a determinação de relações de inferiorização. Foi comum encontrar nos discursos das meninas entrevistadas que ainda assim, os professores costumam ter relações mais amistosas com os homens. Uma estudante afirmou:

“As brincadeiras, elas são mais por parte dos estudantes. Que é aquela coisa que de... descontrair mesmo, entre uma aula e outra, cheguei no corredor jogando conversa fora. A desqualificação, em termos de intelecto, as vezes acontece muito por parte dos professores (...) Mais do que dos alunos. De achar que... (ênfase na fala) a aluna mulher não vai saber fazer uma coisa que um homem faria, que o aluno faria. Até porque é uma coisa que é muito masculinizada. Chegar num laboratório, desmontar um circuito, desencapar um cabo, fazer esse tipo de coisa, você não vê muita mulher fazendo isso. Tanto que tem pessoa que já acha que "ah não, mas eu vou ficar aqui que ela vai pedir ajuda". E as vezes não acontece (...) que nem já aconteceu muitas vezes de ter comentários de um professor meu no laboratório que ele falou assim, "não, eu vou te ajudar aqui se não você vai ficar com medo de quebrar a unha". Ai eu... mano, pra isso serve lixa. Pra isso serve lixa, cara. Minha unha vai quebrar, mas ela vai crescer de novo, entendeu? Mas não é porque faço a minha unha, que eu arrume o meu cabelo, que eu vou ficar com medo de meter a mão na massa ali e fazer, que se não eu não vou aprender, cara. Tô fazendo engenharia porque então? Não adianta nada” (Engenharia de Redes, 21 anos).

A estudante de Engenharia de Redes se mostrou muito incomodada com o tipo de conversa que os homens têm sobre as mulheres no ambiente do curso. Segundo ela, eles falam delas sem demonstrar nenhum respeito, o que soa desagradável. Quando perguntamos o teor das conversas, ela respondeu:

“Ah! É ele chegar e falar de uma festa que eles foram, que fulano não sei o que, que a menina queria ficar com ele e ele não queria. Ou eles falam... no carnaval, por exemplo, já escutei amigos meus do curso falando que eles apostaram pra ver quem pegava a mais feia. E eles ficavam zoando as meninas que eles tavam pegando por causa das características delas. Gente, isso não é tipo de coisa que se fala, tipo... pra que ficar desmerecendo uma pessoa também, né? E que tipo de aposta é essa, você vai pegar a menina mais feia? Isso é ridículo! Mas a gente não fala nada, deixa pra lá, porque é homem. Um dia eles vão crescer, amadurecer, entendeu?” (Engenharia de Redes, 21 anos).

Conforme a entrevistada, é justamente em razão das piadas e comentários de mal gosto que ela não gosta de frequentar o Centro Acadêmico (CA) do seu curso. Ela afirmou que este é

frequentado majoritariamente por homens, que normalmente passam o dia falando de assuntos que deixam as mulheres desconfortáveis:

“É. Tipo, tá muito homem aqui, falando muita besteira, não quero ficar. Acho que toda mulher pensa isso, né? Quando chega num lugar que tem muito homem, geralmente homem fala besteira, qualquer lugar que for, homem fala besteira. Seja de outras mulheres, seja de outros caras, seja política, seja esportes, os caras eles falam o que eles querem falar, eles não têm esse pudor. Geralmente homem não tem pudor. Então eu acho que elas sentem isso também, que é uma coisa que eu sentia quando era caloura, eu não gostava muito do CA não, até hoje eu não sou muito fã do CA não” (Engenharia de Redes, 21 anos).

Ao afirmar que os homens, no geral, falam muita besteira e que não possuem pudor na hora de expressar suas opiniões, ela torna intrínsecas a eles essas características, ou seja, as naturaliza. É como se o fato deles serem homens necessariamente está ligado, de forma já determinada, a atitudes imaturas. É justamente por isso que ela acredita que eles precisam de mais tempo para ter ações responsáveis com as mulheres. Ou seja, ao mesmo tempo que essa estudante é muito consciente do machismo que acontece no curso e sabe se impor diante dos obstáculos que aparecem em relação ao seu gênero, ela entende as atitudes masculinas como algo dado, rígido. A insatisfação dela com o comportamento dos homens do seu curso foi motivo de debate entre os/as seus/as colegas de trabalho também, no entanto acabou passando por uma situação desagradável com um engenheiro mais velho:

“E aí eu escutei um cara dizer, falou assim... "ah mas você escolheu isso ai, você não quis fazer engenharia?" e eu falei "não! eu escolhi fazer engenharia, eu não escolhi ficar escutando esse tipo de coisa". Eu não escolhi passar por isso, entendeu? E eu sei que isso aqui é uma coisa que acontece demais com as mulheres. É aquela história tipo assim, "ah a menina foi estuprada porque tava de saia curta", o que tem a ver você usar uma saia curta com você ser estuprada? Ela não escolheu isso. Não é porque ela tá com uma saia, não é porque eu faço engenharia que eu tenha que ficar escutando esse tipo de coisa, e nem passar por certos tipos de situações, não tem nada a ver! Não é sobre mim, não tem nada a ver. Eu achei ridículo o que ele me falou. Mas eu não vou ficar alimentando qualquer tipo de coisa, até porque no ambiente de trabalho você não pode fazer isso. Tem todo um código ali de conduta. Claro que eu não vou ficar ali... Eu não sou feminista, sou mulher. Tem uma diferença muito grande entre você ser feminista e você ser mulher. Eu acho que todas mulheres elas se devem ao respeito, ela deve exigir respeito. É que você é um ser humano, a diferença é que você usa calcinha, entendeu? E ali no dia fiquei tipo assim “mas que pensamento é esse? Como é que o cara pensa numa coisa dessa, o cara é casado, será que ele pensa isso da mulher dele também?”” (Engenharia de Redes, 21 anos).

Percebe-se nessa fala a resistência que a estudante aparenta ter com o movimento feminista, porém, ao longo da entrevista, essa questão acabou não sendo explorada. Quando questionada se ela considerou a atitude do seu colega de trabalho uma forma de violência, afirmou:

“Eu não achei que fosse violência, eu achei que foi uma estupidez pelo comentário infeliz, na verdade. Aquilo não é o tipo de coisa que você fala. Não tem lógica a pessoa, só porque eu tô num lugar (pausa na fala) eu sou obrigada a escutar certas coisas, não tem nada a ver. Ainda mais num ambiente de estudo. Não é uma coisa tipo assim, que é normal. Não tem lógica uma coisa dessa. Ah! Eu escolhi fazer engenharia e como pré-requisito de fazer engenharia tem que escutar esse tipo de comentário, não tem lógica” (Engenharia de Redes, 21 anos).

Aqui, mais uma vez, é possível perceber que a concepção do que é violência varia muito de pessoa para pessoa. A estudante interpretou o comentário do seu companheiro de trabalho mais como uma estupidez do que uma violência em termos psicológicos e morais. Talvez, uma mulher que tivesse um grande contato com as pautas sobre gênero veria a situação de outra forma. Não é uma visão homogênea. Ao longo de sua fala, ela mostrou ser muito consciente da segregação de gênero que acontece no interior do seu curso, mas pareceu entender as situações que aqui foram relatadas mais como uma forma de preconceito do que como uma forma de violência.

A estudante de Engenharia Mecatrônica ao ser questionada como é ser mulher na área de exatas, se mostrou muito incomodada com os assédios que acontecem dentro do curso, tanto por parte de professores, quanto por parte de alunos:

“Ah, primeiro que, nossa, tem assédio de todos os lados. É professor, entre alunos, sabe? Colegas. Os homens não aceitam que sei lá você tira nota maior que eles, que você não queira ir no cinema com eles e começa... nossa, eu já passei muita situação chata de me excluírem completamente do meu grupo porque um deles, sei lá se tava gostando de mim ou o que foi, e começou a me excluir, todo mundo da minha turma me excluiu” (Engenharia Mecatrônica, 26 anos).

Nessa situação descrita, um colega de turma começou a gostar dela, porém como não correspondeu, ele passou a colocar todas as outras pessoas da turma contra ela, o que a deixou muito sozinha. Ela nos contou que esse momento foi muito difícil e que por isso chorava bastante. Além disso, outro episódio semelhante aconteceu com a entrevistada. Houve um período no curso que ela participou da Empresa Júnior (EJ) da Engenharia Mecatrônica e como era muito competente passou a ser visada para concorrer à diretoria. Um dos seus companheiros de trabalho passou a incentivá-la, dizendo que ela era muito inteligente e capaz, mas, na verdade, por trás desse discurso, tinham segunda intenções. Ele chamou a estudante para sair, porém ela não aceitou e deixou claro que não tinha um interesse a mais. Diante da recusa, o comportamento de seu colega mudou totalmente e ele passou a difamá-la para toda a empresa, fazendo a mesma sair da EJ, já que a situação a deixou arrasada. Quando questionada de como se sentiu diante dessas duas situações, afirmou:

“(...) eu fiquei me sentindo muito mal e inclusive quando foi da empresa júnior, por exemplo, o presidente chegou a me chamar para conversar e ele falou “o que que ta acontecendo? Porque você sempre foi proativa, sempre foi empolgada para fazer as coisas”. E aí eu tava muito morta assim, eu tava chateada. Mas aí eu trouxe isso para a faculdade sabe? Eu não tinha vontade de assistir aula, eu não queria vim para a faculdade, eu não queria colocar o pé aqui. E aí depois eu comecei a fazer terapia e me ajudou bastante, mas foi um processo muito, muito ruim. (Engenharia Mecatrônica, 26 anos).

Percebe-se, então, que o caso da Empresa Júnior teve um impacto tão profundo no seu psicológico que precisou fazer terapia. Diante dessa questão perguntamos se ela considerava essas situações uma forma de violência e ela respondeu:

“Muito né? Porque é extremamente invasivo. (...) nossa, você fica se sentindo um lixo e é muito ruim, muito ruim. E eu não tinha consciência assim sabe? Eu me afastei, eu não queria vim na faculdade, eu não queria fazer nada da faculdade, eu não queria assistir aula. E eu, sei lá, eu não tinha essa consciência... Eu sabia que era por causa disso, mas não tinha tanta consciência da violência que tava por trás disso” (Engenharia Mecatrônica, 26 anos).

A estudante afirmou que quando vivenciou essas situações desagradáveis ainda não via aquilo como formas de violência, pois ocorreu logo no início do seu curso. Mas com o tempo, ao se envolver mais com a causa feminista, sua consciência a respeito disso foi se ampliando. Ou seja, para ela a UnB e a terapia foram muito importantes no processo de autoconhecimento e de percepção das pequenas violências que ocorrem no cotidiano das mulheres. Além disso, ela afirmou que os homens do curso possuem uma dificuldade muito grande em respeitar as mulheres, pois acreditam que elas têm a obrigação de sair com eles. Também questionamos se ela tinha a impressão de que essa insatisfação com os assédios masculinos era algo geral das mulheres do curso:

“Não sei, porque eu acho que em algum nível é você tem que ter uma consciência disso tudo assim. Porque eu, por exemplo, achava assédio normal e hoje em dia eu já não acho mais, sabe? Então se você for falar com elas pode ser que elas falem “não, não acho que tenha isso”. Mas é porque elas realmente não consideram isso como uma ofensa, uma invasão, um assédio mesmo. Então eu não sei assim te dizer” (Engenharia Mecatrônica, 26 anos).

A estudante de Engenharia Mecatrônica também reclamou de piadas ofensivas feitas por professores e afirmou que não costuma ter muita paciência com essas situações:

“Uma vez um professor meu tava dando aula e ele começou a falar: “Ai, isso só não é melhor do que mulher pelada” e não sei o que. E eu tava com a minha cabeça baixa e eu levantei assim o rosto para começar a xingar ele e aí ele percebeu a minha movimentação, ficou extremamente sem graça assim e parou de fazer piada do tipo



na aula. Mas geralmente se eu passo por alguma coisa eu falo “cara, você não tá enxergando?” Sabe, dá licença” (Engenharia Mecatrônica, 26 anos).

Casos de assédios também aconteceram dentro do Instituto de Física. A entrevistada da instituição em questão afirmou que estava fazendo uma matéria com um professor que não tem uma fama boa entre as alunas, pois já foi acusado de vários assédios. Sua amiga de curso, inclusive, fez uma denúncia contra ele em razão de uma situação desagradável: “*a menina que eu tinha falado pra ela vim aqui, tem um processo contra um professor por assédio sexual. Que ela tava na sala dele e ela tava lá conversando com ele e ele se achou no direito de passar a mão na bunda dela*”. Com a entrevistada não foi diferente, e ela também sofreu assédio pelo mesmo professor:

“(…) eu tenho um problema no joelho, eu nasci com os dois joelhos zoados e eu tenho displasia patelar nos dois. E aí esse semestre eu torci o joelho e eu precisava vim de short ou de saia e eu sento na frente, porque eu tenho muita miopia. E aí eu sentava na frente de saia, o que que acontecia? Ele tava lá, colocava o caderno na mesa e ficava bem assim pra minha perna (olhando). Eu fui tirar dúvida com ele da prova e ele ficava assim (olhando de cima a baixo), na minha cara (pausa). Na minha cara” (Física, 20 anos).

Ao ser questionada sobre a posição do Instituto em relação aos casos de assédio que acontecem – segundo a entrevistada também existem outros casos – ela afirmou que o IF tem a cultura de guardar esses episódios para que não gere escândalos. Dessa forma, as alunas que sofrem com isso normalmente não procuram a instituição, pois sabem que nada irá acontecer com os professores. O único caso que ela conhece que tem algo mais formal em andamento — judicial — é o da amiga dela. Em relação ao seu caso, a entrevistada afirmou:

“Eu até cheguei a falar com a minha coordenadora, mas normalmente ela pergunta se não é coisa da minha cabeça. Então eu sabia que eu não teria força pra passar por alguma coisa mais burocrática, então da mesma forma como todos os outros traumas que eu tive, eu falei que não ia mexer, porque além de você saber que você vai passar por um julgamento, você vai passar por todo um resquício, uma dor, você sabe que você vai ser julgada, você vai ser questionada e principalmente aquele negócio, tipo assim, você vai ser perguntada “você não deu brecha? Você não fez alguma coisa pra incitar isso?”. Na hora que ela me perguntou se eu tinha certeza que isso aconteceu, se não era coisa da minha cabeça, eu fiquei pensando “eu só vim de short, eu só mostrei pele, o que que tem de mais?”. Não ia dar em nada, só ia manchar meu nome e isso no instituto é pesado porque eles ficam “ah, você é problemática, você causa problema”. Eu falei que não ia manchar meu nome, deixa quieto” (Física, 20 anos).

A estudante de Engenharia Química também falou sobre a omissão por parte da instituição UnB e que os professores não são responsáveis apenas pelos episódios de desqualificação intelectual:

“É, tipo assim, já vi de professor fazer brincadeira em sala. Tipo assim, a menina pediu para fazer, sei lá... Tava acabando a aula, no final né, e aí tipo o professor passava chamada para todo mundo assinar e ia demorar muito pra passar por todo mundo. Aí uma menina pediu pra ele fazer a chamada oral, aí ele foi babacão e pegou o duplo sentido do oral, sacou? E aí todo mundo ficou tipo “que merda, hein”. Aí ela chegou a levar na ouvidoria, mas não deu em nada e a gente fica vendo ele passar de um lado para o outro lá no IQ, né? Mas rola, tipo assim, não é tão... tipo, esse tipo de causa não é muito levantada dentro do curso. Nem um pouco. Os professores não falam, os alunos não falam, essa pauta quase que não existe. Todo mundo finge que não acontece, mas rola, infelizmente” (Engenharia Química, 21 anos).

Com essas falas, nos deparamos com uma situação muito delicada: a falta de apoio institucional. Pelo relato das alunas, a Universidade de Brasília como um todo, não apenas o departamento de física, não possui uma política eficiente de punição para os agressores de dentro da instituição, que muitas vezes são os próprios professores e alunos. As estudantes se sentem muito desamparadas e na maioria dos casos precisam lidar com os danos sozinhas, sem os devidos cuidados formais e psicológicos. A partir de seus discursos, a impressão que se tem é que a Universidade está mais preocupada em manter a sua reputação no meio acadêmico do que punir os agressores. Ou seja, os rótulos são vistos como mais importantes do que a saúde física e psicológica das estudantes:

Exatamente, a gente às vezes finge “ah não, não aconteceu”. Isso não é pauta, sacou? Não é. A galera não discute e não fala. Eu não sei se é porque tem essa coisa ainda do professor ser superior que o aluno, ou porque a pessoa não vai ser apoiada. Beleza, denuncia na ouvidoria e acontece o que? Nada. Você é chamada para conversar com o professor, ele fala que não fez aquilo, todo mundo acredita e acabou, sabe? Mas eu acho que não é levantado muito por causa dessas coisas, sabe? E infelizmente isso vai só se reproduzindo, porque é entendido como permitido, e dá ruim pra todo mundo” (Engenharia Química, 21 anos).

Como já dito, uma das hipóteses defendidas por esse trabalho é a de que discussões sobre questões sociais não são levantadas nos cursos de exatas dentro de sala de aula, em razão dos conteúdos que ali são dados, que na maioria das vezes envolvem cálculos e não dão abertura para esses debates. No caso da Engenharia Química, a entrevistada afirmou que questões sobre gênero, por exemplo, não são pautas dentro do ambiente do curso como um todo, ou seja, nem em sala de aula, nem fora dela. O curso, segundo ela, não possui coletivos femininos ou grupos de alunos/as que se envolvem com essas questões. Em relação ao surgimento de debates e grupos de conscientização, ela afirmou:

“Eu acho que se for para aparecer vai vim dos alunos, eu não acho que, sei lá. Eu acho que poderia vim por forma de representação pelo Centro Acadêmico, mas eu acho que nem por livre e espontânea vontade eles fariam isso. Seria realmente um aluno que tipo “ou, bora conversar aqui sobre tal coisa”. Acho que foi a menina que me falou “nossa, você não pode ficar fora dessa”, porque eu tento fazer muito isso dentro da

EJ. Então por exemplo, perto do dia da mulher, a gente tem reunião geral né a cada 15 dias, uma pauta foi só pra gente falar disso. E tipo até... e era uma pauta bem tipo assim “fala coisa que você já ouviu aqui de meninos que foi ruim, sabe?” Aí tem isso. Na época da abolição da escravidão também já fiz, porque eu também sou engajada nessa pauta aí, eu falo mesmo. Então eu acho que tem que ser literalmente aluno se juntando para falar disso porque eu não vejo tipo, até por exemplo, do corpo discente. É que assim, não tem muita mulher sabe? Então acredito que até elas ficam meio assim de levantar essa pauta e falando mesmo sobre. Então eu acredito que se ela vinher à tona tem que ser dos alunos em si. Ou então tipo quando acontece casos muito extremos, tipo o que aconteceu com a menina do IB, a Louise. Aí todo mundo fica meio tipo “será então que a gente tem que falar disso?” Mas por exemplo, no IQ não teve nenhuma, não que eu me lembre assim, nenhuma roda de debate. Quando rolou isso aí foi quando eu vi uma professora parando a aula para falar sobre isso, aí ela falou sobre o acontecido e tudo mais, porque ela também ficou muito sentida. Porque é uma realidade muito próxima. Os lugares são próximos, era o mesmo contexto de você ter um laboratório, de só entrar gente autorizada e mesmo assim acontecer um caso desse e tals. Aí nessa época rolou sabe? Mas é meio que, acontece uma coisa muito ruim aí alguém quer falar sobre. Mas é isso” (Engenharia Química, 21 anos).

Em oposição a esta situação, a estudante de Engenharia Mecânica afirmou que, apesar de ser um curso com maioria masculina, os/as estudantes são mais engajados em relação às questões de gênero e suas consequências:

“O meu curso graças à Deus é um curso mais consciente. Os meus colegas né, do centro acadêmico fazem campanhas contra machismo, contra assédio, essas coisas. Então assim, já teve colegas que foram assediadas, que a menina falou que ia desistir do curso, entendeu? Mas assim, o coordenador ta resolvendo a situação, o DIV (Diretoria da Universidade da UnB) ta resolvendo também. Então assim, a gente vê que a gente tem uma rede. E nós temos um grupo no WhatsApp, as meninas de mecânica, então a gente sabe que tem essa rede. Sabe que se acontecer alguma coisa a gente conta lá no grupo e a gente vai resolver. Então assim, eu falo que é uma diferença na nossa vida enorme. Eu falo, gente, elas são maravilhosas as meninas do CA. Tanto que no nosso CA tem mais mulheres, então assim, mesmo o curso tendo poucas mulheres, as meninas são muito mais pra frente, muito mais né, vão atrás das coisas” (Engenharia Mecânica).

A Engenharia Mecatrônica também pareceu ser mais engajada com as questões de gênero, tanto que a entrevistada desse curso afirmou:

“Não. E assim, até a direção da FT me chamou para conversar. Muitas denúncias de assédio de alunos e tals, professores. Aí a gente acabou promovendo uma semana das mulheres da engenharia. E nós tratamos sobre assédio e foi exatamente isso assim. No primeiro dia nós convidamos uma pessoa do direito e ela é especialista em direitos humanos e tals e ela foi falar sobre violências invisíveis de gênero. Então é como os homens e mulheres recebem estímulos diferentes quando são crianças. Aí depois nós fizemos uma roda de diálogo e nós demos o nome de “Para, Brother!”. E aí o mais interessante que eu achei é que tinha muito homem. E aí foi uma professora da psicologia, uma menina do Centro de Convivência das mulheres, eu como estudante de engenharia, e o público era aberto para todo mundo com foco na engenharia porque a gente não trata sobre isso. E aí foi para falar sobre assédio, foi muito legal, tinha muitos homens, mais do que mulheres” (Engenharia Mecatrônica, 26 anos).

Com esses discursos, é possível perceber, que apesar do ambiente de exatas ser rígido com debates sobre as questões sociais, mudanças vem acontecendo em alguns cursos. Os/as alunos/as têm se mostrado cada vez mais engajados/as com as questões de gênero e tem buscado promover debates sobre isso dentro do meio acadêmico com a intenção de tornar o ambiente mais auspicioso para o convívio feminino. Entrevistadas afirmaram que o caminho ainda parece longo, porém ações como essas, que envolvem rodas de debates, são fundamentais para tornar as pessoas cada vez mais conscientes em relação a cultura machista a qual estamos inseridos e aos danos que ela promove nos corpos dos indivíduos.

Uma estudante de Química e outra de Geologia também foram entrevistadas, porém, não tiveram reclamações a fazer em relação a assédios, desqualificação intelectual, entre outras violências. Fato curioso, pois de acordo com os dados estatísticos da pesquisa “Percepções da violência contra as mulheres no *campus* Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília” a área “Ciências da Terra e Química” foi a que mais apresentou queixas sobre desqualificação intelectual. Isso mostra, mais uma vez, que a concepção do que é violência não é homogênea entre os sujeitos. Apesar disso, a entrevistada do curso de Química afirmou algo interessante: segundo ela, no primeiro semestre do curso a quantidade de homens e mulheres é muito equilibrada, porém com o passar do tempo ela se torna desigual. Assim que ingressou no curso eram 33 pessoas na sua turma, atualmente são sete, sendo que desses sete apenas duas são meninas. Ou seja, ao longo do curso a quantidade de meninas vai diminuindo. Além disso, a estudante afirmou que o único preconceito de gênero que sofreu ao longo de sua graduação foi no meio esportivo, tendo em vista que joga Rugby, um esporte de alto contato e agressividade, relacionado à masculinidade.

A estudante de Geologia afirmou que do tempo que se encontra na Universidade de Brasília nunca teve problemas com alunos ou professores dentro do ambiente acadêmico e nunca percebeu nenhuma situação de desqualificação intelectual ou de assédio, por exemplo. O máximo que ela ouviu dizer foi em relação a um professor que não tem uma fama boa entre as alunas, pois costuma dar em cima delas. No mais, ao ser questionada se ela já foi alvo de piadas de cunho sexual entre os meninos, ela afirmou que acontece bastante, mas que não considera ofensivo, tendo em vista que enxerga apenas como uma brincadeira.

Para tentar traçar uma comparação, também analisei as entrevistas das estudantes de Nutrição e Pedagogia, por serem cursos majoritariamente femininos, e da estudante de Sociologia, tendo em vista que é um curso muito engajado com as questões sociais. A estudante de nutrição, ao ser questionada se considerava o seu curso mais tranquilo e menos propício a questões de violência contra a mulher, respondeu: “*Sim, com certeza, eu acho que isso dá um*

*brecada assim nos meninos, mas quando se junta, assim, meio que todos os meninos da nutrição, aí dá mais problema”*. Ela afirmou que os rapazes que entram no curso, mesmo sendo a minoria, costumam ter atitudes machistas, até porque isso é algo cultural e independe do curso escolhido. Para ela, atualmente a situação mudou um pouco, já que antigamente se a mulher se envolvesse com algum homem do curso, ela logo tinha a sua imagem difamada. Porém, apesar disso, a estudante acredita que por estarem em um ambiente com muitas mulheres, os colegas controlam suas ações.

A entrevista da estudante de Pedagogia foi muito curiosa, já que a mesma, antes de entrar neste curso, fez Engenharia Elétrica na UnB do Gama. Ela afirmou que o ambiente masculinizado era bastante ofensivo, pois ao conversar sobre as mulheres, os estudantes comumente utilizavam adjetivos como “puta” e “piranha”. Além disso, ela relatou que uma amiga, ao ir de short para a aula, foi alvo de ataque de um professor, que perguntou como ela queria ser engenheira se vestindo de tal forma. A forte e desrespeitosa presença masculina foi um dos motivos que a fez trocar de curso. Quando questionada de qual foi a maior diferença que ela percebeu ao sair da Engenharia e entrar na Pedagogia, a entrevistada afirmou que foi a maior quantidade de mulheres no curso. Anteriormente, ela estava rodeada por homens, agora a maior parte do seu convívio é com mulheres. Em razão disso, ela afirmou que desde que trocou de curso nunca mais passou por uma situação nem ao menos parecida com o que vivenciou dentro da Engenharia em relação ao seu gênero. O maior desafio que ela diz ter encontrado no novo curso foi a falta de liberdade de expressão quando se trata de política. Conforme a entrevistada, a maioria dos/as estudantes de Pedagogia são de esquerda, e por isso não aceitam nenhuma opinião contrária da deles.

Por fim, ao conversarmos com uma estudante de Sociologia sobre a violência contra as mulheres dentro do *campus* Darcy Ribeiro, um exemplo que ela deu foi justamente de uma amiga que faz um curso de exatas:

“Eu tenho uma amiga que ela já fez mecatrônica aqui, ela faz há alguns semestres e ela me relatava... na verdade ela entrou em agronomia, ela não se adaptou ao curso e às pessoas também, que é meio difícil (risos). Ela mudou pra mecatrônica e assim, ela sempre relatava essa questão dos homens acharem que ela sabia menos simplesmente porque ela é mulher ou que ela não ia conseguir fazer nenhum cálculo, por que geralmente existem algumas aulas de exercício, e às vezes esses exercícios eram feitos em grupos e ela me relatava várias vezes que às vezes os meninos achavam que ela não ia ser capaz de conseguir fazer o cálculo por ser mulher, ou se ela simplesmente não conseguia era porque ela era mulher e não porque ela tava com dificuldade de compreender a matéria, e se tivesse com dificuldade também era porque era mulher... isso foi bastante complicado pra ela, mas no geral eu vejo muito desrespeito aqui dentro”

Durante a conversa perguntamos se ela acredita que o fato dela fazer parte de um curso totalmente engajado com as questões sociais podia tornar menos comum a prática de violência contra mulheres. Diante da pergunta, a entrevistada respondeu:

“eu acho que sim, também porque eu acho nosso curso bastante misto, acho que ainda existem mais meninas do que meninos, então acho que sim, eu também gosto de acreditar que sim (risos). Eu acho que muda a questão do olhar, eu acho que a gente consegue enxergar melhor uma situação de opressão, uma situação de preconceito porque às vezes é tudo muito velado” (Sociologia, 22 anos).

Os exemplos desses três cursos mostram que o fato do ambiente ser majoritariamente feminino ou mais consciente em relação às questões de gênero inibe os homens de terem atitudes violentas. As três estudantes dos referidos cursos, ao falarem de situações de violência que já sofreram no decorrer de suas graduações em razão de seu gênero, afirmaram que elas não estavam relacionadas com a desqualificação intelectual em função de suas escolhas acadêmicas, nem ocorreram no ambiente acadêmico. Na verdade, foram assédios nas ruas, em festas - inclusive universitárias – ou no ambiente de trabalho. Mas é válido lembrar: isso não quer dizer que elas estão imunes de sofrerem violência no interior do ambiente acadêmico, apenas que são menos propícias quando comparadas às meninas de exatas, que se encontram em meios masculinizados.

## Considerações Finais

Os dados quantitativos apontaram a desqualificação intelectual como o tipo de violência sobre o qual as estudantes dos cursos de exatas mais se queixaram. Nas entrevistas, a informação se confirmou. De fato, a maioria delas, em algum momento de sua trajetória acadêmica, tiveram a sua inteligência subestimada pelos colegas de curso e principalmente pelos professores. Foi muito recorrente nas falas a afirmação de que a todo instante precisam mostrar que são capazes e merecedoras de ocuparem aquele lugar. Esse fato acontece, pois a presença de mulheres em cursos que envolvem números ainda sofre grande resistência, já que normalmente a figura feminina é relacionada às atividades de cuidado e educação. A modernidade permitiu que as mulheres tivessem mais espaço no mercado de trabalho e em ambientes onde se produzem conhecimento, mas isso não indica que elas não sejam mais alvo de preconceito e violência. O patriarcado tradicional não existe mais, porém agora ele está revigorado e adquiriu uma nova roupagem. As alunas de exatas da UnB não são impedidas de investirem na sua educação, mas muitas vezes pagam um preço alto por isso, como as próprias falas aqui apresentadas demonstraram.

Além da desqualificação intelectual, as estudantes também afirmaram serem alvos de assédios. Os discursos variaram, pois enquanto algumas disseram que a relação com os estudantes era mais tranquila em todos os sentidos, outras afirmaram que comumente ouvem piadas de mal gosto da parte deles. Uma das entrevistadas foi muito categórica ao dizer que se sente muito desrespeitada pelas falas de seus colegas, tanto que evita frequentar o Centro Acadêmico de seu curso. Esse ambiente, segundo ela, costuma ser frequentado pelos homens, que em suas rodas de conversas direcionam xingamentos às meninas que se relacionaram, além de desvalorizá-las. Outra entrevistada afirmou que passou por situações em que companheiros de curso acreditaram, por ela ser uma das poucas mulheres do meio, que tinham a liberdade de ter ações mais invasivas, que quando não correspondidas gerou situações de desconforto e violência psicológica, como a sua difamação entre os colegas e até a sua exclusão do grupo de amigos.

Os professores também foram acusados de praticarem atos de assédio. Os mesmos costumam se dirigir às alunas de uma forma desrespeitosa, desvalorizando-as enquanto mulheres e até mesmo as colocando em condições de objetos sexuais. Uma das entrevistadas afirmou que já foi alvo de olhares inapropriados de um de seus professores do Departamento de Física, que inclusive está respondendo um processo na justiça por ter tocado no corpo de

outra aluna. Entrevistadas afirmaram que ações como essas são comuns e que normalmente os professores não recebem punições da instituição, gerando a sensação de desamparo e impotência. Mesmo sabendo que tiveram os seus corpos ou sua moral violados, muitas deixam de ir atrás dos seus direitos por medo de serem julgadas ou desacreditadas por superiores de sua faculdade. Essa situação mostra o quanto as violências mais sutis ainda são muito desvalorizadas dentro da sociedade e como as instituições costumam proteger seus professores mesmo quando errados, para que não surjam problemas maiores e para não prejudicarem suas reputações. Ademais, muitos agressores agiram de forma natural após o ato de violência, evidenciando o quanto ações de desrespeito às mulheres são consideradas comuns.

Esse trabalho mostra como as práticas aqui relatadas podem ser violentas, pois muitas geraram danos psicológicos sobre as alunas. Duas das entrevistadas, inclusive, afirmaram ter feito terapia após serem alvo de tais práticas. Entretanto, a visão do que é violência não foi homogênea entre as estudantes. Uma delas afirmou que ao ser chamada pelos seus amigos por nomes inapropriados e de cunho sexual não se sentia incomodada, pois sabia que aquilo era uma brincadeira. Esse cenário mostra que a consciência das pessoas em relação a esse tipo de temática varia muito de acordo com o contexto social em que vivem. Uma boa parte das entrevistadas dos cursos de exatas, por exemplo, que consideram as situações que sofreram como violências, são engajadas com os debates sobre os direitos das mulheres e afirmaram que suas consciências a respeito do tema ampliaram quando ingressaram na universidade.

Outro dado interessante foi que, ao mesmo tempo que existem cursos em que o debate sobre gênero é totalmente ausente (Engenharia Química e Física), em outros ele se torna cada vez mais presente, que é o caso da Engenharia Mecatrônica e da Engenharia Mecânica. Nestes, as estudantes se reúnem em coletivos ou grupos comprometidos com as pautas feministas e, conseqüentemente, promovem debates dentro de suas faculdades. As entrevistadas dos dois cursos, inclusive, afirmaram a grande presença dos homens em eventos promovidos sobre gênero e o interesse dos mesmos em entender melhor a situação de opressão vivenciada pelas mulheres. Essa junção é muito importante, pois falar de gênero, não é falar apenas daquilo que a sociedade espera das mulheres, mas também da construção de masculinidades, que costuma ser bastante nociva a quem a recebe.

Por fim, esse trabalho visa entender melhor o cenário de segregação de gênero, preconceito e violência vivenciado pelas estudantes dos cursos de exatas dentro do *campus* Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília. Os dados mostram que apesar dos avanços conquistados pelas mulheres ao longo de muitos anos de luta, a situação ainda tem muito a melhorar. Falar de violência contra mulheres, não é falar apenas de agressão física, mas também de desqualificação



intelectual em razão do seu gênero, por exemplo. Falar de violência contra mulheres não é pensar apenas no agressor como uma figura desconhecida em um beco escuro, mas também em professores e estudantes dentro dos ambientes acadêmicos. Como já foi dito por diversas vezes ao longo desse trabalho, a violência contra a mulher é uma questão cultural, que está no seio da sociedade e que ao longo dos séculos foi adquirindo novas configurações e se readaptando conforme os contextos.

## Referências Bibliográficas

ABRAMO, L. **Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária?** In: HIRATA, H.; SEGNINI, L. (Coord.) Organização, trabalho e gênero. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2007. p. 21-41.

AQUINO, E. M.L. **Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade.** In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as mulheres. Pensando gênero e ciência: encontro nacional de núcleos e grupos de pesquisas – 2005, 2006. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006. p. 11-21.

BANDEIRA, Lourdes. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação.** Revista Sociedade e Estado - Volume 29 Número 2 Maio/Agosto 2014.

BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete P. de. **Tempos e Memórias: Movimento Feminista no Brasil.** Brasília - DF: Secretaria de Políticas para as mulheres, 2010.

BRUSCHINI, C. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. Cadernos de Pesquisa.** V.37, n.132, p.537-572, 2007.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. **Médicas, arquitetas e advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras profissionais de prestígio.** Revista Estudos Feministas, v. 7, n. 1-2, 1999.

CARDOSO, LÍVIA; SANTOS, JAILMA. **Relações de gênero em um currículo de matemática para os anos iniciais: quantos chaveiros ele tem?** Ensino Em Re-Vista, v. 21, n. 2, o. 341 – 352, jul/dez. 2014.

CARVALHO, M. E. P. **Gênero e carreiras universitárias: o que mudou?** In: Seminário Internacional fazendo gênero: gênero e preconceitos, 7., 2006, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 2006.

CARVALHO, M. E. P. **Gênero, educação e ciência.** In: Machado, C.J.S.; SANTIAGO, I. M. F. L.; NUNES, M. L. S. (Org.). *Gênero e práticas culturais: deságios históricos e saberes interdisciplinares.* Campina Grande: EDUEPB, 2010 a. p. 231-248.

CARVALHO, M. E. P. **O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula.** *Revista de Educação Pública*, v. 21, n. 46, p. 401-412, 2012.

CARVALHO, M. E. P. **Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p.185-193, 2003.

CARVALHO, M. E. P; ANDRADE, F. C. B.; JUNQUEIRA, C. S (Org.). **Equidade de gênero e diversidade sexual na escola: por uma prática pedagógica inclusiva.** João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2009.

CARVALHO, M. E. P; RABAY, G. **Gênero e educação superior: apontamentos sobre o tema.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais.** São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, Raewyn. **Gênero e corporificação na sociedade mundial.** *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, vol. 3, n.1, 2015, pp. 281 – 287.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). **Bolsas no país: distribuição segundo grande área e sexo do bolsista** – 2014. <http://www.cnpq.br/documents/10157/adb76b26-3a8a-4478-9605-e7325e9de50e> -28/06/2018

DELPHY, C. **Patriarcado (teorias do).** In: HIRATA, H. et al. (orgs). *Dicionário crítico do feminismo.* São Paulo: Editora UNESP, 2009. P. 173-178.

Grupo de Pesquisa Femivida (NEPeM/CEAM/UnB). **Percepções da violência contra as mulheres no campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília.** Brasília-DF, 2018.

HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo. Boitempo, 2002.

INEP. **Censo da educação superior: 2015** – resumo técnico. Brasília-DF: INEP, 2018.

INEP. **Censo da educação superior: 2013** – resumo técnico. Brasília-DF: INEP, 2015.

KERGOAT, D. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo.** In: HIRATA, H. et al. (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67-75.

KÜCHEMANN, Berlindes Astrid, BANDEIRA, Lourdes e ALMEIDA, Tânia Mara C. **A categoria gênero nas ciências sociais e sua interdisciplinaridade.** Revista do CEAM. Vol 3. N 01, 2015.

LOMBARDI, M. R. **Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional.** Cadernos de pesquisa, v. 36, n. 127, p. 173-202, 2006.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 2011.

OLINTO, G. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil.** Inclusão Social, Brasília, v.5, n.1, p.69-77, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, T. S. **A inserção das mulheres na construção civil: um retrato midiático sobre a expressão e reprodução da feminilidade no setor.** In: YANNOULAS, S. C. (Coord). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações.** Brasília: Editorial Abaré, 2013, p. 137 – 156.

QUEIROZ, D. **O acesso ao ensino superior: gênero e raça.** Caderno CRH, v. 14, n. 34, p. 175-197, 2001.

Universidade de Brasília. **Anuário Estatístico da UnB 2017: Período de 2012 a 2016.**  
Brasília-DF: UnB, 2017.

VAZ, DANIELA. **O teto de vidro nas organizações públicas: evidências para o Brasil.**  
Economia e Sociedade, Campinas, v. 22, n. 3 (49), p. 765-790, dez. 2013.

## ANEXOS

## Anexo 1- Áreas do conhecimento do CNPQ

<b>Cursos de graduação do <i>Campus</i> Darcy Ribeiro segundo as áreas do conhecimento do CNPQ</b>	
<b>Áreas segundo CNPQ</b>	<b>Cursos</b>
<b>Ciências Exatas e da terra</b>	Matemática, Estatística, Física, Química, Ciência da Computação, Geologia, Geofísica.
<b>Ciências Biológicas</b>	Biologia
<b>Engenharias</b>	Civil, Elétrica, Mecânica, de Redes, da Computação, de Produção.
<b>Ciências da Saúde</b>	Medicina, Odontologia, Farmácia, Enfermagem, Nutrição, Saúde Coletiva, Educação Física.
<b>Ciências Agrárias</b>	Agronomia, Engenharia Florestal, Medicina Veterinária.
<b>Ciências Sociais Aplicadas</b>	Direito, Administração, Economia, Arquitetura e Urbanismo, Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Comunicação Social, Serviço Social, Desenho Industrial, Turismo.
<b>Ciências Humanas</b>	Filosofia, Antropologia, Sociologia, História, Geografia, Psicologia, Pedagogia, Ciência Política
<b>Linguística, Letras e Artes</b>	Letras, Artes Plásticas, Fundamentos e Críticas das Artes, Dança, Teatro, Fotografia, Cinema, Artes do Vídeo, Educação Artística, Música.
<b>Outros</b>	Engenharia Mecatrônica e Relações Internacionais.
<b>Cursos não mencionados pelo CNPQ</b>	Ciências Contábeis, Gestão de P. Públicas, Biotecnologia, Ciências Ambientais, Design, Engenharia Ambiental, Engenharia Química, Comunicação Organizacional, Gestão de Agronegócio, Química Tecnológica.

Fonte: Grupo FEMIVIDA a partir de informações fornecidas pelo site do CNPQ.

### Anexo 2 – Áreas do Conhecimento

<b>Cursos de graduação do Campus Darcy Ribeiro segundo as áreas do conhecimento</b>	
<b>Área do Conhecimento</b>	<b>Cursos</b>
<b>Ciências Sociais Aplicadas</b>	Arquitetura e Urbanismo, Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Comunicação Organizacional, Comunicação Social, Gestão de Políticas Públicas, Serviço Social, Turismo, Administração, Ciências Econômicas, Ciências Contábeis.
<b>Humanidades e Artes</b>	Psicologia, Ciência Política, Ciências Sociais, Direito, Filosofia, Geografia, História, Relações Internacionais, Artes Cênicas, Artes Visuais, Design, Música.
<b>Linguística, Letras e Educação</b>	Letras, Libras, Pedagogia
<b>Saúde e Bem-Estar Social</b>	Enfermagem, Farmácia, Nutrição, Odontologia, Saúde Coletiva, Educação Física, Medicina.
<b>Agricultura e Veterinária</b>	Agronomia, Gestão do Agronegócio, Medicina Veterinária.
<b>Meio Ambiente e Biológicas</b>	Ciências Ambientais, Ciências Biológicas, Biotecnologia, Engenharia Ambiental, Engenharia Florestal
<b>Ciências da Terra e Química</b>	Geofísica, Geologia, Química e Engenharia Química
<b>Ciências Exatas</b>	Ciências da Computação, Engenharia da Computação, Estatística, Física, Matemática.
<b>Engenharias</b>	Engenharia Civil, Engenharia de Computação, Engenharia de Produção, Engenharia de Redes de Comunicação, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Mecatrônica.

Fonte: Grupo FEMIVIDA a partir de informações fornecidas pelo site do CNPQ.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO



**Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares**



**Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher**

Projeto de PIBIC edital 2017/2018

#### **“Percepção da violência contra a mulher no *Campus* Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília”**

Autoras: Fernanda Mendes e Ismene Castro

Orientadora: Lourdes Bandeira

Co-orientadora: Ana Paula Martins

**AVISO:** Asseguramos a confidencialidade e o sigilo das informações/opiniões aqui expressadas, de forma que só serão utilizadas para efeitos de pesquisa científica e de modo anônimo.

#### **Instruções**

- 1- O questionário deve ser respondido à caneta.
- 2- Por favor, caso não queira responder a alguma pergunta coloque um traço (\_\_\_) no espaço de resposta da mesma.
- 3- Sempre que solicitado, se possível, descreva a situação vivida.
- 4- Existem no final do questionário algumas linhas reservadas para observações, sugestões e críticas. Sinta-se à vontade para utilizá-las.

Nº: |\_\_|\_\_|\_\_|

Data de preenchimento: |\_\_|\_\_| |\_\_|\_\_| |\_\_|\_\_|\_\_|\_\_|



## I – IDENTIFICAÇÃO

1- Idade: |\_\_|\_\_|

1 Unidades Acadêmicas (Faculdade/Departamento/Instituto): \_\_\_\_\_

3- Período de estudo: ( ) Integral ( ) Noturno

4- Curso: \_\_\_\_\_

5 - Ano de Ingresso: |\_\_|\_\_|\_\_|\_\_|

6- Raça/Cor (Autonomação): ( ) Branca ( ) Parda ( ) Preta ( ) Amarela ( ) Indígena  
( ) Outras: \_\_\_\_\_

7- Estado Civil: ( ) Solteira ( ) Casada ( ) União Estável ( ) Divorciada ( )  
Outros: \_\_\_\_\_

8- Orientação Sexual: ( ) Heterossexual ( ) Bissexual ( ) Homossexual

9- Identidade de Gênero: ( ) Cisgênera\* ( ) Transgênera\*\*

10- Possui Filhos (as)? ( ) Sim ( ) Não

11- Religião: \_\_\_\_\_

12- Local de residência: \_\_\_\_\_

13- Meio de transporte utilizado para se locomover até a universidade: ( ) A pé ( ) Bicicleta  
( ) Carro Próprio ( ) Carona ou Lotação ( ) Ônibus  
Outros: \_\_\_\_\_

14- Tem renda própria? ( ) Bolsista ( ) Estagiária ( ) Outros  
Faixa de renda familiar em Salários mínimos: \_\_\_\_\_

15 - Qual o seu tempo diário de permanência no *Campus*?  
( ) De 2 a 4 horas ( ) De 4 a 8 horas ( ) De 8 a 12 horas ( ) Mais de 12 horas

\***cisgênera** é a identidade da pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Por exemplo: uma pessoa que possui características biológicas típicas do gênero feminino e que se identifica como uma mulher.

\*\* **transgênera** é a identidade da pessoa que se identifica com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído no nascimento. Por exemplo: uma pessoa que nasce com características biológicas típicas do gênero masculino, mas que se sente pertencente /se identifica como mulher.

## II- VIOLÊNCIA OCORRIDA NO *CAMPUS*

1 a - Você já sofreu algum tipo de violência (desqualificação intelectual, ofensas, humilhações, uso indevido de imagem, xingamentos, intimidações, invisibilidade, ser forçada a participar de trotes, ser forçada a ingerir drogas ou ser drogada sem consentimento, destruição de bens e materiais pessoais, assédio sexual, tentativa de estupro, estupro) no *Campus*?

Sim  Não\*

Descrever:

---

1 b - Você já sofreu algum tipo de violência no caminho de ida ou de volta para o *Campus* ou dentro das imediações da UnB?  Sim  Não\*

Espaço ou transporte público  Espaço ou transporte privado

Onde? \_\_\_\_\_

\*Se respondeu não, vá para a pergunta 12.

2- Marque o tipo de violência sofrida (todas as violências já sofridas):

Psicológica/Moral/Emocional (desqualificação intelectual, ser ofendida, humilhada, uso indevido de imagem).

Física (danos à integridade física)

Patrimonial (destruição de bens e materiais pessoais)

Sexual (assédio sexual, tentativa de estupro, estupro).

Racial (injúria, preconceito e violação de direitos).

Les/Bi/Transfóbica (injúria, preconceito e violação de direitos).

Coerção (trotes, ser forçada a ingerir bebidas alcoólicas/drogas, ser drogada sem conhecimento; ser forçada a participar de atividades como leilões, desfiles, etc.; ser obrigada a realizar atividades e/ou desistir de realizá-las, etc.).

Institucional (cerceamento de acesso, escuta e participação em atividades/processos institucionais)

Outras:

Descreva:

---

3- Em qual turno ocorreu a agressão? (assinale todas as opções, se necessário).

Matutino

Vespertino

Noturno

4- Em qual ocasião (lugar) a(s) agressão (os) ocorreu (ram)? (Marque todas as alternativas necessárias)

Trote

Festas e confraternizações universitárias( *happy hours* etc.) no *Campus*

Festas e confraternizações universitárias (*happy hours* etc.) fora do *Campus*

Sala de aula

Trajeto, espaços de circulação internos nos prédios/instalações e áreas verdes Onde? \_\_\_\_\_

Dependências físicas da Universidade (Estacionamento, Restaurante Universitário, Biblioteca Central de Estudantes, Reitoria, Instituto Central de Ciências, Centro Acadêmico, Departamentos, Casa do Estudante Universitário, Centro Olímpico, Áreas comerciais próximas ao *Campus*, Bancos etc.).

Onde? \_\_\_\_\_

Parada de ônibus no *campus* ou nos arredores:

Outras: \_\_\_\_\_

5- O (a) agressor (a) era:

Mulher  Homem

6- Quais era o seu nível de relação/vínculo/intimidade com o (a) agressor (a)?

Namorado(a)

Ex-Namorado(a)

Ficante ou parceiro(a) sexual eventual

Conhecido(a)

Desconhecido(a), mas já o(a) viu circulando pelo *Campus*.

Totalmente Desconhecido(a)

7- Qual o tipo de relação do (a) agressor (a) com a comunidade acadêmica?

Estudante

Docente

Servidor(a) terceirizado(a)

Servidor(a) do quadro

Comerciante; locatário(a) do espaço da UnB.

Desconhecido (a)

Uma pessoa que não faz parte da comunidade acadêmica

Outros: \_\_\_\_\_

8- Quais foram as atitudes do (a) agressor (a) após a prática da violência?

Agiu naturalmente

Ameaçou

Intimidou

Fez piadas com o caso

Outros:

Descreva:

---



---

9- Você acha que essas agressões estão relacionadas com sua condição racial?

Sim  Não

10- Você acha que essas agressões estão relacionadas com sua orientação sexual?

Sim  Não

11- Você acha que essas agressões estão relacionadas com sua identidade sexual?

Sim  Não  (PERGUNTA INVALIDADA)

12- Quais são as práticas de violência contra as estudantes que você identifica como sendo as mais recorrentes no *Campus*? Assédios ( ) Violências sexuais ( ) Violências físicas ( ) Violências morais ( ) Violências institucionais ( ) Outras ( )

13- Você já presenciou algum tipo de violência sofrida por alguma estudante no *Campus*?

( ) Sim ( ) Não

Descreva:

---



---

14- Você conhece (já ouviu falar de) casos de violência às estudantes no *Campus*?

( ) Sim ( ) Não

15 - Você conhece (já ouviu falar de) o andamento de alguma denúncia de violência às estudantes ocorrida no *Campus*?

( ) Sim ( ) Não

16 - Você conhece (já ouviu falar de) algum (a) agressor (a) que continua no convívio com as estudantes no *Campus*? ( ) Sim ( ) Não

17- Você já foi ameaçada?

( ) Sim ( ) Não

Descreva:

---



---

18- Você já foi vítima de piadas ou cantadas ofensivas?

( ) Sim ( ) Não

Descreva:

---



---

19- Você já foi beijada/ agarrada/ encurralada/ teve seu corpo (ou partes dele) à mostra, com uso ou não de força física, por uma pessoa conhecida ou não, contra a sua vontade e que te deixou desconfortável ou constrangida durante sua vida universitária ou nas dependências da UnB?

( ) Sim ( ) Não

Descreva:

---



---

20- Você já passou por alguma situação de “mão boba” ou semelhante, com uso ou não de força física, por uma pessoa conhecida ou não, contra a sua vontade durante sua vida universitária ou nas dependências da UnB?

( ) Sim ( ) Não

Descreva:

---



---

21- Você já se sentiu intimidada ou coagida a fazer ou a se comportar ou a participar de algo que não queria por algum (a) docente ou servidor (a) da Universidade de Brasília ou servidor (a) terceirizado (a)?

Sim  Não

Descreva:

---

22- Você já se sentiu intimidada ou coagida a fazer ou a se comportar ou a participar de algo que não queria por algum (a) estudante da Universidade de Brasília?

Sim  Não

Descreva:

---

23- Você já participou contra a sua vontade ou por medo de exclusão ou de retaliação de festas, trotes ou outras atividades universitárias nas dependências da UnB ou fora dela?

Sim  Não

24- Você conhece (já ouviu falar de) alguma estudante que tenha participado contra a sua vontade ou por medo de exclusão ou de retaliação de festas, trotes ou outras atividades universitárias nas dependências da UnB ou fora dela?

Sim  Não

25- Em uma escala, quão vulnerável a sofrer violência você se sente ao circular pelo /no *Campus*?

Segura

Parcialmente segura

Indiferente

Parcialmente vulnerável

Totalmente vulnerável

Porquê?

---

---

---

### III Medidas e Providências

1-Você buscou ajuda após a violência sofrida? Se sim, de quem? (Marque todas as alternativas necessárias)

- ( ) Amigos ( ) Não Sofri Violência  
 ( ) Familiares  
 ( ) Docentes  
 ( ) Servidores  
 ( ) Coletivos de estudantes  
 ( ) Movimento de Mulheres  
 ( ) Casa ou associação de apoio  
 ( ) Instância universitária. **Qual?** Especifique: \_\_\_\_\_  
 ( ) Serviço de atendimento à saúde  
 ( ) Serviço de assistência social (CRAS, CREAS).  
 ( ) Comunidade religiosa  
 ( ) DEAM ou outras Polícias  
 ( ) Outros: \_\_\_\_\_

2- Você fez algum tipo de denúncia da violência sofrida? (em caso positivo marque todas as alternativas necessárias:

- ( ) Denúncia dentro da Universidade ( ) Não Sofri Violência  
 ( ) A) Ouvidoria  
 ( ) B) Diretoria da Diversidade  
 ( ) C) Coordenação de graduação do curso  
 ( ) D) Centro Acadêmico do curso e/ou DCE  
 ( ) E) Outro órgão institucional da UnB. Especifique: \_\_\_\_\_  
 ( ) Denúncia fora da Universidade

Descreva:

---



---

3 - Caso tenha respondido não, você acha que algum desses fatores teve influência em sua decisão para não denunciar? (Marque todas as alternativas necessárias)

- Medo de retaliação  Não Sofri Violência  
 Medo de exposição  
 Medo de não ser ouvida/levada a sério  
 Medo de não ter provas suficientes  
 Não queria envolvimento com a justiça, polícia, UnB.  
 Desconhecimento dos mecanismos de denúncia  
 Inexistência de mecanismos de denúncia  
 Ineficiência do sistema de investigação e punição  
 Sentimento de culpa ou nojo pela violência sofrida  
 Preferiu resolver sozinha  
 Preferiu recorrer a terceiros  
 Preferiu recorrer a familiares  
 Preferiu recorrer a uma comunidade religiosa  
 Outro(s) fator (ES). Qual? \_\_\_\_\_

4- Você conhece (já ouviu falar de) algum tipo de instância de acolhimento disponível às estudantes vítimas de violência no *Campus*?

- Sim  Não

Quais? \_\_\_\_\_

5- Você conhece (já ouviu falar de) algum tipo de instância de denúncia disponível às estudantes vítimas de violência no *Campus*?

- Sim  Não

Quais? \_\_\_\_\_

6- Você considera suficiente e adequado o atendimento que a Universidade oferece às estudantes vítimas de violência?

Sim     Não tenho conhecimento     Não

Por quê?

---

---

---

7- O que poderia ser feito para coibir e enfrentar a violência contra as estudantes no *Campus*?

---

---

---

8 - Você considera importante o debate acerca da violência contra a mulher no *Campus*?

Sim  Não

Por quê?

---

---

---

9 - Você considera que as estudantes mulheres da UnB encontram-se em situação de maior vulnerabilidade a sofrer violência no *Campus* do que estudantes mulheres de/em outras universidades do Distrito Federal/Brasília?

Sim  Não

Por quê?

---

---

---



10 – Você acha que numericamente os (as) agressores (as) são predominantemente:

- Estudantes
- Servidores (as) terceirizados (as)
- Servidores (as) do quadro
- Pessoas de fora da UnB que circulam no *campus*

11- Você já sofreu assédio por parte de algum (a) professor (a) ou de algum (a) servidor (a)?

- Sim     Não

Descreva:

---

---

Observações: \_\_\_\_\_

---

---

## APÊNDICE 2: CARTA DE AUTORIZAÇÃO

### SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO PARCIAL DE DADOS

Às senhoras Prof. Dr<sup>a</sup> Lourdes Maria Bandeira e Prof. Dr<sup>a</sup> Ana Paula Antunes Martins,

Eu, Gabriella Dourado da Silva, estudante de graduação de Sociologia da Universidade de Brasília, portadora da matrícula 14/0021213, venho por meio deste solicitar autorização para o uso parcial dos dados da pesquisa “Percepções da violência contra as mulheres no Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília”, do grupo FEMIVIDA, de SEI 23106.044149/2018-55. As informações serão utilizadas no meu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como objetivo analisar os tipos de violências sofridas pelas estudantes dos cursos de exatas do Campus Darcy Ribeiro, e está sob orientação do professor Luis Augusto Sarmiento Cavalcanti de Gusmão. Dessa forma, peço para utilizar os seguintes dados:

- 1) Perfil socioeconômico de todas as estudantes respondentes;
- 2) Percentual geral de estudantes que já sofreram algum tipo de violência no Campus;
- 3) Percentual de estudantes que já sofreram algum tipo de violência no Campus de acordo com a área do conhecimento;
- 4) Quem são os/as agressores/as (percentual geral); quem são os/as agressores/as (de acordo com as estudantes de exatas);
- 5) Percentual de estudantes da área de exatas que já sofreram desqualificação intelectual;
- 6) Percentual de estudantes que já sofreram desqualificação intelectual de acordo com a área do conhecimento;
- 7) Atitude do/a agressor/a (percentual geral); e atitude do/a agressor/a (de acordo com as estudantes de exatas);
- 8) Relação do/a agressor/a com a Comunidade (percentual geral); e relação do/a agressor/a com a Comunidade (de acordo com as estudantes de exatas);
- 9) Entrevistas das estudantes de Química, Geologia, Engenharia Química, Engenharia Mecânica, Engenharia Mecatrônica, Engenharia de Redes, Física, Nutrição, Pedagogia e Sociologia (as entrevistadas não serão analisadas por completo).

Contando com a autorização, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

Brasília, 25 / 06 / 2018



Gabriella Dourado da Silva



Luis Augusto Sarmiento Cavalcanti de Gusmão

### APÊNDICE 3: TÓPICO GUIA DAS ENTREVISTAS

- **Objetivos/apresentação da pesquisa:** pesquisa qualitativa e quantitativa que visa conhecer e compreender o cenário de violência contra as estudantes no Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília. Queremos de alguma forma contribuir com subsídios para políticas e ações que coíbam e enfrentem a violência nesse ambiente, levando em consideração que se trata de um espaço de formação de pessoas e que têm impacto sobre suas vidas e vivências no mundo
- **Entrega e assinatura do termo de consentimento**

#### Perguntas motivadoras:

- Fale um pouco sobre você. Como você se entende como sujeito? Como é pra você estar na Universidade?
- O que você pretende? Quais são seus sonhos?
- Como é viver aqui? Quais dificuldades você enfrentou? Como é o choque entre expectativa e realidade? Como foi e está sendo o processo de estar na universidade? Com quem você se identifica, quais as suas referências?
- Fale um pouco sobre as situações/algum caso que você entenda como emblemático pelo qual você tenha passado/vivido.
- Como você se sentiu depois? Como se deu o processo de autopercepção de que aquilo foi uma violência?
- O que você fez depois? Como agiu? Acha que deveria ter agido de outra maneira? Contou para alguém?
- Como essa experiência se relaciona com seu aprendizado/processo acadêmico?
- **Você gostaria de dizer mais alguma coisa?**

**APÊNDICE 4: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Universidade de Brasília**  
**Grupo FEMIVIDA (NEPEM/CEAM)**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E AUTORIZAÇÃO  
 PARA USO DE VOZ/IMAGEM PARA FINS ACADÊMICOS**

Eu, \_\_\_\_\_, inscrita no RG/CPF sob o n. \_\_\_\_\_, e na Universidade de Brasília sob a matrícula \_\_\_\_\_ no gozo das minhas capacidades civis, enquanto aluna do *campus* Darcy Ribeiro, concordo em participar voluntariamente da Pesquisa “Percepção da violência contra as mulheres no *Campus* Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília”, realizada no âmbito dos estudos de graduação e de PIBIC do Grupo de Pesquisa Femivida, coordenado pelas Profas. Dra.s Ana Paula Antunes Martins e Lourdes Maria Bandeira e, nesta etapa, mais diretamente executada pelas estudantes Gabriella Dourado da Silva e Fernanda Mendes Dias. Fui devidamente informada e esclarecida pelas pesquisadoras responsáveis sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos. Declaro ainda que, considerando o método empregado, baseado em entrevista registrada por equipamento de som, autorizo a veiculação do registro da conversa, para fins acadêmicos, com a ocultação de meu nome, de minha identidade e de informações que possam vir a me identificar.

Brasília, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_/

\_\_\_\_\_  
 Assinatura (por extenso) da participante

\_\_\_\_\_  
 Fernanda Mendes Dias

\_\_\_\_\_  
 Gabriella Dourado da Silva